



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

CENTRO REGIONAL DAS BEIRAS

DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA, CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

ESSENCIALIDADE: MAIS COM MENOS.

Um lugar alcançável.

*Trabalho de Projecto apresentado à Universidade Católica
Portuguesa para a obtenção do grau de mestre em Arquitectura*

Orientador: Arquitecto António da Silva Ferreira de Carvalho

Co-orientadores: Professor Arquitecto Gonçalo de Sousa Byrne e Socióloga Carina Sousa Gomes

Por

Daniela Filipa de Almeida Meneses

AGRADECIMENTOS

Devo e quero agradecer a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho de projecto.

Em primeiro lugar quero agradecer às pessoas que orientaram este trabalho e sem as quais ele não seria possível. Ao Arquitecto António da Silva Ferreira de Carvalho, ao Professor Arquitecto Gonçalo de Sousa Byrne e à Socióloga Carina Sousa Gomes, por toda a disponibilidade e apoio que sempre demonstraram.

Aos meus pais, Esmeralda e João, agradeço por sempre me terem apoiado ao longo de toda a minha vida. À minha irmã, Ana, e aos meus avós, Manuel e Maria, por toda a força e apoio que sempre me deram. Ao Tobias, por todo o carinho e força que me transmitiu em todos os momentos. A todos os meus docentes e colegas que, ao longo dos anos, ajudaram no enriquecimento da minha formação académica e pessoal. Ao meu namorado Lucas, agradeço por estar sempre presente ao meu lado, pela ajuda e apoio incondicional e principalmente por todo o carinho e confiança que sempre me transmitiu.

A todos quantos contribuíram para a realização deste trabalho, um sincero muito obrigado.

RESUMO

Este trabalho de projecto visa reflectir sobre a problemática actual das acessibilidades nas cidades. De forma geral, ele remete, portanto, para a articulação e interacção entre os conceitos de cidade, arquitectura e sociedade, inseridos neste contexto específico. Estes temas são posteriormente aplicados e materializados num projecto para uma realidade concreta e programa específico.

Pretendendo compreender as características que o desenho do espaço deve ter de maneira a possibilitar a sua utilização por parte de toda a sociedade, o trabalho debruça-se sobre a articulação entre os três conceitos, tomando como ponto de partida a cidade, o seu crescimento desorganizado, a sua constante transformação e o seu papel importante nos diferentes modos de vida dos utilizadores, influenciando-os e condicionando-os. Cabe à arquitectura a articulação entre ambos e a possibilidade de melhorar o seu relacionamento.

Como se consegue um espaço alcançável e acessível a toda a sociedade? De que maneira um espaço mais simples e organizado se adapta melhor aos diferentes modos de vida e a diferentes pessoas? Como se percebe que estamos perante um espaço realmente organizado? Estas são algumas das questões e inquietações que estruturam e orientam este trabalho.

Posteriormente à exposição dos pressupostos teóricos, procede-se primeiramente à compreensão do lugar e seguidamente à concretização da proposta. Esta, perante a realidade adquirida, procede à regeneração física e social do espaço em questão. De uma forma geral, passa pela criação de um espaço simples, que busque a essencialidade e que ao mesmo tempo seja parte integrante da cidade, tendo sempre por base o desejo de facilitar a mobilidade a toda a sociedade.

Palavras-chave: acessibilidades, cidade, arquitectura, sociedade, desenho do espaço, articulação, regeneração urbana, simplicidade, essencialidade, integração.

ABSTRACT

This design work aims to reflect on the current issue of accessibility in the cities. Generally, it refers, therefore, to the articulation and interaction between the concepts of city, architecture and society, included in this specific context. These themes are then applied and materialized on a project for a concrete reality and specific program.

Intending to understand which characteristics space design must have in order to enable its use by the whole society, the work focuses on the relationship between the three concepts, considering as starting point the city, its disorganized growth, constant transformation and important role in the different lifestyles of users, influencing and conditioning them. It is architecture that is responsible for the articulation and improvement of the relation between both.

How do we design a space reachable and accessible to the whole society? How a more simple and organized space best suits to different lifestyles and people? How do we realize that this space is really organized? These are some of the questions and concerns that structure and guide this work.

After the exposure of the theoretical assumptions, we proceed to the understanding of the place and to the implementation of the proposal itself. This, according to the acquired reality, makes the physical and social regeneration of the space concerned. Generally, it involves the creation of a simple space, which seeks the essentiality and at the same time integration to the city, always based on the desire of facilitating mobility to the entire society.

Key-words: accessibilities, city, architecture, society, space design, articulation, urban regeneration, simplicity, essentiality, integration.

ÍNDICE

1 Introdução

Sobre a Cidade

- 7 Paisagem
- 8 Mutações na paisagem
- 9 Cidade
- 11 Forma da cidade
- 14 Escalas de intervenção
- 15 Vazios urbanos
- 16 Modos de vida nas cidades

Sobre Acessibilidades

- 25 Acessibilidades e sociabilidades
em contexto urbano

Sobre Arquitectura

- 33 O que pode ser a arquitectura
- 34 Forma em Arquitectura
- 37 Compreensão do sítio
- 39 Compor para construir
- 41 O sentido do todo

47 Metodologia

Cidade e Concurso

- 55 A cidade de Berna
- 59 O concurso – Programa e Restrições

O Processo

- 65 Conhecer para compor
- 73 *Master Plan / Urban Repair*
- 75 Essencialidade: Mais com Menos
- 79 Compromisso com o espaço envolvente
- 85 Ponto de partida
- 87 Construir como continuação
- 95 Momentos da proposta
- 101 Articulação de momentos
- 113 *Project Design*
- 117 Diálogo com a envolvente
- 117 Simply simple
- 119 Modelando as formas
- 123 De dentro para fora
- 127 Viver o edifício
- 149 A presença dos materiais

151 Conclusão

155 Bibliografia

Anexo 1: Painéis Finais

Anexo 2: Elementos estruturantes, esquema
funcional, quadro de áreas mínimas

Anexo 3: Índice de figuras

INTRODUÇÃO¹

Ao longo de muitas décadas, as cidades, foram construídas e cresceram de forma muito desorganizada, sem que a questão das acessibilidades fosse pensada. Mesmo num passado mais próximo, esta questão quase nunca foi ponderada. Essa conjuntura levou à exclusão e ao isolamento das pessoas com mobilidade reduzida, sendo estas obrigadas a viver nos limites das cidades, de forma diferente, e privadas de tudo aquilo que uma cidade pode e deve oferecer a qualquer cidadão (serviços, desporto, lazer, cultura e saúde). Desta forma, e uma vez que as cidades, ao longo destes anos, não foram pensadas para se adaptarem a qualquer modo de vida, parte da população foi marginalizada e forçada a organizar as suas vidas em função das suas diferenças e dificuldades.

O presente trabalho debruça-se precisamente sobre esse assunto, centrando-se na problemática actual das acessibilidades nas cidades, tanto em relação ao desenho dos espaços e edifícios públicos, como também dos espaços e edifícios de domínio privado. A importância deste tema prende-se com o facto deste ser uma realidade que engloba toda a sociedade, face ao envelhecimento da população na cidade. Para além disso, todos os cidadãos têm os mesmos direitos e deveres e, nessa medida, a cidade deveria ser um território adaptável e alcançável a todas as pessoas, por mais diferentes ou dificuldades que tenham.

A partir deste tema, surgem três objectivos essenciais, que revelam algumas inquietações tanto a nível teórico como prático. Assim, o primeiro objectivo consiste em perceber as características que o desenho do território deve ter, de maneira a possibilitar e simplificar a sua utilização pelas pessoas com mobilidade reduzida, ou seja, entender se um espaço com uma configuração mais simples melhora e/ou facilita a sua apropriação por parte destas. O segundo objectivo está também relacionado com a configuração do espaço, mas consiste em entender de que forma este encoraja relações entre pessoas diferentes. Por fim, o terceiro objectivo prende-se com o processo que se deve realizar ao longo da concepção de qualquer intervenção, isto é, visto que o processo é tão importante para a configuração do espaço, perceber qual o percurso que este percorre desde a fase da análise até à proposta final.

¹ Por opção do autor, este trabalho mantém a grafia anterior ao novo acordo ortográfico.

O trabalho aqui apresentado é constituído, desde logo, por uma componente teórica de investigação, que constitui a sustentação e justificação das opções e soluções expostas numa proposta final de projecto, mas não só. Pretende-se, ao mesmo tempo, que esta componente contribua, de alguma forma, para ajudar no esclarecimento dos temas trabalhados. Em segundo lugar, por uma componente prática (de projecto), que consiste na apresentação de uma proposta pensada para uma zona da cidade de Berna, na Suíça, no contexto de um concurso internacional para estudantes finalistas de arquitectura, promovido pela *Schindler Award 2012*.

Para a abordagem deste tema geral e das inquietações que deste decorrem, é importante perceber-se a interacção existente entre a cidade, a arquitectura e a sociedade. Pode dizer-se que o território influencia a sociedade e os seus modos de vida, isto é, “(...) reconhece-se a importância dos espaços na estruturação das interacções sociais e assume-se que agir sobre o espaço é, simultaneamente, agir sobre a sociedade” (Guerra, 2003, p.238). Por outro lado, é através da arquitectura que intervimos sobre o espaço, que por sua vez, é manipulada e trabalhada pela sociedade, ou seja, existe um ciclo, que deve ser apreendido, entre estes três elementos, onde todos se influenciam reciprocamente.

Partindo desta problemática, surgem algumas questões sobre a forma como a configuração do espaço o pode tornar integrado fisicamente, com a sua envolvente e, socialmente, com diferentes modos de vida. Como se consegue um espaço alcançável e acessível a todos os tipos de utilizadores? De que maneira um espaço mais simples e organizado se adapta melhor aos diferentes modos de vida e a diferentes pessoas? Por outras palavras, um espaço mais simples que busca a essencialidade é ou não um espaço mais facilmente perceptível e acessível a todos? Como se percebe que estamos perante um espaço realmente ordenado? Como é que este se adapta melhor à sua envolvente? E por fim, quando encontramos o essencial de cada espaço? Quando sabemos que não existem excessos nem a carência de elementos necessários para a qualidade de vida nas cidades? Ou seja, quando é que nos deparamos realmente com o equilíbrio do espaço pretendido? Estas são algumas das questões que estão na origem do desenvolvimento deste trabalho, e às quais este pretende responder.

O trabalho aqui apresentado está organizado em três partes e desenvolve-se segundo os objectivos delineados. Na primeira parte, expõe-se todas as ideias teóricas que fundamentaram e contribuíram para as opções tomadas e para a idealização da proposta. Esta subdivide-se em três capítulos, abordando-se, no primeiro, temas relacionados com a forma da cidade actual, o seu crescimento desorganizado que origina espaços conflituosos, como é o caso dos vazios urbanos,

e, ainda, a sua fracção social; no segundo capítulo é tratado o tema das acessibilidades, no que diz respeito a barreiras físicas, mas são também equacionadas barreiras psicológicas; no terceiro capítulo, tenta-se perceber qual o caminho que se deve realizar na concepção de uma determinada intervenção, traçando-se todo o processo que se efectua até se alcançar a solução final.

Numa segunda parte é feita uma contextualização do programa solicitado no concurso, na tentativa de se conseguir a sua melhor compreensão.

A terceira e última parte, de cariz marcadamente prático, subdivide-se em dois capítulos. No primeiro capítulo é realizada a contextualização da cidade de Berna e da zona a intervir, com o intuito de se apreender algumas características da cidade e de se obter uma percepção de que espaço se trata na realidade; no segundo e último capítulo desta terceira parte, é apresentada, explicada e justificada a proposta de intervenção efectuada para o local tratado, fazendo-se uma abordagem em escalas diferentes, desde uma escala urbana, mais abrangente, até à escala do edifício, mais minuciosa.

SOBRE A CIDADE

PAISAGEM

Segundo Angélica da Rocha, “A paisagem constitui um sistema de interdependências entre os factores físicos do meio ambiente – clima, pedologia, litologia, hidrologia e os seres vivos – plantas, animais e o homem, todos em equilíbrio.” (Rocha, 2007, p.9). Ou seja, a paisagem constitui uma combinação de elementos físicos, biológicos e antrópicos, estritamente inter-relacionados, mantendo uma relação em constante transformação, num determinado espaço.

A paisagem é composta por variáveis biofísicas e sócio-económicas, sendo que as variáveis biofísicas constituem elementos passivos e activos que determinam potencialidades. Nos elementos passivos permanecem as variáveis naturais, as que descrevem características biológicas e físicas do território e decorrem de processos e fenómenos naturais. Já nos elementos activos encontram-se as variáveis biofísicas antrópicas, que decorrem da acção dos indivíduos no território, podendo encontrar-se em maior ou menor equilíbrio com os factores naturais. Por fim, as variáveis sócio-económicas constituem elementos activos que determinam potencialidades e transformações, exprimem a dimensão populacional e as actividades económicas que, por sua vez, influenciam a dinâmica do ordenamento da paisagem.

As paisagens são “feitas pelas ideias e pela construção” (Relph, 1987, p.19), são ao mesmo tempo “óbvias e esquivas” (Magalhães, 2001, p.47), consistem num processo bilateral entre o observador (ideias) e o meio (construção), onde as ideias são uma componente subjectiva, já que dependem da análise e opinião feitas pelo observador, e a construção é uma componente objectiva, já que se trata do meio físico (território/elementos naturais). Para além disto, como Relph refere:

“As paisagens são os contextos visuais da existência quotidiana, embora eu suponha que pouca gente utilize frequentemente a palavra «paisagem» para descrever o que vê ao caminhar pela rua, ou através do vidro do carro.”

Relph (1987, p.12)

Ou seja, quando se tenta analisar as paisagens, apesar de sugerirem coisas óbvias, é nitidamente difícil enquadrá-las numa perspectiva clara, uma vez que são tão familiares e

envolventes, e por isto, nem sempre se utiliza a palavra paisagem para nos referirmos ao que nos rodeia.

MUTAÇÕES NA PAISAGEM

A paisagem é diferente ao longo do tempo, encontrando-se em constante evolução em função da acção do ser humano, que constitui a maior força neste processo de transformação. Esta transformação é moldada, então, pelas actividades humanas, como a agricultura, a indústria, o manuseamento florestal, entre outros. Todas estas actividades são fortemente influenciadas por factores sociais, económicos e políticos. No entanto, pode ser colocada a seguinte questão: será que a paisagem permaneceria inalterada/imutável se não existisse interferência da actividade humana no meio ambiente?

Na realidade, as transformações que ocorrem na paisagem não se devem apenas às actividades humanas, mas também surgem de fenómenos naturais, resultando de processos climáticos, ecológicos, sedimentação, crescimento e evolução da vegetação, erupções vulcânicas, terremotos, entre muitos outros. Resumindo, a condição do meio ambiente reflecte não só processos naturais, que podem ser vistos como segundo plano, mas também influências humanas, que provocam impactos directos no meio ambiente, sendo que tais influências geralmente são tanto maiores quanto maior for a população de um determinado local. Mais população é sinónimo de maiores mudanças, uma vez que o crescimento populacional implica maiores alterações no uso dos solos, tendendo sempre em competir com as condições ambientais, como referem Young, A., Carmo, R., (2007, p.551).

No entanto, estes dois factores que ditam as transformações da paisagem, influenciam-se mutuamente e, da mesma maneira que as actividades humanas transformam o meio, este ao responder e defender-se destas transformações, afecta por sua vez, novamente, a actividade humana. A paisagem muda, e essas mudanças afectam o nosso comportamento. Um exemplo deste fenómeno é o das mudanças climáticas e ecológicas, que faz com que a sociedade se adapta a estas transformações.

As mudanças são, então, conduzidas por complexas interacções entre três componentes: o meio físico, o meio biológico e o meio humano. Estes são históricos e muito dinâmicos e, ao inter-relacionarem-se, originam uma estrutura instável e em constante transformação. Esta constante transformação na paisagem pode ser “entendida utilizando escalas apropriadas de tempo e espaço” (Guevara, 2003, p.14).

Na escala temporal, como o próprio nome indica, o factor “tempo” é determinante, sendo que esta é entendida através do estudo da história, ou seja, do decorrer dos anos. É necessário ter-se em conta a história das componentes da paisagem e a sua interacção, uma vez que a contínua transformação na paisagem é produto da constante mudança de relação entre estas componentes. Mas ainda é importante, para além disto, na utilização desta escala, a relação da sociedade com a Natureza, uma vez que aquela apresenta uma capacidade crescente para transformar o meio ambiente, para assim satisfazer as suas necessidades ou caprichos. Inicialmente, o ser humano dependia da transformação da vegetação e dos movimentos da fauna, consumindo o que encontrava disponível, sem ter grande interferência com o meio. Contudo, com o aparecimento do fogo, iniciou-se uma nova etapa, tornando-se mais transcendente em relação com as componentes física e biológica. Actualmente as sociedades transformam recursos naturais em bens de consumo, ou seja, transformam o meio para obter o que desejam e necessitam.

Na escala espacial, o factor a ser tido em conta é o meio, sendo que esta escala é entendida através do estudo do espaço físico e biológico, onde é essencial ter-se em conta todos os processos que nele ocorrem. Para isto, é necessário recorrer a elementos da ecologia da paisagem e da sua unidade básica, o ecossistema, que a ecologia da paisagem define claramente, como refere Guevara (2003, p.11), “es aventurado decirlo pero el paisaje en ecología define al ecosistema de manera clara.”

PAISAGEM NATURAL, NATURALIZADA E URBANA

O ser humano influencia e modifica, ao longo do tempo, o meio ambiente em que se insere, ao desempenhar as suas actividades e segundo os seus próprios interesses. Isto permite caracterizar a paisagem de três modos diferentes, que têm interferência variável humana. Assim, a paisagem pode ser definida como natural, quando não é afectada pela actividade humana, quando os elementos que a constituem mudam e movem-se livremente, estando as suas mudanças relacionadas com movimentos tectónicos, sedimentares ou pela ocorrência de processos ecológicos e físicos (como é o caso da mudança de composições e das estruturas vegetais, que provocam a introdução de novas espécies, entre outros).

No entanto, actualmente quase todas as paisagens sofrem influências humanas, quanto mais não seja pela poluição produzida por toda a população do mundo e suas consequências no

meio ambiente. Inversamente, também o meio ambiente influencia as actividades humanas e pode-se dizer, que se trata de um “ciclo vicioso” de inter-relacionamentos.

Na procura de regular os processos naturais, a sociedade intervém no meio ambiente natural, modificando fortemente os seus processos e a sua estrutura. Em resposta a isto, o meio natural, por efeitos, também influencia as práticas sociais. Um exemplo disto pode ser, num determinado local, aparentemente natural, caracterizado por elementos da natureza como a vegetação, mas que no entanto já foram introduzidas pelo ser humano, novas espécies vegetais, como é o caso do Parque Natural da Serra da Estrela, em Portugal. A estas paisagens adaptadas e modificadas parcialmente pelo ser humano, é dado o nome de paisagens naturalizadas.

Por fim, a paisagem urbana é caracterizada pela acção contínua do ser humano sobre o meio ambiente que o rodeia.

O seu desenvolvimento prende-se com uma dinâmica social expressa por transformações na sua estrutura, que podem ser radicais e rápidas ou graduais e lentas, e, devido a actos colectivos. Esta dinâmica social tem um impacto mais rápido, manifestando-se através da construção de edifícios (principalmente de habitação), ou mais lento, através de políticas de protecção da paisagem.

A evolução das paisagens urbanas tem sido sempre produto de uma grande força económica, quer seja no sentido de a conservar ou transformar profundamente. Este factor, compila e forma a própria historia, podendo entender-se a partir daqui duas formas extremas. Uma das formas é conservar e manter inalterado, aparentemente, um lugar ao longo do tempo. Nesta forma, a opção de manter as características originais, que reflectem os nossos antecessores, é a que prevalece. Já na segunda forma, predomina a opção de transformação profunda, onde o passado é deixado para segundo plano, e passa a ser a evolução económica que confere carácter ao lugar.

A paisagem urbana actual, segundo Relph (1987), é caracterizada pela existência de elementos como: os arranha-céus, edifícios em betão, parques de estacionamento, sinais eléctricos, grandes vias automóveis, entre outros; e é considerada omnipresente, mas ao mesmo tempo vulgar, desagradável e invisível. A partir do que foi dito, pode-se concluir que quando se fala em paisagem urbana, fala-se claramente em cidade.

CIDADE

A cidade encontra-se na origem das civilizações, de tal forma que é possível afirmar que a história das cidades corresponde à história da humanidade (Ferrão, 2003).

A paisagem urbana pode ser entendida como uma história, um espaço de distribuição e produção que permite relações entre grupos humanos, um conjunto de decisões interligadas ou ainda uma arena de conflitos (Lynch, 1999). É o resultado do comportamento intencional dos indivíduos, mas embora seja uma criação do ser humano tornou-se demasiadamente complicada e escapa cada vez mais ao seu controlo.

Trata-se de uma construção em grande escala no espaço, apenas perceptível no decurso de longos períodos de tempo. É portanto, segundo Carlo Aymonino:

“(…) um lugar artificial de história no qual cada época – todas as sociedades acabam por se diversificar da que as precedera – tentam, mediante a representação de si própria nos monumentos arquitectónicos, o impossível: assinalar aquele tempo determinado(…)”

Aymonino (1984, p.11)

Cada cidade acarreta consigo uma herança destinada a testemunhar a sua evolução, as ambições e necessidades das épocas que as precederam. Esta transmite a informação acerca do seu percurso até ao momento actual, demonstrando uma estratificação de camadas correspondentes a cada época.

Todas as transformações que ocorrem, sejam elas premeditadas ou espontâneas, são sempre características de uma dada época, e reflectem os tempos e necessidades das mesmas. Da mesma maneira que existem lugares que nos fazem evocar épocas passadas, e ter informação e conhecimento das mesmas, também a época actual, através de elementos, como a escala e durabilidade dos materiais das paisagens, garante que estas grandes mudanças ocorridas no carácter e na escala dos territórios, chegarão ao futuro e darão informação aos nossos descendentes.

A cidade é então uma arte temporal, mas que não pode usar sequências controladas e limitadas de outras artes temporais como, por exemplo, a música (Lynch, 1990). A ideia da cidade como obra de arte exige, paradoxalmente, a ideia de obra aberta, sendo sempre necessário considerar que ela nunca está terminada (Brandão, 2006).

Actualmente, a cidade contemporânea atinge uma forma dominadora, absorvendo no seu crescimento todo o espaço envolvente – o espaço horizontal onde assenta, como também o espaço vertical de que se consegue apropriar – alcançando uma escada visual que o ser humano não pode nem consegue dominar (Távora, 2006). Sendo apenas possível controlar o seu crescimento e a sua forma parcialmente, onde não existe um resultado final.

Pode-se afirmar que a cidade se virou contra o seu próprio criador, já que ao longo do seu crescimento incontrolado arrasta tudo consigo, desde a paisagem natural até ao próprio ser humano, que perdeu o controlo da situação. Hoje em dia, é cada vez mais difícil delimitar a cidade, tanto do ponto de vista conceptual, como do ponto de vista geográfico ou das políticas urbanas, pois trata-se de um objecto em evolução intensa e sem contornos precisos (Ferrão, 2003).

Posto isto, o ser humano começa agora a olhar para o espaço da cidade com preocupação, pois embora a sua delimitação geográfica não tenha levantado problemas durante séculos, hoje vive-se cada vez mais em cidades sem confins, aglomerações extensivas, fragmentadas ou dispersas. Tornou-se extremamente difícil gerir a cidade devido à sua forma heterogénea e em constante mutação.

Estas formas urbanas constituem, para além de uma inquietação, um novo dado que, não podendo ser eliminado, terá de fazer parte da solução global (Portas, 2003). Não é simplificando a realidade que percebemos melhor a sua complexidade. Apenas uma visão estratégica da cidade permitirá reconhecer as causas mais relevantes da sua complexidade e, a partir destas, definir opções prioritárias para a sua gestão.

Hoje em dia, é, “absolutamente inevitável construir não apenas *mais* cidade, mas também *melhor* cidade” (Fortuna, 2002, p.123). As intervenções urbanas deverão ser inevitavelmente integradas, sistémicas, participadas, socialmente equilibradas e avaliadas (Guerra, 2003).

Numa tentativa de simplificar a análise das cidades, Ferrão (2003) propõe que estas sejam entendidas a partir de três “ingredientes básicos”: os sítios, que constituem o seu corpo; as redes, que suportam os fluxos dando vida e movimento às mesmas; e o espírito cosmopolita, que lhe proporciona a alma garantindo o seu sentido interno e ao mesmo tempo distinção face às restantes aglomerações urbanas. Defende que cada cidade depende da sua posição geográfica e da cultura dos seus habitantes afirmando: “diz-me como são as tuas cidades, e eu dir-te-ei como é, e muito provavelmente será, o teu país ou o teu continente.” (Ferrão, 2003, p.220).

Quando falamos em cidade, referimo-nos essencialmente aos seus aspectos físicos. No entanto é também necessário falar nas imagens que lhes são inerentes (Baptista, 2003), pois elas não são apenas espaços materiais ou vividos, são também espaços de imaginação e representação (Gomes, 2008). Qualquer utilizador urbano possui imensas relações com a sua cidade, e a sua imagem está repleta de memórias e significações (Lynch, 1990, p.11), sendo estas elementos identificadores e diferenciadores. As imagens de cada lugar, correspondem a um conjunto de informações que cada indivíduo capta instintivamente, de maneira a facilitar a sua identificação. Retratam um conjunto de crenças, ideias, impressões e expectativas que se têm sobre esse lugar (Peixoto, 2000).

Gostar ou não de uma cidade, é muito subjectivo e depende da opinião e experiência de cada pessoa. Assim, a imagem de uma cidade está relacionada directamente com a representação pessoal, variando de pessoa para pessoa. Por isso, existem imagens diferentes do mesmo lugar. A imagem de cada lugar, é sempre a representação e o resultado de um processo bilateral entre o observador (sujeito) e o meio (objecto). Trata-se então da identificação de um objecto, implica que este seja distinguido e reconhecido e que, ao mesmo tempo, tenha um significado prático e emocional para o observador. As imagens de cada lugar podem diferir em diversos aspectos, tanto pela escala de área envolvida ou ponto de vista, como também pela hora do dia ou estação do ano.

A forma física de cada lugar possui imaginabilidade², e quanto maior for o expoente da imaginabilidade de um lugar, mais fácil será a sua identificação e a sua estruturação visual (Lynch, 1990). É através do imaginário que atribuímos significados à realidade, e este é também o elemento responsável pelas criações humanas. Chama-se *mundo real* aquilo que é traduzido pelos sentidos de cada indivíduo, os quais permitem entender e ver a realidade desta ou daquela forma (Pesavento, 2007). Pode-se afirmar desta forma que a realidade é captada de forma diferente de indivíduo para indivíduo.

No entanto, possuir imaginabilidade pode trazer também alguns aspectos negativos, pois “uma paisagem carregada de significados mágicos pode inibir actividades práticas” (Lynch, 1990, p.151), uma vez que a exploração de um determinado espaço é sempre mais fácil quando não existe um sentimento especial para com ele. Ou seja, é desejável que um ambiente reproduza

² Entende-se por imaginabilidade a qualidade de um objecto físico que permite provocar a evocação de uma imagem mental forte num dado observador (Lynch, 1990)

imagens vivas mas, também, que estas sejam comunicáveis e adaptáveis às necessidades práticas em evolução, podendo desenvolver novos significados.

É importante para uma cidade que a sua imagem não estagne no tempo, pois, caso contrário, existem questões práticas que podem ser postas em causa. O objectivo passa então por alcançar um ambiente imaginável, mas que ao mesmo tempo seja aberto a mudanças (Lynch, 1990).

Cada indivíduo tem uma imagem única e própria acerca de uma dada cidade, mas parece haver para além de cada imagem singular uma imagem pública que, pode-se dizer, é a sobreposição de imagens de muitas pessoas. Ou seja, uma imagem criada por um grande número de indivíduos, manifestada e pronunciada por diferentes actores sociais, empresas e instituições públicas e privadas.

Hoje em dia, as representações mentais individuais podem ser influenciadas tanto pela experiência de cada indivíduo, como também pelas imagens publicitárias promovidas por marketing. Este deve-se à globalização da economia, que trouxe para o campo das políticas urbanas a questão da competitividade. Ou seja, as cidades são cada vez mais identificadas e reconhecidas pelo que são capazes de proporcionar e oferecer. E as cidades que não se provam atractivas e competitivas, parecem estar condenadas à estagnação.

FORMA DA CIDADE

A forma de cada cidade deve ser moldável e adaptável aos propósitos e às percepções dos cidadãos e deve ainda responder às necessidades de cada época. Quando se pensa na forma da cidade, considera-se quase sempre o espaço físico inerte da cidade. No entanto, é difícil decidir se também os organismos vivos constam na forma de um aglomerado.

A verdade é que, habitualmente, a forma do aglomerado populacional é somente caracterizada através dos seus elementos físicos: vias, limites, bairros, cruzamentos e elementos marcantes. No entanto, não se pode deixar de reflectir que todos estes elementos constituintes da forma de uma cidade são criados e transformados por organismos vivos (ser humano), de maneira a responder às suas necessidades.

Kevin Lynch (1990), define os elementos constituintes da forma do seguinte modo: as vias, estão na origem da cidade, sendo uma condição necessária. São canais de movimento e os outros elementos organizam-se e relacionam-se ao longo delas; os limites, são fronteiras entre duas partes, interrupções lineares na continuidade; já os bairros, entendem-se por regiões urbanas

de tamanho médio ou grande, concebidos como tendo uma extensão bidimensional; os cruzamentos são pontos ou locais estratégicos de uma cidade, podem ser essencialmente junções e estão relacionados com o conceito de via; por fim, os elementos marcantes, são um tipo de referência, são normalmente representados por um elemento físico, o seu uso, implica a sua distinção e evidência em relação a outros elementos.

Para além da definição dos elementos, Lynch (1990, pp.103-104) ainda afirma que temos a oportunidade de formar o nosso mundo citadino como sendo uma “paisagem ideal: visível, coerente e clara”, de maneira a alcançarmos um meio “visivelmente organizado e nitidamente identificado”. Neste sentido, descreve algumas qualidades que a forma da cidade deve seguir: singularidade ou clareza, simplicidade da forma, continuidade, predominância, clareza de ligação, diferenciação direccional, alcance visual, consciência do movimento, séries temporais e, nomes e significados.

Perante isto, Lynch (1990, p.123), defende que qualquer pessoa que pretenda planear ou gerir uma cidade deve alcançar uma cidade rica em vias, cruzamentos, limites, bairros e elementos marcantes e que, ao mesmo tempo, sejam tidas em conta todas as qualidades de forma descritas.

No entanto, a qualidade da forma da cidade, para além de aspectos físicos, prende-se com aspecto sociais, pois diz também respeito à capacidade de cada pessoa gostar e identificar-se com o sítio onde mora (Guerra, 2003).

A forma da cidade assume ainda um papel importantíssimo no processo de orientação dos seus utilizadores, por isso é necessário que o meio ambiente, para além de bem organizado, seja também poético e simbólico.

ESCALAS DE INTERVENÇÃO

Existem gradações na relação entre forma e função de uma cidade que variam consoante a escala de intervenção (Magalhães, 2001). É necessário trabalhar em todas as escalas de conhecimento do território nas intervenções urbanas, desde a geográfica à pessoal, desde a que desenha a nova forma da cidade até à que define os detalhes mais próximos (Batle, 2011). Embora tratem factores de ordenamento diferentes, são todas igualmente importantes e necessárias para o melhor entendimento e percepção da realidade.

A diversidade e complexidade dos dados e das inter-relações existentes é tanto maior, quanto maior for a escala de trabalho. A percepção directa e indutiva de um objecto de projecto, só é possível na menor escala.

Os factores do ordenamento (ecológicos, económicos e sociais), na intervenção à grande escala, têm um peso enorme, quando comparados com a capacidade que um estudo desta natureza tem de modificar a forma da realidade construída pela situação inicial (Magalhães, 2001). Apesar da visibilidade social da intervenção na grande escala ser pequena, esta possui uma maior capacidade de manipulação na paisagem e na sociedade do que numa intervenção numa escala mais pequena.

Nas últimas décadas, a escala humana, a escala proporcional relativa e a escala urbana têm sido particularmente descuidadas, estando o fluxo livre de capital e o excessivo desenvolvimento das cidades muitas vezes na origem destas desmazelas (Holl, 2011).

A ideia de escala transformou-se na de um limite dimensional, ao qual equivale uma linguagem específica. Ou seja, o espaço físico foi conceptualmente subdividido numa série de âmbitos escalares, dos quais eram identificados alguns problemas e respectivas possíveis soluções. Daqui resultaram novos conceitos de escalas: a escala paisagística, representada pelas propostas de Le Corbusier para Argel, Rio de Janeiro, São Paulo e Buenos Aires; a escala urbana, reguladora da expansão da cidade; e uma escala arquitectónica, articulada segundo uma série de posteriores especificações dimensionais (Purini, 2009).

À medida que a escala de uma dada intervenção diminui e nos aproximamos da pequena escala, a importância das componentes não directamente ligadas à expressão vai diminuindo e as componentes formais assumem um peso cada vez maior na intervenção. Ou seja, as intervenções da pequena escala produzem, na envolvente, um impacto muito menor do que um plano de intervenção da grande escala.

Por fim, ambas as abordagens (grande e pequena escalas) são úteis e indispensáveis, havendo necessidade de existirem várias fases de intervenção, desde um panorama mais abrangente a partir da grande escala, até uma visão mais pormenorizada da pequena escala.

VAZIOS URBANOS

Na paisagem urbana formaram-se e são cada vez mais frequentes espaços que nunca foram planificados. Estes caracterizam-se, com frequência, como superfícies residuais e desligadas da envolvente, devido à sua tipologia, diferente dos lugares tradicionais, e

representam grande parte dos problemas actuais das cidades. Trata-se de espaços resultantes do edificado envolvente, decadentes e esquecidos pelo ordenamento do território.

Os vazios são espaços cujos limites não são bem definidos, e surgem através dos cheios que os delimitam, que tanto podem ser constituídos por edifícios, como por vegetação (Magalhães, 2001). A sua existência deve-se ao crescimento desorganizado, heterogéneo e fragmentado das cidades. Normalmente, nestes lugares surgem com mais frequência actividades, grupos ou modos de vida marginais (Boyer, 1995), uma vez que são espaços mais frágeis e de mais fácil apropriação por parte destes grupos.

Os vazios urbanos coincidem normalmente com sistemas da mobilidade e de infra-estruturas (Coelho, 2011). Posto isto e, segundo Marc Augé, estes locais são considerados como não-lugares³. Augé (1994) afirma que um lugar significa muito mais do que a sua localização geográfica, encerra significados culturais que sintetizam, representam o espaço e o caracterizam como identitário, relacional e histórico. *O espírito do lugar* confere carácter e identidade⁴, distinguindo-o de todos os outros (Norberg-Schulz, 2000). Os não-lugares são espaços que carecem destas características, são lugares marcados por redes de mobilidade, como é o caso dos espaços de trânsitos ou dos espaços de ocupação provisória.

Quando possuem qualidades próprias, os lugares recebem determinações e estas advêm das práticas e actividade humanas, ou seja, são elas que revelam as qualidades de cada local. Quando num dado espaço não existem actividades humanas, pode-se concluir que se trata de um espaço indeterminado (Colafranceschi, 2007).

No entanto, mesmo estes espaços vazios que Augé descreve como não-lugares podem ser dotados de significados (Leite, 2008) e estes podem ser caracterizados e reconhecidos pela sua diferença.

Para além disto, ao sofrerem constantes mutações, as cidades sofrem processos de dissipação e o que “(...) ainda hoje era ordem pode amanhã ser desordem (...)” (Távora, 2006, p.35). Assim, os espaços que Augé define como não-lugares podem já ter sido antes determinados como lugares, e embora o seu estado actual possa não o demonstrar, vão ter sempre algo que os marca e caracteriza de alguma maneira.

³ Vejam-se, também a respeito dos conceitos de Lugar e Não-Lugar, Batle (2011), Montaner (1997) e Guerra (2003)

⁴ Veja-se, a respeito da identidade do lugar, Jencks (1985)

Na paisagem urbana, podem ainda identificar-se outros dois tipos de espaços, segundo Boyer (1995): espaços figurados⁵ e espaços desfigurados. Os vazios urbanos enquadram-se nos espaços desfigurados⁶, pois são espaços abandonados e negligenciados, urbanisticamente decadentes e excluídos - não tendo forma nem função discerníveis (Boyer, 1995).

Posto isto, parece importante reflectir e perceber como se deve actuar nestes vazios urbanos. De que maneira se deve intervir nestes espaços? E o que é necessário fazer para torná-los espaços integrantes e úteis da cidade?

De facto, é urgente intervir nestes espaços de maneira a passarem a ser parte integrante da cidade e deixarem de ser espaços sem qualquer funcionalidade. Para isso, é necessário deixar de pensar neles como lugares inanimados e inúteis, e, considerá-los antes como desafios, oportunidades e espaços disponíveis para uso dos cidadãos. Colafranceschi (2007) defende que para intervir nestes espaços, em primeiro lugar, deve-se ter em conta uma revitalização ecológica, clarificar os limites e os acessos e reorganizar os espaços pensando na sua função e nos seus possíveis utilizadores. Seguidamente, refere que é essencial que as eventuais propostas para estes espaços tenham consciência e enfrentem ao máximo os problemas que lhes estão inerentes, tendo sempre como objectivo o alcance de uma conexão com o resto da cidade. Por fim, Colafranceschi (2007, p.139) afirma que é imprescindível “(...) hacer lo máximo posible con [las energías del lugar], lo mínimo posible contra [ellas]”.

A verdade é que “(...) não há espaços condenados – há espaços sem projecto” (Guerra, 2003, p.248). Ou seja, estes vazios na cidade, não são espaços sem solução ou a desprezar, mas sim espaços que muitas vezes traduzem novas oportunidades e potencialidades, podendo já conter aspectos valorizadores aquando de alguma intervenção.

MODOS DE VIDA NAS CIDADES

A cidade não se reduz apenas à sua dimensão física, ela é também sociabilidade. As pessoas e as suas respectivas actividades são tão importantes para a cidade como as suas partes físicas e imóveis. Deve-se ter em consideração tanto a sua configuração física, como também as suas dimensões social e simbólica. Assim, os utilizadores das cidades não são apenas observadores da paisagem, são também parte integrante e activa dela (Lynch, 1990).

⁵ São espaços figurados, locais de uma cidade que recebem atenção, que se encontram bem planeados, que encerram uma identidade visual forte e com forte capacidade de imaginabilidade (Boyer, 1995).

⁶ Veja-se, a respeito de espaços figurados e espaços desfigurados, Ferreira e Gomes (2012)

A cidade é construída para grandes quantidades de pessoas, com pensamentos, classes e modos de vida distintos. Por isto, pode-se concluir que a forma e o desenho do espaço físico têm um papel muito importante nos modos de vida dos seus utilizadores, influenciando ou condicionando. A forma como o território está organizado, estrutura as interações sociais de cada cidade. Ou seja, “(...) agir sobre o espaço é, simultaneamente, agir sobre a sociedade” (Guerra, 2003, p.238).

A cidade reflecte então as relações sociais, as redes de poder, de denominação e a importância que a sociedade atribui à coesão social e espacial. Proporciona (ou não) conforto urbano e evidencia a sua cultura, revela conflitos, conciliações ou reparações das relações sociais.

Ao contrário do que acontece no meio rural, a cidade moderna é, frequentemente, sinónimo de distancia entre indivíduos. Isto deve-se ao crescimento complexo e contínuo dos aglomerados urbanos, que geraram espaços sem continuidade, de fortes oposições sociais e urbanísticas, isolamento, anonimato e sentimentos de indiferença.

Simmel (2001) afirma que a vida nas grandes cidades modernas, é caracterizada pelo individualismo, espírito calculista, reserva mental e pelo desenvolvimento da *atitude blasé*⁷. Por sua vez, Louis Wirth (2001) caracteriza os modos de vida nas cidades de forma algo semelhante a Simmel. Ambos afirmam que os espaços urbanos permitem maior liberdade, mas em contrapartida, são também sinónimo de insegurança, instabilidade, individualismo, egoísmo e sensação de solidão. Referem ainda que as relações estabelecidas são fragmentadas, segmentadas e possuem um carácter mais impessoal.

Pode-se perante isto afirmar que “(...) a cidade esmera-se em ser anti-social e destrói todas as bases de uma vida social harmónica (...)” (Távora, 2006, p.36).

Por outro lado, Jean Rémy e Liliane Voyé (1994), defendem que os modos de vida nas cidades não podem ser caracterizados como uniformes ou homogéneos. Eles admitem que dentro da cidade existem também espaços onde ainda é possível ter relações próximas. Na visão dos autores, as cidades contemporâneas são marcadas, para além da mobilidade, pela existência de relações sociais distantes, pelo anonimato e individualismo, mas também pela existência de redes de solidariedade, relações próximas de vizinhança e conhecimento mútuo. Ou seja, como lugares de diversidade que são, as cidades modernas, contêm estilos de sociabilidade também diversos.

⁷ Entende-se como *atitude blasé* a incapacidade de reagir a novos estímulos e a indiferença perante distinções entre coisas. É uma estratégia de protecção perante aquilo que rodeia o indivíduo (Simmel, 2001).

A inserção social de cada indivíduo tende a efectuar-se e a desenvolver-se numa variedade maior e mais instável de grupos sociais. O que origina também uma maior diversidade de relações sociais.

Devido a esta diversidade, os modos de vida e as formas de pertença das cidades actuais, correm riscos de “desorganização social” (Guerra, 2003, p.243).

Muitos urbanistas, hoje em dia, põe em causa a existência de espaços públicos, devido aos modos de vida tão individualistas. No entanto, é importante pensar na cidade como um organismo colectivo ao invés de pôr em causa os espaços públicos. O desafio seria, antes, conseguir uma capacidade de concertação, romper com o anonimato e alcançar a proximidade, transformando a sociedade em redes de relações e de trocas. E isso sim, seria “(...) uma profunda inversão das actuais formas de pensar e fazer sociedade(...)” (Guerra, 2003, p.243).

SOBRE ACESSIBILIDADES

ACESSIBILIDADES E SOCIABILIDADES EM CONTEXTO URBANO

É visível que a cidade, na realidade e em muitos casos, não está ao alcance de todos os cidadãos. Os actos de desenhar e criar – desde as cidades e os seus espaços urbanos até aos edifícios – devem ser uma prática inclusiva, e os espaços construídos não devem ser um factor de exclusão. Assim, como Távora refere:

“Antes de arquitecto, o arquitecto é homem, e homem que utiliza a sua profissão como um instrumento em benefício dos outros homens, da sociedade a que pertence (...) para ele, porém, projectar, planear, desenhar, devem significar apenas encontrar a forma justa, a forma correcta, a forma que realiza com eficiência e beleza a síntese entre o necessário e o possível, tendo em atenção que essa forma vai ter uma vida, vai constituir circunstância.”

Távora,(2006, p.74)

No entanto, não cabe apenas a quem projecta pensar nesta questão. Todos os cidadãos têm responsabilidade na organização do espaço (Távora, 2006). É importante perceber que esta questão diz respeito a todos, pois qualquer pessoa, no decorrer da sua vida, pode confrontar-se com problemas de incapacidade física, psíquica ou sensorial, temporária ou permanentemente.

No entanto, comete-se recorrentemente o erro de se pensar que a responsabilidade e a mudança deve partir das pessoas portadoras de dificuldades de mobilidade. Habitualmente atribui-se o problema à pessoa em si, em vez de se admitir que este tem a ver com o meio que a rodeia. Assim, deve-se perceber, rapidamente, que o meio envolvente tem a obrigação de integrar e de se adaptar a todos os seus utilizadores.

Quando se consideram as acessibilidades, deve-se ter em mente que uma cidade inacessível não é uma cidade para todos. Além disso, quando se fala em acessibilidades, não se está a pensar apenas em pessoas portadoras de deficiências em sentido estrito, mas também em pessoas idosas, face ao envelhecimento da população, incapacitadas temporariamente ou, ainda, pais que transportam carrinhos de bebé. É, então, neste contexto, que pensar e projectar cidades e

espaços sem barreiras é uma acção positiva para toda a sociedade, pois introduz patamares de segurança, conforto e garante a qualidade de vida das gerações futuras (Teles, 2009).

A mobilidade nas cidades actuais é muito diversificada, heterogénea, complexa, e pensada, sobretudo, para a utilização do automóvel, marginalizando as pessoas com mobilidade reduzida.

O espaço público tem neste tema um papel essencial, pois é palco de todas as mobilidades e é também uma complexa construção social. Hoje em dia, devido à sua desorganização espacial, devido ao excessivo ruído de informação e de elementos que possui, representa grande parte das barreiras fixas e móveis. Estas últimas são, em muitas situações, complexas, principalmente para as pessoas com dificuldades visuais. Uma vez que não permanecem no mesmo local e se dispõem em vários locais e de formas diferentes ao longo do dia, o que dificulta o seu reconhecimento por parte das pessoas com incapacidade visual.

Esta situação introduz novos desafios na construção de espaços seguros e acessíveis a todos, quer do ponto de vista social, quer do planeamento urbanístico. Para muitas pessoas com mobilidade reduzida, no sentido estrito, ter um espaço público acessível é essencial para que se possam integrar socialmente (Teles, 2009).

Quando se fala em mobilidade é então necessário compreender as novas realidades sociais e os novos conceitos de vida, cada vez mais flexíveis e democráticos. É ainda extremamente importante ter-se em consideração o fenómeno do envelhecimento da população, uma vez que se prevê que no ano 2060, na Europa, 40% da população tenha mais de 65 anos. Posto isto, as cidades não podem conter limites no que diz respeito a mobilidade.

Como afirma Paula Teles (2009, p.25), “a nossa cidade só fará sentido quando todos a percorrermos livremente, cada um com as suas diferenças de capacidade de mobilidade.”

Para que a inclusão nas cidades actuais seja possível, é necessário perceberem-se as restrições que existem em diferentes pessoas. Estas restrições tratam-se das dificuldades em realizar actividades quotidianas, podendo estar ou não ligadas com alguma deficiência. Ou seja, restrição é o resultado da relação entre o indivíduo e o meio ambiente, podendo este último limitar ou facilitar a sua utilização, dependendo da sua configuração espacial e características ergonómicas (Bins Ely, 2006).

O meio ambiente deve ser projectado e construído para todas as pessoas, independentemente das suas capacidades serem mais ou menos reduzidas. Ou seja, deve ser pensado de maneira a incorporar diferentes modos de vida.

No entanto, não é isso que acontece na realidade actual. Muitas vezes verifica-se que a cidade em vez de unir, separa as pessoas e em vez de inclui, exclui, quando deveria ser construída para todos. Isto acontece porque ela não está preparada e não foi pensada para ser utilizada por diferentes pessoas com dificuldades em relação à sua mobilidade.

Isto muitas vezes acontece devido à desvalorização deste conceito, mas também, e acima de tudo, porque parece ser para muitos, mais fácil não considerar esta realidade problemática, ou ainda porque se acha que, respondendo a este conceito, esteticamente as soluções não são tão apelativas.

Posto isto, é extremamente importante que a mentalidade da sociedade actual mude rapidamente. É essencial fazer cidade para ser vivida por todos, pois “(...) o Outro afinal sou já eu (...) ou mais ainda porque este Outro que sou Eu, é cada vez mais Todos os Eus (...)” (Andrade, 2009, p.230).

Por outro lado, é importante ter noção de que não é viável a tentativa de tornar todos os espaços acessíveis ao mesmo tempo, pois por motivos económicos não seria de todo possível. É então necessário que estas mudanças vão ocorrendo gradualmente, que não sejam esquecidas, nem desvalorizadas com o passar do tempo, e que se estabeleçam inicialmente locais de intervenção prioritários.

Este conceito, pode e deve ter uma abordagem a partir de diferentes escalas. Assim, a uma escala maior devem-se considerar as formas e os volumes dos edifícios, que compõem e organizam o espaço público, também ele extremamente importante. Nesta escala, é essencial intervir de forma simples e clara, evitando quaisquer barreiras físicas. À medida que a escala vai diminuindo, é necessário considerar outros elementos, mais pormenorizados e minuciosos, como é o caso do estudo dos materiais e tipos de pavimentos a utilizar, a configuração e disposição do mobiliário urbano ou a resposta a dar perante diferentes desníveis. Deve-se ainda chegar à escala do interior do edifício que, também ele, deve ser criado de forma a receber e ser utilizado por todos os indivíduos, incluindo as pessoas com mobilidade reduzida.

Coloca-se, assim, uma questão importante: será possível a permanência de todos os elementos urbanos que habitualmente fazem parte dos espaços públicos, ou pelo contrário, há necessidade de se retirarem alguns destes elementos, face ao excesso de ruído que estes muitas vezes provocam?

A partir desta questão, pode-se concluir que é necessário e urgente organizar o espaço público de maneira clara e é fundamental que este contenha todos os elementos essenciais, de

maneira a conseguir-se um espaço com qualidade, que responda às necessidades da sociedade actual, adaptável e acessível a todos.

No entanto, as barreiras não se limitam ao espaço edificado, existem outros tipos de barreiras, designadamente, barreiras psicológicas. Estas infelizmente continuam a persistir no tempo e impedem que muitas pessoas sejam aceites por parte da sociedade.

Todas as pessoas são diferentes, tanto física como psicologicamente, cada um tem a sua personalidade, a sua maneira de pensar e viver. Não existem pessoas iguais, o ser humano é feito de diferenças, e são estas que identificam e caracterizam cada pessoa. No entanto, destas diferenças incomodam, não são aceites e impedem a interacção entre os diferentes cidadãos. Este facto deve-se à insegurança notada nas cidades modernas, que é caracterizada pelo medo.

Muitas pessoas, suspeitam umas das outras, sentem medo dos desconhecidos e não conseguem confiar nos outros (Bauman, 2009). Todas estas inseguranças, perigos e ameaças, são representadas por pessoas que parecem não-familiares (Bauman, 2009), estranhas e diferentes. Tudo isto, resulta na discriminação, na exclusão ou no isolamento de pessoas ou determinados grupos. Desta forma, são, muitas vezes, alvo de exclusão e discriminação, indivíduos portadores de deficiências físicas e mentais, com diferenças étnicas ou culturais, pobres, idosos, toxicodependentes e alcoólicos. Todos estes modos diferentes de vida assustam os outros. Tal acontece porque as pessoas não têm a capacidade de conviver com a diferença.

No entanto, esta distância que muitos indivíduos estabelecem entre si só faz com que o problema de exclusão e discriminação aumente cada vez mais, pois leva as pessoas ao isolamento e a terem mais intensivamente comportamentos autodestrutivos (como o caso da toxicodependência ou alcoolismo).

Mas se por um lado, na cidade moderna, existem atitudes de excluir e discriminar, existe paralelamente, e uma vez que as pessoas são todas diferentes umas das outras, o desejo de mistura com as diferenças. É possível afirmar que a cidade actual induz a mixofobia, e simultaneamente, a mixofilia (Bauman, 2009). Entende-se por mixofobia o medo de estabelecer qualquer relacionamento com os outros, devido à variedade de tipos humanos e de estilos de vida. Contrariamente, a mixofilia diz respeito ao desejo e à vontade de contacto e de relacionamento com as diferenças. Ambas “(...) coexistem não apenas em cada cidade, mas também em cada cidadão” (Bauman, 2009, p.48).

Pode-se, então, concluir que o correcto seria o cultivo e a prevalência de sentimentos mixófilos nas cidades actuais, reduzindo ao máximo os sentimentos de medo, insegurança e as

atitudes de exclusão e discriminação. Para tal, é necessário que exista uma compreensão e tolerância recíproca, que apenas pode resultar de um relacionamento compartilhado e a partir da partilha dos espaços.

Assim, a solução para estes problemas parece estar nos espaços públicos, na sua natureza e configuração, que deve ser pensada de maneira a receber diversidades, e ter a capacidade de encorajar as diferenças e as relações entre pessoas diferentes.

SOBRE ARQUITECTURA

O QUE PODE SER ARQUITECTURA

Normalmente, a arquitectura é considerada uma forma de expressão artística, É uma arte colectiva que dá resposta às necessidades e desejos existentes de cada época. Ela “une o passado, o presente e o futuro” (Pallasma, 2011, p.35). É “uma arte difícil feita de elementos fáceis” (Purini, 2009), visto que o seu objecto de trabalho engloba todos os modos de habitar. Ou seja, o seu tema engloba todo o sistemas das relações que os indivíduos estabelecem com o Mundo.

“A arquitectura é um acto prático e metafísico, é uma manifestação utilitária e poética, tecnológica e artística, económica e existencial, colectiva e individual, tudo ao mesmo tempo”

Pallasma (2011, p.35)

A arquitectura é uma arte espacial, temporal (Zumthor, 2006) e social, faz parte das paisagens e das cidades, e, conseqüentemente, das profundas mutações que nelas ocorrem. Sempre foi um modelo do mundo. “O edifício é obrigado a fazer –se lugar de si próprio, auto-contextualizar-se” (Purini, 2009, p.37), ou seja, os seus modos expressivos devem ser compatíveis com o local em que se insere e com as exigências delimitadas pelo seu uso.

“Sem esquecer que a Terra é, também ela, uma arquitectura, um edifício suspenso da sua órbita, modelado pelos ventos e pelas chuvas, fracturado nas suas articulações tectónicas pela mesma energia que lhe dá vida, iluminada pela mesma luz solar que extrai do fundo do céu os artefactos erigidos pelo Homem.”

Purini (2009, p.37)

Ou seja, a arquitectura desde há muito tempo que é um modelo do Mundo, é ela que o constitui e compõe. A arquitectura pode ainda ser entendida como um resultado construído, inserido num determinado ambiente, é o resultado da manipulação de sólidos geométricos, através da sua composição de volumes, com cuidados estéticos, onde a luz e a sombra são elementos muito importantes (Souza, 2006).

“Sem ideias a arquitectura é vã e vazia (...)” (Baeza, 2011a, p.9). O futuro da arquitectura está no pensamento e nas ideias, pois a arquitectura é sempre alguma ideia que é construída.

FORMA EM ARQUITECTURA

A “arquitectura, para além das formas que assume, é a ideia que se exprime com essas formas” (Baeza, 2011^a, p.11). A forma ajuda a originar resultados espaciais diferentes, com distintas percepções, vivências e hierarquização de espaços.

“(…) projectar, planear, desenhar, não deverão traduzir-se para o arquitecto na criação de formas vazias de sentido, impostas por capricho da moda ou por capricho de qualquer outra natureza. As formas que ele criará deverão resultar, antes, de um equilíbrio sábio entre a sua visão pessoal e a circunstância que o envolve e para tanto deverá ele conhecê-la intensamente, tão intensamente que conhecer e ser se confundem.”

Távora (2006, p.74)

Isto quer dizer que as formas criadas não devem nunca surgir ao acaso, mas sim a partir das circunstâncias.

Purini (2009) defende que a forma se dá essencialmente de dois modos: o apolíneo da ordem, que caracteriza espaços composto por formas resistentes, estáveis, simples, torna o conjunto denso, duradouro e fechado; e o oposto dionisiaco da desordem, que remete para o mundo da mobilidade, para a presença de uma multiplicidade de elementos nos quais é impossível perceber um principio organizativo, formas desorganizadas e complexas que destroem qualquer equilíbrio que pudesse existir.

Como é referido por Kahn citado por Ngo (2002), a forma não tem configuração, nem dimensão, ela simplesmente possui um carácter e uma qualidade. “Se você retira alguma parte, a essa forma se desfaz. Isso é forma” (Ngo, 2002, p.47), ou seja, a forma é entendida como um todo, e só assim é possível a sua existência.

Entender a forma é uma questão muito abrangente, pois depende da área de abordagem, ou seja, depende do ponto de vista e do tema em que se enquadra a forma.

Em geral, a forma enquadrada na arquitectura é entendida como uma figura ou imagem visual do conteúdo de um projecto, de um corpo ou objecto. Os elementos básicos da composição e representação da forma, segundo Souza (2006), são os principais elementos geométricos: ponto, recta e plano. Sendo o ponto a unidade mais simples da forma; a recta, uma

sucessão de pontos e a figura de uma dimensão; e plano, uma sucessão de rectas que possui duas dimensões.

Para além disso, o autor ainda refere que, simetria, ritmo, movimento, harmonia, equilíbrio, hierarquia, ordem e simbologia, são características e propriedades que distinguem as formas. E, por fim, afirma que as formas podem ainda adquirir valores simbólicos como: função, condições locais ou culturais.

Como é referido por Le Corbusier citado por Souza (2006), “os nossos olhos são feitos para ver as formas sob a luz”, ou seja, as formas só são visíveis sob a influência da luz, uma vez que é ela que as revela, que lhes confere cor e profundidade.

COMPREENSÃO DO SÍTIO

Para pensar, desenhar e construir uma obra arquitectónica – quer seja ela urbana ou isolada – é necessário conhecer primeiramente o espaço que se destina a recebê-la, por isso é essencial percorrer e perceber o local da intervenção. Este conhecimento não trata apenas da história, mas também de todos os seus componentes físicos, simbólicos e sociais.

O processo de compreensão do local de intervenção passa, então, por uma fase de recolha de dados e informações e sua respectiva análise. E passa, ao mesmo tempo, pela percepção da sua realidade espacial. É através da recolha desta análise que se entende o lugar, que se distingue aparência e suposição do que é realidade e verdade e que se capta os aspectos negativos (o que está errado) e os aspectos positivos (o que se deve valorizar). Trata-se do primeiro contacto com o local de intervenção que é sempre indispensável.

“Seria seguramente errado defender que a análise não é essencial (...)” (Purini, 2009, p.40) para o projecto de qualquer intervenção. Ou seja, a obra da arquitectura não pode nascer sem primeiro existir um processo de análise.

Também Aldo Rossi (2001) reconhece a impossibilidade de se apreender uma paisagem e intervir nela sem primeiro compreender a validade de cada um dos elementos que a constituem, sem compreender o seu sistema.

Nesta fase de análise deve-se utilizar atitudes muito diferentes. Segundo Magalhães (2001), uma atitude dedutiva e uma cognitiva, uma indutiva e outra intuitiva.

“Enquanto que a primeira é característica do método científico, a segunda é apanágio das artes. Por isso se diz que a arquitectura é uma arte que recorre à ciência. Ou melhor, recorre às duas e está na fronteira entre uma e outra.”

Magalhães (2001, p.293)

Este processo de compreensão e análise do lugar de intervenção é um apoio para o estudo e a solução final. É através destes e de tudo o que é captado a partir deles, que surge a proposta. Assim, é necessário conhecer o local para se poder intervir, pois só a partir deste processo é que se consegue alcançar uma solução adaptada, integrada, coerente e harmonizada com o lugar e toda a sua envolvente. Ou seja, é através das condicionantes e dos elementos valorizadores

encontrados nesta fase que surgem pistas para a proposta, que nascem as formas da arquitectura e que se percebe o que é realmente necessário fazer.

Em relação às intervenções em vazios – para além destes serem caracterizados como espaços vazios – nunca se trabalha realmente sobre o vazio. Todos os locais, incluindo estes, possuem algum elemento significativo, condicionante ou valorizador, que serve como ponto de partida e ajuda o desenvolvimento do projecto. Existe sempre algo que o representa e mesmo que não existam elementos artificiais, existem sempre elementos naturais, como é o caso da topografia ou do clima que, por si só, podem já ser muito condicionantes.

Para finalizar, como Siza refere é sempre preciso “(...) procurar, saber e conhecer (...)” (Marchabert e Beaudouin, 2009, p.211), uma vez que o projecto se constrói sobre aquilo que se conhece através da análise e da compreensão do sítio.

COMPOR PARA CONSTRUIR

Após o processo de análise e compreensão do local, é fundamental efectuar-se um processo de libertação do lugar. É necessário, para isso, haver a capacidade de avaliar o que é aproveitável e o que se deve excluir.

Este processo consiste na escolha sobre o que fazer sobreviver. Ou seja, é necessário e essencial separar o que realmente importa e se deve aproveitar, do que é considerado lixo e se encontra a mais. Devem sobreviver no local de intervenção, os elementos valorizadores já existentes, e desaparecer os elementos negativos que desvalorizam e causam conflitos.

Libertar o espaço significa prepará-lo para receber a proposta, de maneira a torná-lo num espaço melhor, física e socialmente. Para isso é necessário efectuar um processo de limpeza e clarificação, retirando o caos e desordem que possam existir e anular os excessos, reduzindo-o ao essencial.

Simplificar pressupõe a repetição de um número limitado de elementos e relações, os quais, sem dúvida, devem permitir as combinações necessárias para abraçar todas as situações importantes da vida (Norberg-Schulz, 1998). Neste processo de simplificação, não podem ser subtraídas ou adicionadas peças sem se perceber as propriedades fundamentais.

Deve-se reduzir ao essencial, construir de maneira simples e de forma a responder a qualquer situação e modos de vida.

“Compor é como jogar xadrez. É necessário pensar muito antes de fazer a jogada de abertura porque, se esta não for exacta, se não for necessária ou, se quisermos, se não fizer parte de um restrito número de escolhas compatíveis com o programa predefinido, é preciso começar de novo.”

(Purini, 2009, p.21)

O processo de libertação é muito complexo. Não podem ocorrer erros aquando do processo de identificação do que deve sobreviver. É essencial uma análise e observação atenta, para se poder realizar boas escolhas, pois se ocorrer algum engano, este pode ser fatal para a intervenção.

Por fim, compor significa regular e mexer num sistema metamórfico e complexo de variáveis correlacionadas entre si, tentando produzir uma espécie de equilíbrio, de maneira a possibilitar o ajuste do espaço para construir a confiança nas pessoas.

O SENTIDO DO TODO

Não se constrói sobre uma tábua rasa, sobre superfícies abstractas ou privadas de sinais. A cada lugar pertencem características, elementos e condicionantes. Estes são muito importantes para a idealização e concepção de qualquer intervenção, visto que são eles que contribuirão para o surgimento do resultado final.

Norberg-Schulz (1998, p.94) refere que “(...) las relaciones entre los elementos suelen más importantes que los próprios elementos (...)”, ou seja, a vista do conjunto chega a ser mais importante que cada parte vista individualmente. Assim, o significado de um objecto consiste – mais do que na sua constituição – nas suas relações com os outros.

Posto isto, pode dizer-se que parece óbvio que não se pode falar em arquitectura sem a enquadrar no espaço onde se situa, da mesma forma que não é possível falar de uma intervenção urbana sem pressupor o território onde se situa.

Qualquer intervenção arquitectónica (urbana ou obra singular), independentemente da sua localização, é um acto crítico que, de certa forma, torna a fundar a realidade do local onde se intervém. Estabelece-se nesse momento uma relação simultânea entre a proposta e o local de intervenção. Ou seja, da mesma forma que a proposta influencia o lugar, modificando-o de certa forma, também este influencia a proposta, uma vez que as suas condicionantes encontradas a partir da fase de análise são o ponto de partida para qualquer intervenção.

Pode-se então concluir que o novo é contaminado pelo existente, e este torna-se diferente em contacto com o novo. No entanto, estas influências sucedem-se para que se estabeleça uma relação harmoniosa entre ambos – intervenção e lugar, só assim é possível uma boa integração entre os dois.

“Percorrendo a história da arquitectura é fácil constatar como o ser uma construção nova a continuação de uma arquitectura já existente é uma regra quase geral. Neste sentido, qualquer projecto é sempre o prolongamento de um projecto já feito, assim como é o início de um projecto futuro.”

Purini (2009, p.50)

Qualquer intervenção é influenciada pelo pré-existente de maneira a integrar-se com ele, e no futuro também esta influenciará as intervenções futuras que possam ocorrer.

No entanto, tentar integrar a intervenção com o existente não é uma situação simples. O existente, muitas vezes, é fruto de situações complexas e problemáticas. Para se conseguir uma integração entre a proposta e o pré-existente não basta proceder à adição de elementos, é necessário considerar e ponderar primeiro todas as condicionantes determinadas pela envolvente e perceber o que realmente o lugar necessita e consegue receber.

Uma intervenção encontra-se integrada, quando não é impossível imaginar o lugar onde se insere sem ela (Zumthor, 2005). Quando se encontra firmemente ancorada, possui características relacionadas com o existente, e “(...) funciona como parte integrante do seu espaço envolvente e parece dizer: ‘eu sou tal como tu me vês e daqui faço parte’ ” (Zumthor, 2005, p.17). Ou seja, quando existe uma boa relação e sentido do espaço como um todo, como um conjunto completo – que não é possível caso não exista alguma das partes.

Integrar significa adaptar ao lugar. Significa estabelecer uma relação de respeito, sem existência de conflitos, e um diálogo coerente em relação ao espaço. Incorpora as características e ideias que estão inerentes ao local, a sua história, o seu espaços físico: clima, topografia, os seus edifícios e suas cercas e outros elementos envolventes. Ou seja, o local de implantação é mais do que um mero ingrediente na concepção, é a função física e metafísica (Holl, 2007).

Qualquer intervenção e o lugar que se destina a recebê-la dependem um do outro. E quando ambos de se fundem surge uma condição que tem a ver com conotação e denotação (Holl, 2007).

O princípio fundamental deste conceito é ancorar a intervenção com o lugar, e o arquitecto que desenha o espaço tem tanta responsabilidade de desafiar ou aceitar passivamente, mas sempre harmonizando com a envolvente (Siza, 2009). Ou seja, a proposta não tem que ser igual à envolvente existente, pode ser diferente, mas tem que ao mesmo tempo ser harmonizada.

Louis kahn (2003) refere que deve existir, em qualquer intervenção, uma integração entre a proposta e o espaço físico e social do lugar. Ou seja, a proposta deve para além de procurar uma integração com o espaço físico, a partir da mancha, dos alinhamentos, da topografia e dos edifícios existentes, procurar uma integração social, de maneira a perceber se a proposta se adapta e está de acordo com as características e necessidades das diferentes pessoas que vão utilizar o espaço.

METODOLOGIA

O presente trabalho tem como objecto empírico uma zona específica da cidade de Berna, na Suíça, e uma proposta de projecto inserida no contexto de um concurso internacional de ideias para estudantes de arquitectura, promovido pela *Schindler Award 2012*. Este consiste numa reflexão sobre os modos como se deve actuar e do que é essencial promover, para que esta zona específica seja regenerada, com a finalidade de torná-la mais agradável, vivida e, acima de tudo, acessível a todos.

Nos capítulos anteriores, procurou-se argumentar que a articulação entre os três elementos analisados – cidade, arquitectura e sociedade – envolve questões complexas que devem ser equacionadas, para que, para que em confronto obtenham uma boa relação e um grau elevado de satisfação e qualidade. A análise das formas como a cidade tem vindo a crescer, das influências que esta causa nos seus utilizadores, e das exclusões que se têm observado a parte da sociedade é, por isso, uma forma de compreender e de alertar para os processos que o urbanismo e a arquitectura devem efectuar. Aquando da realização de qualquer proposta, independentemente do lugar, é sempre essencial a análise do contexto em que se irá intervir, sendo imprescindível pensar nas pessoas que irão viver e utilizar o espaço, ou seja, é necessário ter-se sempre em consideração para quem se projecta, como é que se deve intervir, e como é que a arquitectura deve responder a estas problemáticas.

Seguindo esta linha de problematização, a investigação aqui apresentada foi delineada segundo uma estratégia metodológica que se pensa ser a mais apropriada e capaz para captar a complexidade dos elementos estudados.

Tendo em conta este quadro de problematização delineado, a investigação deveria ter seguido uma estratégia mais multifacetada, particularmente no que diz respeito a uma visita à zona a intervir. No entanto, não foi possível de ser realizada, por questões de tempo disponível para a elaboração do trabalho e de custos que esta implicaria. Esta iria permitir um melhor enquadramento e aprofundamento do local e de tudo o que o constitui, isto é, iria possibilitar a experimentação e melhor percepção do espaço, que só é possível, através da visita física ao lugar.

Apesar disto, privilegiou-se uma abordagem de cariz essencialmente qualitativo, susceptível de produzir a informação mais relevante e a aproximação mais real possível, para a elaboração do trabalho.

Para este efeito, a investigação realizada assentou em três instrumentos metodológicos principais: uma pesquisa exploratória a partir de monografias, revistas, artigos e junto de alguns indivíduos familiarizados com o tema; uma recolha de informação acerca da cidade e do programa do concurso em questão; bem como a realização de uma análise própria ao local, a partir de diferentes escalas – desde uma mais abrangente, da cidade, até uma mais minuciosa, do edifício, – que auxilie e dite as condicionantes que servirão de base para a elaboração da proposta.

Todos estes instrumentos metodológicos denotam muito daquilo em que consiste o processo na arquitectura, isto é, todas estas fases consistem no acto de projectar e em todo o processo que se realiza até se atingir uma proposta final.

CIDADE E CONCURSO



Fig. 01: Vista aérea da cidade de Berna.
Fonte: Bing Maps (2012a).



250m



A CIDADE DE BERNA

A cidade de Berna é a capital da Suíça. Foi fundada em 1191 pelo Duque de Zahringen. Em 1405, devido a um incêndio, teve que ser totalmente reconstruída. Esta reconstrução conseguiu atravessar e resistir ao passar dos séculos e corresponde ao actual centro histórico da cidade, que é considerado pela UNESCO como Património da Humanidade.

Actualmente, a cidade tem cerca de 131000 habitantes e, devido à paisagem que a rodeia, ao seu centro histórico em perfeito estado de conservação, às instituições culturais e de lazer, aos estabelecimentos de educação, bem como à presença do Rio Aare, esta é caracterizada como uma das cidades do mundo que proporciona melhor qualidade de vida aos seus habitantes e visitantes.

A cidade é atravessada pelo Rio Aare e é caracterizada pela existência de ursos nesta zona, desde há muitos séculos, que ainda hoje é possível de ver. Em relação à sua topografia, esta desenvolveu-se essencialmente em três cotas dominantes: uma cota mais baixa, caracterizada pelo rio e pelas suas margens; uma cota intermédia, onde se desenvolve parte da cidade e onde se situa também o centro histórico; e uma cota mais elevada, numa zona a noroeste deste último.

Observa-se que a origem da cidade teve início na zona Este e as suas delimitações, muito provavelmente, foram influenciadas pela morfologia do rio. O seu crescimento deu-se principalmente nas cotas alta e intermédia e actualmente já vai muito mais para além da zona delimitada pelo rio.

O estudo e a compreensão da morfologia e constituição da cidade é um aspecto importante e a analisar, pois o local escolhido para a intervenção localiza-se a noroeste do centro histórico e engloba as três cotas acima referidas. Estas demonstram, sobretudo nesta zona, uma complexa articulação entre si.

Existem ainda outros elementos relevantes para o local de intervenção, para além destas características, estes serão seguidamente expostos de uma forma concisa (ANEXO 02):

Rio Aare – Elemento topográfico que define o espaço mas, para além disso, é também motivo de orgulho para a cidade. É um espaço para estar no Verão e utilizado para praticar desporto. No entanto, o seu acesso é difícil, principalmente para as pessoas com mobilidade reduzida, devido ao seu declive acentuado e escorregadio e à quase inexistência de meios que possibilitem o seu

acesso, sendo que os meios que existem possuem características inseguras. Todos estes obstáculos fazem com esta zona não tenha uma boa articulação com o resto da cidade.

Martinshang – Pequeno espaço verde, mas que adquire um papel importante para a zona verde da cidade. Possui, também ele, um declive muito acentuado e, por isso, trata-se de um espaço muito íngreme para ser utilizado actualmente como espaço público de lazer.

Grosse Schanze – Zona onde se localizavam as antigas fortificações. Actualmente trata-se de uma área habitacional, onde se localiza a estação dos caminhos de ferro e de um importante núcleo de estacionamento.

Schützenmatt – Espaço resultante e desorganizado na cidade, atravessado por grandes infra-estruturas ferroviárias e viárias, é utilizado como parque de estacionamento e, pontualmente, como parque de diversões e mercado. Neste espaço existem muitas vezes conflitos entre os seus utilizadores.

Eilgut – Antiga zona de viragem dos comboios. Hoje em dia, funciona como depósito temporário e local de lavagens das carruagens. É também utilizado pelos trabalhadores dos caminhos de ferro como parque de estacionamento.

Circulação – pontes e ruas inseridas no perímetro de intervenção

Eisenbahnbrücke – Ponte ferroviária existente na zona de Schützenmatt, que divide e estabelece uma barreira entre a zona do centro histórico e o resto da cidade.

Lorrainebrücke – Ponte rodoviária, trata-se de um dos principais elementos que permite a entrada/saída na cidade.

Vias e tráfego – A maioria das vias que estão inseridas no perímetro a trabalhar são sobredimensionadas e podem ser reduzidas no geral. Destacam-se nesta zona as seguintes vias: Neubruckstrasse, Schützenmattstrasse, Westtangente, Hodlerstrasse e Bollwerk, esta última é uma das menos convidativas e mais vandalizadas da cidade.

Áreas e Edifícios inseridos ou envolventes no perímetro de intervenção:

Langmur e Bluturm – Antiga muralha e torre medievais, respectivamente, em estado de conservação muito degradado.

Kulturzentrum Reitschule – Antiga escola de hiquitação. Actualmente, este espaço é um Centro de Cultura Alternativo, sendo apropriado por grupos de risco, onde estes realizam concertos, discussões políticas e teatro.

Drogenanlaufstelle – Instituição de apoio médico e social, surgiu como forma de contribuir para a preservação da saúde pública. Alberga outras instituições como: a instituição Contact, de apoio a jovens menores e aos seus pais, a instituição Pinto, apoio a pessoas com problemas com droga e a instituição La Strada, que dá apoio a prostitutas toxicodependentes.

Gassenkuche e Notschlafstelle – Instituições de apoio a pessoas sem abrigo.

Alkistubli – Instituição de apoio a pessoas alcoólicas.

Áreas contíguas

Untere Altstadt – Parte do centro histórico, constitui a baixa da cidade velha. Os edifícios desta zona são caracterizados pelo seu rés-do-chão ocupado com comércio e os pisos superiores utilizados para habitação.

Obere Altstadt – Constitui a alta cidade velha. Os edifícios aqui presentes apresentam normas menos rígidas e são caracterizados pelo seu uso: escritórios, hotéis, restaurantes e centros comerciais.

Neustadt – Representa a cidade nova, os edifícios nesta zona são utilizados com funções públicas.

Alpenegg e Altenberg – Áreas residenciais, que apresentam articulação e acesso difíceis com a zona do centro histórico e das margens do rio.

O CONCURSO – PROGRAMA E RESTRIÇÕES

CONTEXTO

Os temas gerais do concurso promovido pela *Schindler Award 2012* são a regeneração urbana, as acessibilidades e a integração física (do espaço) e social (dos grupos de risco). A partir destes temas, os objectivos passam pela revitalização da zona em causa, isto é, pretende-se uma colmatação urbana e a qualificação do espaço público, tendo-se sempre em consideração o pré-existente; pela resolução dos conflituosos e problemáticos acessos (entrada/saída) à cidade efectuados a partir desta zona em questão; pela integração entre as três cotas dominantes; pelo melhoramento dos existentes e criação de novos acessos à encosta do rio, incluindo também a muralha e torre medievais; e por propor uma variedade de funções e usos, que sejam apelativos durante o dia e também durante a noite, pensados para todo o tipo de utilizadores (visitantes, pessoas que apenas circulam ou permanecem no local e/ou indivíduos com mobilidade reduzida).

Resumindo, pretende-se tornar o perímetro parte integrante da cidade e reorganizá-lo de maneira a que possa ser utilizado por qualquer pessoa, incluindo os indivíduos com mobilidade reduzida. Por outro lado, pretende-se também uma regeneração a nível social, obrigando os estudantes, que pretendem participar no concurso em questão, a pensar em diferentes tipos de utilizadores, bem como em modos de vida e problemas diferentes, mais precisamente, em pessoas que tenham problemas com álcool ou droga.

TAREFA

O trabalho deve ser elaborado a partir de diferentes escalas de intervenção definidas pelo concurso: *Master Plan*, *Urban Repair* e *Project Design*.

O *Master Plan* diz respeito à proposta geral, que engloba todo o perímetro seleccionado pelo concurso. Deve-se aqui definir a estratégia e o conceito a adoptar para a proposta. Trata-se de elaborar especificamente uma proposta urbana, que solucione e responda a todos os problemas e objectivos levantados, no que diz respeito a acessibilidades, a articulação entre as diferentes cotas dominantes, a integração física do espaço com a envolvente e a regeneração de

toda a área. É necessário que a primeira tarefa a ser realizada a esta escala seja uma análise a todo o território, o que muito provavelmente vai implicar ainda outra escala mais abrangente.

Já no *Urban Repair*, o objectivo passa pelo aprofundamento dos conceitos e soluções adoptadas anteriormente. É esta escala que faz a transição entre as outras duas fases (desenho urbano para o edifício). É extremamente importante, nesta escala, estudar as relações estabelecidas entre os edificios propostos e os edificios existentes, bem como os espaços públicos que estes originam.

Por último, a fase de *Project Design* passa por projectar um novo edifício de apoio aos grupos de risco (alcoólicos e toxicodependentes) que utilizam a área trabalhada. O projecto deste edifício deve obedecer e respeitar normas específicas de funcionamento e de áreas, fornecidas pela organização do concurso, a partir de esquemas e tabelas (ANEXO 02). Pretende-se que nesta escala se alcance uma integração física e, principalmente, social do edifício com a envolvente e a sociedade.

Em suma, todas as escalas a ser trabalhadas são essenciais e devem ser bem articuladas, de maneira a obter-se uma proposta final o mais coerente e desejável possível.

RESTRICÇÕES

A organização do concurso estabeleceu restrições para a elaboração da intervenção, que dizem respeito a alguns elementos físicos existentes no perímetro. Seguidamente serão descritas de uma forma breve e sintética todas as restrições efectuadas:

- deve-se proteger a beleza natural e biosfera das margens do rio;
- aquando de algum abatimento de árvores, o mesmo número retirado deve ser repostado, podendo escolher-se a sua nova localização;
- pode ser retirado ou controlado o tráfego da rua Schützenmatt, isto é, existe a possibilidade de esta ser inacessível à circulação automóvel;
- a via Westtangente pode ser em túnel, ou ser englobada por um edifício (o túnel deve possuir uma altura mínima de 4,5m);
- é permitida a construção sobre as linhas férreas, no entanto o edifício não pode ser suportado pela estrutura da ponte, neste caso deve-se ter em atenção a colocação dos seus pilares e uma altura livre mínima de 6,5m;
- na zona da Neubruckstrasse é possível proceder-se à adaptação dos pilares da ponte ferroviária;

- é possível construir-se na zona de estacionamento dos comboios, uma vez que esta vai ser desactivada.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Foram, como é lógico, estabelecidos alguns critérios de avaliação, definidos pela organização do concurso, para a selecção dos projectos vencedores. Estes consistem na identificação de aspectos como as de qualidades urbanas e de arquitectura; planeamento em relação a acessibilidades, circulação e orientação para pessoas com deficiências; inter-relação de funções; relativamente à estética da proposta, se é ou não apelativa; resposta de integração com a envolvente; e por fim, introdução de aspectos inovadores em conceito e design.

CONSTITUIÇÃO DO JÚRI

O grupo de jurados deste concurso é constituído por urbanistas, arquitectos, pessoas representantes da cidade de Berna, do grupo Schindler Elevadores e, ainda, de organizações de apoio a pessoas com mobilidade reduzida ou com algum tipo de deficiência que condicione a sua circulação. Desta forma, os aspectos gráficos, as escalas, os conteúdos e a organização dos painéis finais, tiveram que ser pensados e planeados tendo em consideração esses elementos do júri (como o caso da colocação dos textos na parte inferior dos painéis e os contrastes entre cores).

O PROCESSO

CONHECER PARA COMPOR

Na tentativa de se conhecer e compreender o espaço de intervenção foi, desde logo, realizada uma análise a partir de diferentes escalas. Através dela passou-se a conhecer e a compreender melhor não só o local a intervir, como também o resto da cidade.

Perante isto, primeiramente, pôde-se identificar, na zona de intervenção, dois tipos de paisagens com realidades muito distintas. Estas caracterizam áreas completamente opostas e desligadas entre si que, através da proposta, se devem articular. Fala-se assim de uma paisagem naturalizada, que caracteriza as margens do rio Aare; e de uma paisagem urbana, que diz respeito à zona de intervenção urbanizada, situada nas cotas intermédia e mais alta, isto é, a cidade propriamente dita.

As margens do rio podem ser encaradas como um exemplo de paisagem naturalizada, uma vez que se denotam nestas vários elementos naturais, como é o caso do rio, da vegetação e da sua topografia. A presença destes revela-se muito importante para a caracterização da sua identidade e a sua leitura como um todo faz com que esta zona de intervenção seja a mais calma e apelativa. Por outro lado, verificam-se, também, modificações parciais efectuadas pelo ser humano, como é o caso da antiga torre e muralhas medievais, de alguns percursos pedonais existentes e das duas pontes, automóvel e ferroviária que, evidentemente, causaram uma grande mudança e impacto nesta paisagem. Todos estes elementos referidos (naturais e artificiais), são responsáveis por esta zona poder ser identificada como paisagem naturalizada. Em geral, o acesso a esta área é muito perigoso, inseguro e sinuoso, não existindo praticamente a possibilidade de pessoas com mobilidade condicionada acederem a esta área.

A uma cota superior, a cidade urbanizada é, sem dúvida alguma, uma paisagem urbana, que foi pensada e programada previamente à sua edificação, pelo ser humano.

No que diz respeito ao perímetro da zona de intervenção propriamente dito, pode-se constatar que este espaço se apresenta como uma superfície residual e desligada da envolvente e parece nunca ter sido planeado. Este representa muitos dos problemas actuais em contexto urbano, não só pela sua forma desorganizada, pela má articulação que estabelece com o resto da cidade, como também pela sua fácil apropriação por parte de grupos ou modos de vida marginais.

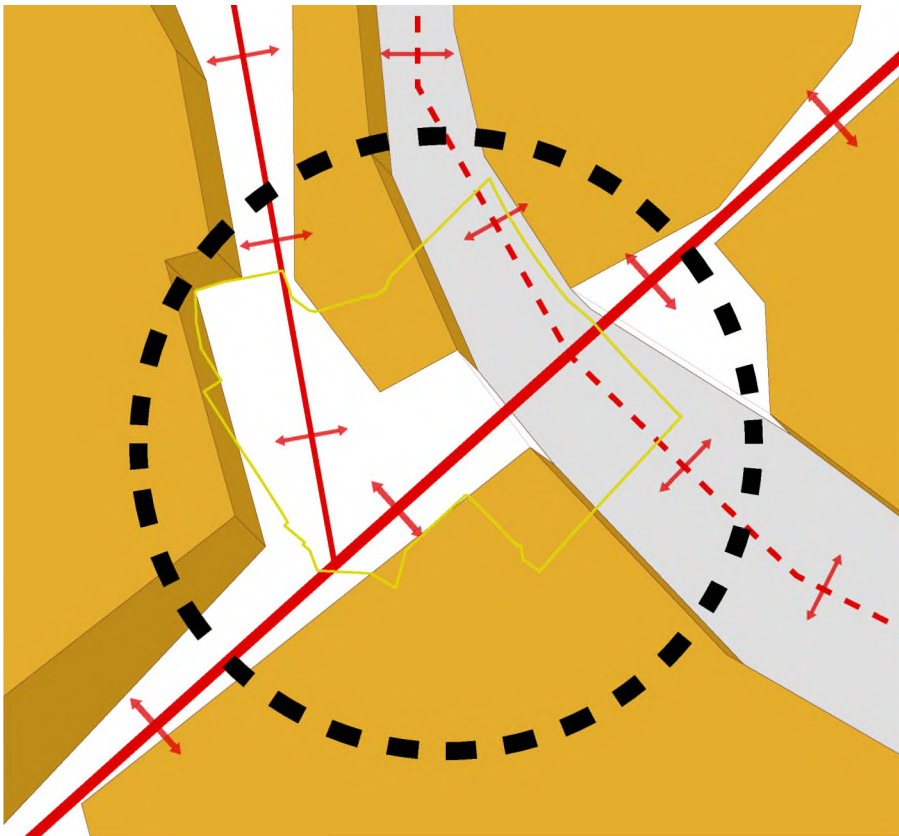
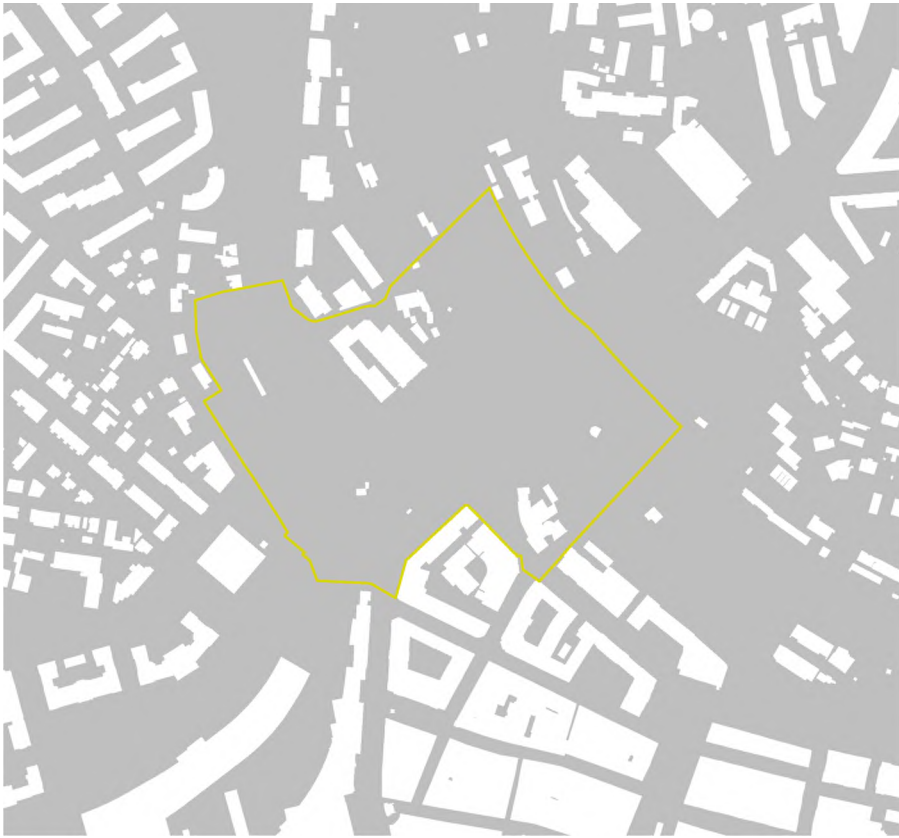


Fig. 02: Análise da mancha urbana de Berna.
Fonte: Elaboração própria em cooperação com Lucas Diz,
Márcio Cancela, Marzena Goldyn e Miguel Gouveia.

100m



Este espaço representa um grande vazio urbano, muito relevante na mancha da cidade de Berna (fig. 02). Para além disso, coincide com sistemas de mobilidade e infra-estruturas, uma vez que é caracterizado por vias automóveis sobredimensionadas e por uma ponte ferroviária que se impõe a ele, criando uma divisão, não só entre este local e o resto da cidade, como também dentro do próprio espaço.

A partir desta primeira análise e da informação fornecida pela organização do concurso, pode-se concluir que este é um espaço vulgar, desagradável e até mesmo invisível, já que parece não ser notado pelas pessoas, ou seja, ninguém lhe presta atenção. Por tal, e uma vez que se assume como um mero local de passagem, este espaço pode ser equivalente aos espaços caracterizados como *não-lugares*⁸. Apesar de se pensar que não existem *não-lugares*, pois todos os espaços tem a sua própria identidade. E só o facto deste local parecer ser ignorado pela população, a realidade é que ele existe e tem a sua própria identidade. Só pelo facto de ser um local vazio, que não se enquadra com o resto da cidade, ser um local degradado e meramente de passagem, tanto automóvel como pedonal, tudo isto já caracteriza aquele espaço, e todas estas características constituem a sua própria identidade.

Segundo a lógica defendida por Boyer (1995), pode-se também caracterizar este local como *espaço desfigurado*, pois apresenta-se urbanisticamente decadente, negligenciado e excluído. Para além disso, também não é aparentemente possível identificar-se, neste espaço, algum tipo de forma ou função, o que reforça esta ideia de espaço.

Para além disto, a zona de intervenção assume-se ainda com características específicas de uma paisagem urbana moderna, mencionadas por Relph e já referidas anteriormente. É então, uma paisagem caracterizada pela existência de novas construções que nada têm a ver com os pré-existentes - tanto em relação ao seu tamanho como à utilização de materiais – pela presença de sinais eléctricos, de parques de estacionamento e de um grande nível de ruído provocado principalmente pelos meios de transporte. Tudo isto contribui para a desorganização e aparente caos deste espaço.

Como se pode concluir, neste perímetro de intervenção, convergem muitos problemas, relacionados com aspectos físicos do território, bem como aspectos sociais.

⁸ Conceito introduzido por Marc-Augé. Entende-se por não-lugares espaços resultantes, aqueles que carecem de identidade, sendo esta determinada pela sua própria história, como é o caso das auto-estradas ou dos campos de refugiados.



Fig. 03: Problemas existentes no local de intervenção.
Fonte: Elaboração própria.

Assim, no que diz respeito aos seus aspectos físicos, conclui-se que este representa o ponto mais conflituoso entre as três cotas dominantes, uma vez que se verifica a existência das três ao mesmo tempo, mas quase sem qualquer articulação entre elas; para além disso, as grandes infra-estruturas presentes nesta zona dificultam a ligação entre estas diferentes cotas, sendo que o corte de ligação mais relevante é detectado entre a cota mais alta e a cota intermédia, devido à configuração da topografia, muito acentuada, e ao corte provocado pelo estacionamento ferroviário, mas estas vão ainda mais longe: dividem o próprio espaço de intervenção, fragmentando-o em pedaços desconectados (fig. 03).

Por outro lado, relativamente aos aspectos sociais, observa-se que se trata de um espaço muito problemático no que diz respeito a sociabilidades. Actualmente, este é apropriado por grupos de risco (alcoólicos e/ou toxicodependentes). São estes que permanecem e tomam posse deste lugar. Isto deve-se, em parte, à localização das instituições que lhes dão apoio e à presença do edifício de cultura alternativa (Reitschule). Esta apropriação estimula o surgimento de muitos conflitos entre estes grupos e, de certa forma, influencia a não utilização deste espaço por parte de outros grupos de pessoas com modos de vida diferentes, uma vez que a sua presença transmite a estes últimos, um sentimento de insegurança.

Conclui-se que toda a área de intervenção não está pensada para todas as pessoas, mais propriamente, para as pessoas com mobilidade condicionada. O espaço possui uma configuração completamente desorganizada e, para além disso, os elementos que o constituem não foram pensados para a utilização de pessoas com problemas em relação à sua mobilidade. Aliás, este parece ser apenas pensado para o automóvel, visto não possuir condições de mobilidade pedonal, mesmo para os utilizadores sem dificuldades de movimentação e orientação.

Perante todas estas condicionantes e conflitos, captados nesta fase de análise, é necessário pensar-se em respostas e soluções. É essencial pensar neste local como um desafio, ou como um espaço disponível, que pode gerar novas oportunidades. É importante pensar na configuração de todo o espaço, de maneira a que este estimule relações entre diferentes pessoas e, ao mesmo tempo, se integre com a sua envolvente. Visto que a sua configuração adquire um papel muito importante nos seus utilizadores e na sua relação com o edificado existente, podendo ajudar a sua integração física e social.

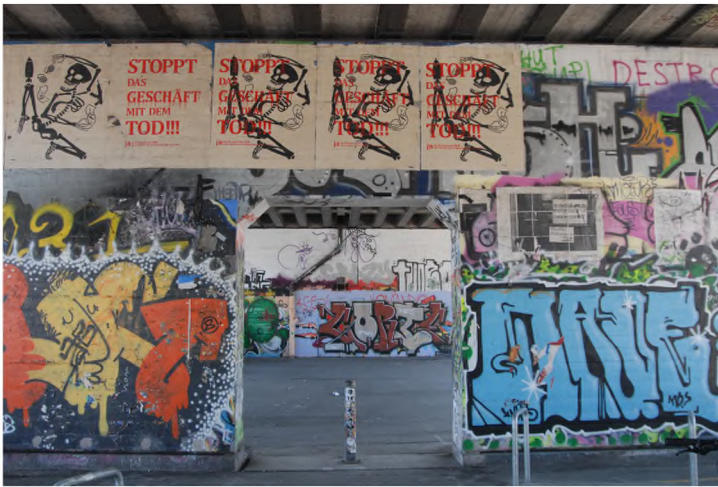


Fig. 04: Fotografias do local de intervenção.
Fonte: Fotografias disponibilizadas pelo concurso *Schindler Award 2012*.
70



MASTER PLAN / URBAN REPAIR

A partir da fase anterior, o ponto de partida para o desenvolvimento da proposta fica mais esclarecido. Foi possível identificar e analisar cada elemento constituinte do espaço e, a partir daí, definir as primeiras ideias e conceitos para o projecto.

Constatou-se que, actualmente, o local de intervenção aparenta ser um espaço desintegrado na cidade, que parece destoar na sua envolvente, já que representa um vazio muito significativo na mancha urbana da cidade de Berna. Aparenta ser um mero espaço resultante na malha, cujo funcionamento é quase caótico, existindo uma enorme tensão entre todos os elementos que o constituem e os seus utilizadores. Parte destes últimos e, mais propriamente, os que apenas o utilizam ocasionalmente, parecem ter uma relação fria e remota com o local a intervir.

Perante esta realidade, surge um objectivo para a estratégia de intervenção, que passa pela regeneração do espaço em questão e pela tentativa de conciliar todos os factores reflectidos durante a fase de análise ao local. Pretende-se, através da proposta, responder a questões de contexto, história e função.

Todo o projecto requer uma ideia organizadora, isto é, um conceito que conduza o caminho que se deve percorrer ao longo de todo o processo. Por tal, a estratégia de intervenção da proposta, aqui apresentada, baseia-se em alguns conceitos e em determinadas ideias chave. Estas são o elemento condutor e auxiliador para a clarificação do método a utilizar ao longo de toda a elaboração do projecto. Assim sendo, para a concepção da proposta, foi essencial que se passasse, primeiramente, por um processo de libertação de todo o caos existente no espaço. Seguidamente, adoptaram-se conceitos de simplicidade e de integração, com o intuito de tornar esta área parte integrante da cidade (física e socialmente) e, por outro lado, para que esta se convertesse, ainda, num espaço acessível a todas as pessoas, incluindo as que tem problemas relacionados com mobilidade e orientação. Pensa-se que, tal como Steven Holl (2011, p.8) defende,

“nuestro mundo está repeleto de tareas mundanas de las que debemos liberarnos; la vida cotidiana está repleta de aparatos que acaparan nuestra atención y complacen nuestros deseos (...)”

Isto é, o mundo encontra-se sobrecarregado de informação excessiva que impede a sua experiência. Para se poder obter algum prazer da percepção espacial, é essencial que o espaço seja mais simples e limpo de tudo o que possa constituir ruído. Só dessa forma, todas as pessoas, independentemente das suas dificuldades, poderão experienciá-lo e vivê-lo. Enquanto um ambiente que proporciona muitas sensações é perturbador para quem o experiencia, os espaços sem ruído favorecem uma experiência multissensorial mais intensa, pois não distraem e os sentidos ficam mais apurados. Este é o dever da arquitectura, como também Zumthor (2005, p.28) afirma, “uma boa arquitectura deve hospedar o homem, deixá-lo presenciar e habitar, não tentar persuadir”.

Desta forma, o conceito geral para a intervenção passa pela criação de um espaço simples, que busque o essencial e que, ao mesmo tempo, seja parte integrante da cidade. O objectivo é o de libertar o local de toda a tensão que nele existe, de este deixar de ser um espaço resultante, passando antes a ser previsto e bem inteirado com a envolvente, tendo sempre por base o desejo de facilitar a mobilidade a todos os seus possíveis utilizadores.

ESSENCIALIDADE: MAIS COM MENOS

Após a fase de análise, para a elaboração da proposta, foi essencial realizar-se um processo de libertação de todo o espaço. Este consistiu na reflexão e selecção do que se deveria fazer sobreviver ou excluir. As primeiras ideias e os primeiros esboços do que a proposta poderia ser só conseguiram nascer depois deste processo libertação.

Desta forma, como já referido anteriormente na fase de análise, pôde-se observar que vários elementos constituintes do espaço provocam uma enorme tensão e uma sensação de caos em todo o perímetro de intervenção. Detectou-se que vários elementos constituem um ruído excessivo e tornam o local demasiadamente complexo para ser devidamente habitado.

Chegou-se assim à conclusão que toda a área de intervenção parece estar vocacionada para a circulação viária e férrea, representando um grande pólo de distribuição. Isto prende-se com a existência de um grande núcleo de transportes públicos, existente no limite do perímetro de intervenção. Estas infra-estruturas viárias e ferroviária, como foi visto na fase da análise, apresentam dimensões sobredimensionadas em relação ao local onde se situam, dando ainda mais ênfase ao tráfego automóvel e transmitindo, por outro lado, maior insegurança ao caminhante. Para além disso, estas provocam ainda a fragmentação da área de intervenção, tornando-a ainda mais complexa. Adicionalmente, o estacionamento/armazém dos caminhos de ferro, revela-se, também ele, um elemento desestabilizador do local. Este, para além de actualmente não possuir uma funcionalidade prática, ainda impossibilita a ligação entre a cota mais alta e as cotas mais baixas da cidade. Quanto à circulação pedonal, verifica-se que é deixada para segundo plano. Não se verificam quaisquer preocupações com os elementos destinados ao peão, sendo que muitas vezes, em certos locais, simplesmente não existe nenhum tipo de apoio ao trânsito pedonal. A ocupação de toda a área é, então, feita pelo automóvel. Contrariamente, a circulação pedonal é bastante frágil e complexa, não existindo praticamente zonas de permanência, simplesmente de estar ou de lazer. Estas questões parecem remeter para problemáticas comuns e visíveis em todas as cidades actuais, visto que são muitos os profissionais que abordam esta questão:

“A cidade e o automóvel convivem cada vez mais e cada vez pior. Um ritmo acelerado e uma dependência cada vez maior do carro para as deslocções pendulares casa-trabalho-casa, condicionaram a nossa qualidade de vida. Reféns do automóvel as pessoas passaram para segundo plano. O carro invadiu a cidade, o passeio, a rua, o beco...”

Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional
(2007, p.14)

No entanto, os problemas encontrados neste local não se prendem apenas com questões de circulação; existem ainda alguns edifícios geradores de conflitos. Fala-se, mais propriamente, do edifício de cultura alternativa (Reitschule) e do edifício de apoio a grupos de risco (Drogenanlaufstelle). Estes ditam os modos de vida predominantes em toda área, uma vez que determinaram a sua apropriação por parte de grupos de risco. Por sua vez, a permanência destes no local influencia a sua não utilização por parte de outras pessoas, com modos de vida completamente diferentes.

Perante este verdadeiro caos, esta tensão, e face a esta complexidade e ruído, a ideia inicial consiste, então, na libertação do espaço, com o intuito de retirar o peso exercido sobre ele e, posteriormente, permitir a sua consolidação e vitalismo.

Este processo de libertação constitui o acto de retirar e voltar a colocar elementos, várias vezes sem conta, num jogo de avanços e recuos, até se perceber o que realmente é essencial, até se atingir uma base equilibrada. Nesta fase, descobriram-se componentes muito valiosos. A presença dos espaços verdes e dos elementos naturais foi, sem dúvida, um dos aspectos mais positivos encontrados no local. A subtileza do rio, as suas margens e o parque Martinshang mais a norte, eram à partida e, claramente, espaços com muito potencial.

Por outro lado, a partir desta fase, foi possível compreender que nem todos os elementos que à partida parecem desvalorizar o local devem ser excluídos. Entendeu-se que seleccionar não significa apenas manter os elementos valiosos e excluir o que é desvalorizador. Existem elementos que, inicialmente, se apresentam como desestabilizadores, mas caso sejam trabalhados, ao invés de serem excluídos, podem ser valorizados, transformados e integrados.

Assim, percebeu-se que elementos como a ponte ferroviária e o edifício Reitschule, apesar da sua aparente degradação, da sua imponentia sobre o espaço, representam um grande potencial para a intervenção, pois são eles que conferem, actualmente, carácter e identidade a este local, que o identificam e o marcam.

Posto isto, o local ficou apto para receber a proposta. Esta, demonstra o desejo e o conceito seguidos de conseguir mais com menos e, ainda, de uma procura pela essencialidade. Todos os elementos que a constituem são os essenciais, não havendo lugar para excessos. Tudo isto com intuito de se criarem espaços mais organizados, mais vividos, mais perceptíveis e com melhores condições para serem experienciados.

A proposta foi elaborada de maneira a criar espaços harmoniosos, simples e de fácil compreensão. Esta é identificada pelo equilíbrio e clareza do seu desenho e da sua organização física. Procura, através da simplicidade, alcançar um espaço organizado, coerente, legível e sem sobreposição de informação ou de elementos, isto é, o conceito de mais com menos, seguido na proposta aqui apresentada, surge como um meio para se obter um espaço acessível a todos. Não se trata de uma ideia de construir em massa, de construir mais e muito, mas sim de limpeza e clareza, procurando uma proposta límpida, simples e com presença, concretizada através dos elementos essenciais, sem haver desestabilização do espaço com excessos. Para isso, foi necessário a depuração de todo o ruído, e o desenho de espaços mais simples, sem barreiras físicas ou móveis, ou seja, tentou-se ao máximo a simplificação do espaço. O que antes era um espaço desorganizado, utilizado como parque de estacionamento, que impedia a circulação pedonal, passa a ser um espaço público, útil, vivo e acessível a todos.

Como já se percebeu, a finalidade deste conceito vai muito mais além de objectivos em relação à forma simples dos espaços. Prende-se com a preocupação para com as pessoas com mobilidade reduzida pois pensa-se que os espaços mais simples permitem e facilitam a sua utilização por pessoas com dificuldades.

O conceito, mais com menos, utilizado na elaboração da proposta aqui presente, foi introduzido por Alberto Campo Baeza (2011a) e, não pode ser confundido com o de *Less is More*, de Mies van der Rohe. Pois pensa-se que mais com menos:

“(…) é a tradução das ideias, com maior riqueza conceptual possível, através do exacto número de elementos, que permite o seu melhor entendimento. Algo mais profundo e positivo que um mero minimalismo.”

Baeza (2011a, p.38)

Ou seja, a procura da essencialidade, o desejo de conseguir mais com menos, é uma ideia completamente diferente de minimalismo. A arquitectura essencial não é um minimalismo, é essencialidade e precisão, é algo mais do que uma mera questão de forma (Baeza, 2011a).

Enquanto o conceito *Less is More* representa a ideia de reduzir ao mínimo, considerando apenas os aspectos físicos dos projectos, o conceito mais com menos, passa pela procura da essencialidade. Não tem a ver com redução, mas sim com procura do equilíbrio. Isto é, não se trata de minimalismo, de redução ao mínimo, mas sim do desejo de simplificar e clarificar os espaços, de depuração do excesso, e paralelamente, de mínimo (ausência). Trata-se de alcançar de um equilíbrio entre os dois (mínimo e máximo), de forma a transformar os espaços, para que sejam mais facilmente habitáveis por pessoas com mobilidade condicionada.

Mas quando é que nos deparamos com a essencialidade, isto é, como sabemos que a encontramos? Esta, foi uma questão pertinente que acompanhou a elaboração deste trabalho de projecto. Inicialmente, era inquietante cada vez que se pensava nesta questão, mas logo se conclui que a sua resposta estava directamente relacionada com o processo realizado.

Existe um longo caminho a percorrer ao longo de todo o processo, até se chegar a um resultado final. Ao longo deste, não podem ser subtraídos ou adicionados elementos, sem primeiro se perceber as propriedades fundamentais, tal como também afirma Steven Holl:

“The essence of a work of architecture is an organic link between concept and form. Pieces cannot be subtracted or added without upsetting fundamental properties.”

(Holl, 2007, p.10)

Durante o processo, com frequência, vemo-nos obrigados a desfazer a meio o que já se encontra feito. Ou seja, recuar um pouco de maneira a clarificar e entender como deve ser o modelo e a organização do projecto (Williams, Tsien, 1999). Tal sucedeu várias vezes durante o estudo da proposta, pois em muitas ocasiões chegou-se à conclusão de que a proposta estava a tornar-se demasiado complexa e claramente excessiva. Nesses momentos, foi necessário recuar no processo e perceber se era necessário desfazer algo ou ir em busca de algo importante que se tinha perdido.

Desta forma, qualquer dúvida que ocorra do decorrer da concepção do projecto, “(...) las decisiones que se adopten serán acordes con el sentido de la evolución de la idea y resultarán más auténticas y relacionadas con la totalidad del proceso” (Williams, Tsien, 1999, p. 137).

Para concluir, o equilíbrio que se procura nesta proposta, o desejo de alcançar mais com menos e de encontrar a essencialidade, é conseguido através do processo. É a partir deste que se nota quando algo falta ou está a mais, isto é, só a partir dele é possível concluir-se que se encontrou a essencialidade.

COMPROMISSO COM O ESPAÇO ENVOLVENTE

“Quando faço um edifício, um grande ou pequeno complexo, gosto muito de imaginar que este se torna parte integrante do espaço envolvente” (Zumthor, 2006, p.65). O segundo conceito utilizado para a realização da proposta, esteve relacionado com este pensamento de Peter Zumthor. Isto é, teve como objectivo integrar a zona de intervenção com o espaço envolvente.

Esta ideia só é possível depois do processo anterior de libertação e, paralelamente, com a exploração do carácter do local.

Para se conseguir um espaço integrado, como já foi dito anteriormente, não basta a adição de elementos, foi necessário ter-se em conta todo o local e as suas características, ou seja, foi necessário, através da fase de análise, perceber o que se devia fazer. Por outro lado, o processo de libertação do espaço, como se disse, também foi essencial para o alcance deste conceito, pois permitiu o desafogo do local e de tudo que colidia com o espaço envolvente. Pode-se então afirmar que a integração de um espaço não é possível sem considerar a influência daquilo que o rodeia.

Como foi observado na fase de análise, o local de intervenção encontra-se desligado do resto da cidade e aparenta mesmo ser um espaço excluído, não só pelo seu espaço envolvente físico, como também pela população. Além disto, foi ainda percebido que este representa um grande vazio e é uma resultante na mancha da cidade. Através da intervenção, pretende-se contrariar e resolver esta situação actual, e, ao mesmo tempo, alcançar harmonia entre o que é proposto e a sua envolvente, de tal maneira que ambos funcionem como um conjunto e não separadamente, para que passe a existir uma compreensão imediata do espaço como um todo.

A integração com o espaço e edifícios envolventes foi realizada a partir da consolidação da mancha urbana, isto é, a proposta implanta-se segundo vários alinhamentos com a envolvente, em relação não só à sua mancha, como também em relação às cérceas mais próximas e, ainda, adaptando-se à topografia desta área. Assim, a proposta implanta-se de forma a tentar criar uma relação com o existente e a retirar-lhe o seu carácter de resultante; ao mesmo tempo, de maneira a transformar o espaço, tornando-o útil, agradável, vivo e principalmente acessível a todos os tipos de utilizadores.

Em suma, o objectivo da proposta é a ancoragem desta ao local e, conseqüentemente, à sua envolvente, marcando a sua presença e contrariando o que decorre actualmente. Tornando ambas, proposta e envolvente, de certa forma inseparáveis, de maneira a que no caso de alguma parte ser retirada, a sua ausência fosse notada. Por outro lado, pretende-se que com esta ancoragem e inserção com a envolvente, este espaço, permita também a sua inclusão social, que passe a ser um espaço desejado e vivido.



Fig. 05: Integração da proposta com a envolvente.
Fonte: Elaboração própria.



PONTO DE PARTIDA

O ponto de partida para a elaboração da proposta prendeu-se com o desejo e a necessidade de fazer a ligação entre as três cotas dominantes nesta área. A cota intermédia assumiu neste processo um papel muito importante, visto que é ela o elemento articulador entre os diferentes níveis. Esta permite, paralelamente, a ligação entre as diferentes cotas dominantes e entre estas e o resto da cidade. Por isto, pode-se dizer que é um elemento charneira. Para que esta articulação seja percebida, é necessário explicar cada articulação separadamente, apesar de se interligarem como um todo.

Assim, para se realizar a ligação entre a cota alta e o nível intermédio, foi necessário proceder-se à libertação da zona ocupada pelo armazém dos caminhos-de-ferro, já referida anteriormente, sendo esta eliminada. Posteriormente, efectuou-se um processo de terraplenagem, de forma a alcançar um talude natural. Este consistiu no prolongamento do parque Martinshang, até à cota intermédia. O prolongamento permitiu não só a utilização deste espaço como parque urbano, devido à reformulação da sua topografia, como também irá garantir a ligação pedonal entre a cota mais alta e a cota intermédia. Foram pensados para esta zona vários tipos de acessos, pensando sempre nas pessoas com mobilidade reduzida, isto é, foram propostos três acessos, de natureza diferente. O primeiro será realizado através de uma escadaria (não mecanizada), a partir do prolongamento e aproveitamento de escadas pré-existentes; o segundo acesso é feito por meio de uma rampa; e, por último, uma ligação feita através de escadas mecanizadas. Estes dois últimos tipos surgiram como uma forma de facilitar/permitir a circulação, e a utilização do parque por pessoas com dificuldades em relação à sua mobilidade e orientação. Todos estes meios são orientados de maneira a tentar relacionar o utilizador do espaço com a zona de intervenção e a sua envolvente. Em particular, o percurso que diz respeito às escadas mecanizadas orienta-se, especificamente, para um portal situado na fachada do edifício Reitschule, de maneira a induzir uma relação, mesmo que inconsciente da parte do utilizador, com este. Por outro lado, a escadaria (não motorizada), além de nascer do prolongamento de pré-existências, como referido, encaminha o olhar do utilizador para a ponte ferroviária e para uma zona proposta de miradouro para as margens do rio. Por fim, o acesso por meio de rampa, uma vez que implica um percurso mais lento, permite a observação de toda a área de intervenção, bem como da zona do centro histórico da cidade.

Durante a elaboração da proposta, existia uma inquietação que se prendia com a localização de um novo espaço para receber o estacionamento automóvel que, aquando do processo de libertação, havia sido retirado da cota intermédia. Este representava uma necessidade real para a população, relacionada com a proximidade de um interface de transportes. No entanto, encontrava-se no local errado e desenvolvia-se de maneira muito desorganizada, além de, como já se observou anteriormente, impedir que este local com grande potencial, fosse utilizado. A resposta encontrou-se no prolongamento desta zona verde, pois devido ao seu desnível, foi possível a introdução de um parque estacionamento subterrâneo. Chegou-se à conclusão que esta era a melhor forma encontrada para, paralelamente, responder a exigências pré-existentes, mas de uma forma discreta e simples, não causando desequilíbrios na proposta. Por outro lado, pensou-se ainda num parque para bicicletas, pois nesta cidade este é um meio de transporte muito utilizado. Assim, foi proposto um parque para bicicletas sob a ponte ferroviária, junto ao início do novo parque urbano (Martinshang), de maneira a que também seja utilizado como apoio a este interface referido.

A articulação entre a cota mais baixa, que diz respeito às margens do rio, com o resto da cidade, seguiu um processo diferente. Tentou-se intervir suavemente nesta zona, pois trata-se de um local completamente diferente do resto da área de intervenção. Trata-se de uma zona muito importante, valorizada pelos seus elementos naturais, mas cujos acessos pré-existentes, além de muito escassos, são também muito perigosos, inseguros e sinuosos, não permitindo o acesso por parte das pessoas com mobilidade condicionada. Para dar resposta a tudo isto e permitir que este espaço seja também ele regenerado, são propostos alguns acessos a esta área, também de natureza diferente.

Assim, para garantir o acesso a esta zona, foi proposta uma rampa, que parte desde a zona que anteriormente era utilizada como parque de estacionamento até à zona do arco da ponte rodoviária (Lorrainebrucke). Esta implanta-se de forma a respeitar e integrar-se com a topografia e com os elementos naturais pré-existentes, isto é, orienta-se segundo as árvores pré-existentes e as curvas de nível da encosta. Desenvolve-se assim coordenadamente com os elementos pré-existentes naturais e evita qualquer tipo de colisão ou conflito entre as duas realidades. Sendo este um meio de acesso que implica um movimento mais lento, mais relacionado com a apreciação da natureza, do acto de passear ou de lazer, achou-se que era necessário a existência de uma ligação mais prática. Para tal, foram propostos dois ascensores que fazem a ligação às duas margens do rio, através da ponte Lorrainebrucke.

Por outro lado, durante a análise, pôde-se observar a existência das ruínas de uma muralha medieval. Esta desenvolve-se quase perpendicularmente às curvas de nível, e é acompanhada por uma escadaria que não permite a sua utilização por parte das pessoas com mobilidade condicionada. Uma vez que esta é um elemento com grande valor, pensou-se que deveria poder ser utilizada por todos, sem excepção. Para isso, foi proposta uma rampa que dá acesso às ruínas, permitindo que as pessoas com dificuldades consigam, de alguma maneira, ter contacto com pelo menos parte da muralha. Verificou-se, também, que os caminhos à beira do rio não permitiam a circulação de pessoas com mobilidade reduzida, por isso, ao longo das margens do rio, entre a torre medieval (Blutturn), presente nesta zona, e uma nova construção proposta de apoio a esta zona, previu-se o alargamento do percurso pré-existente, de maneira a possibilitar a circulação de duas cadeiras de rodas lado a lado.

Desta forma, a proposta, no que diz respeito a este tema (articulação entre diferentes cotas), é solucionada de forma simples e clara e permite, não só a ligação entre as diferentes cotas com o resto da cidade, como também a sua integração física e social, isto é, permite a existência de uma articulação entre espaços e, ao mesmo tempo, a integração integral do local.

CONSTRUIR COMO CONTINUAÇÃO

Para além deste tipo de relação entre os diferentes níveis dominantes, pretende-se que a proposta efectue, paralelamente, uma ligação com o resto da cidade, isto é, que esta estabeleça uma articulação com o edificado envolvente. Esta ideia tem como objectivo a transformação desta área, aparentemente vazia e resultante, num espaço completamente integrado na cidade, dinamizado, cativante e, acima de tudo, capaz de proporcionar vida.

A proposta surge como resposta às questões levantadas pela localização do lugar, isto é, de forma muito límpida e precisa, a proposta é uma interpretação da realidade que a rodeia, num carácter semelhante à atmosfera envolvente. Desta forma, a proposta procura um equilíbrio através de uma implantação simples e clara, de uma forma não evasiva, como resposta às complexas necessidades que, tanto o programa, como o lugar exigem. É neste contexto que se definem e articulam as tensões, que permite à proposta organizar-se, enquanto intervenção coerente em relação às condicionantes do lugar. Perante uma reflexão simples e ao mesmo tempo forte.

Foi então necessário compreender a mancha urbana, observar os usos e fluxos existentes no centro histórico e estudar todo o perímetro de intervenção, durante a fase de análise: isto, com

o objectivo, por um lado, de perceber a estratégia que se deveria adoptar, para que os fluxos do centro histórico penetrassem este local e, por outro, de estudar a forma geométrica da implantação, para que esta se integre e remate o desenho da cidade (figs. 06, 07 e 08). Assim, o novo edificado organiza-se segundo as manchas da cidade, isto é, as formas dos edifícios e dos espaços propostos surgem de alinhamentos com os edifícios e os espaços envolventes. Estes reflectem-se tanto na planta, como no alçados, existindo assim uma relação também no que diz respeito a cérceas (fig. 09).



Fig. 06: Primeiros estudos da proposta.
Fonte: Elaboração própria.

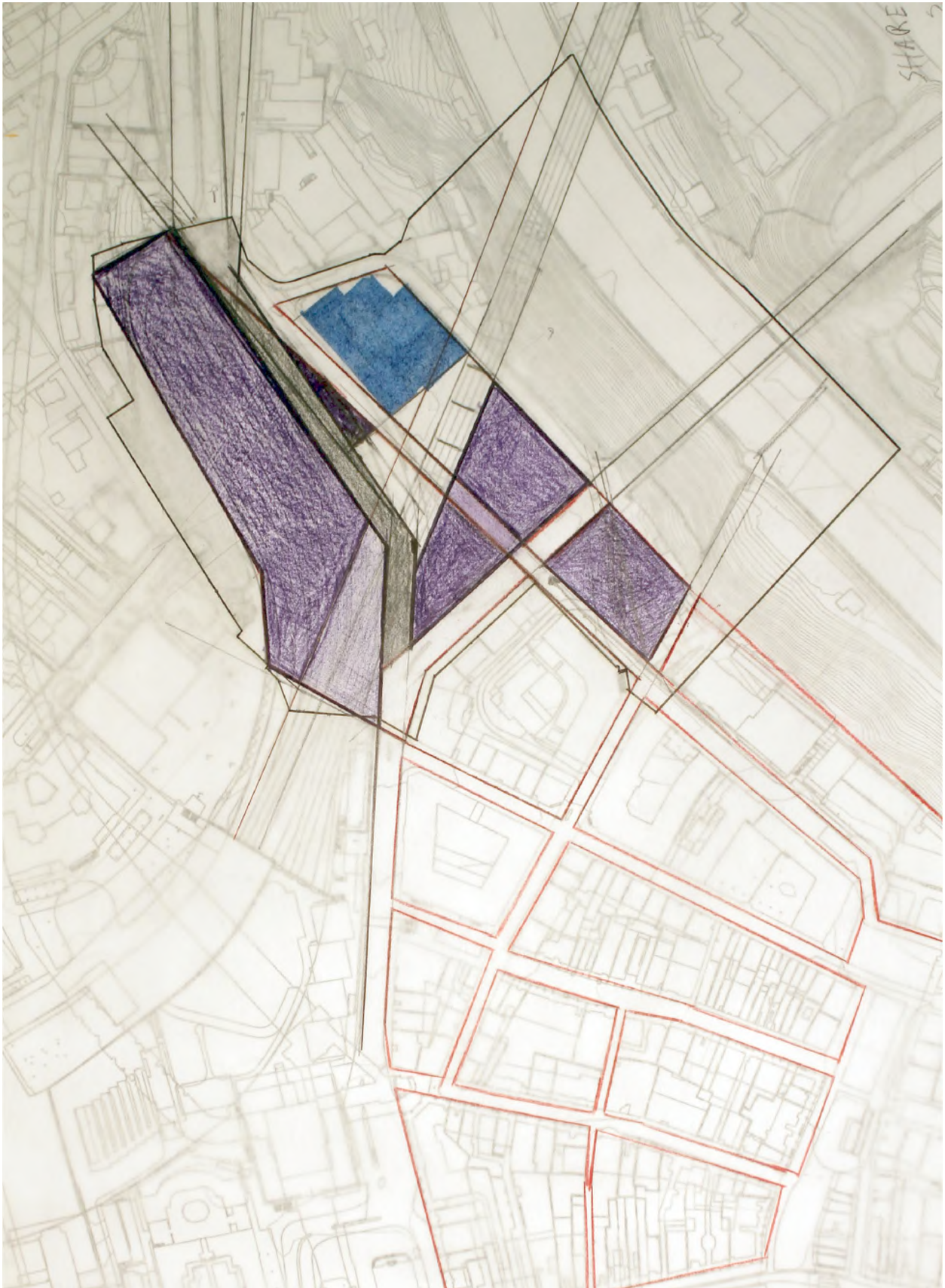


Fig. 07: Primeiros estudos da proposta.
Fonte: Elaboração própria.

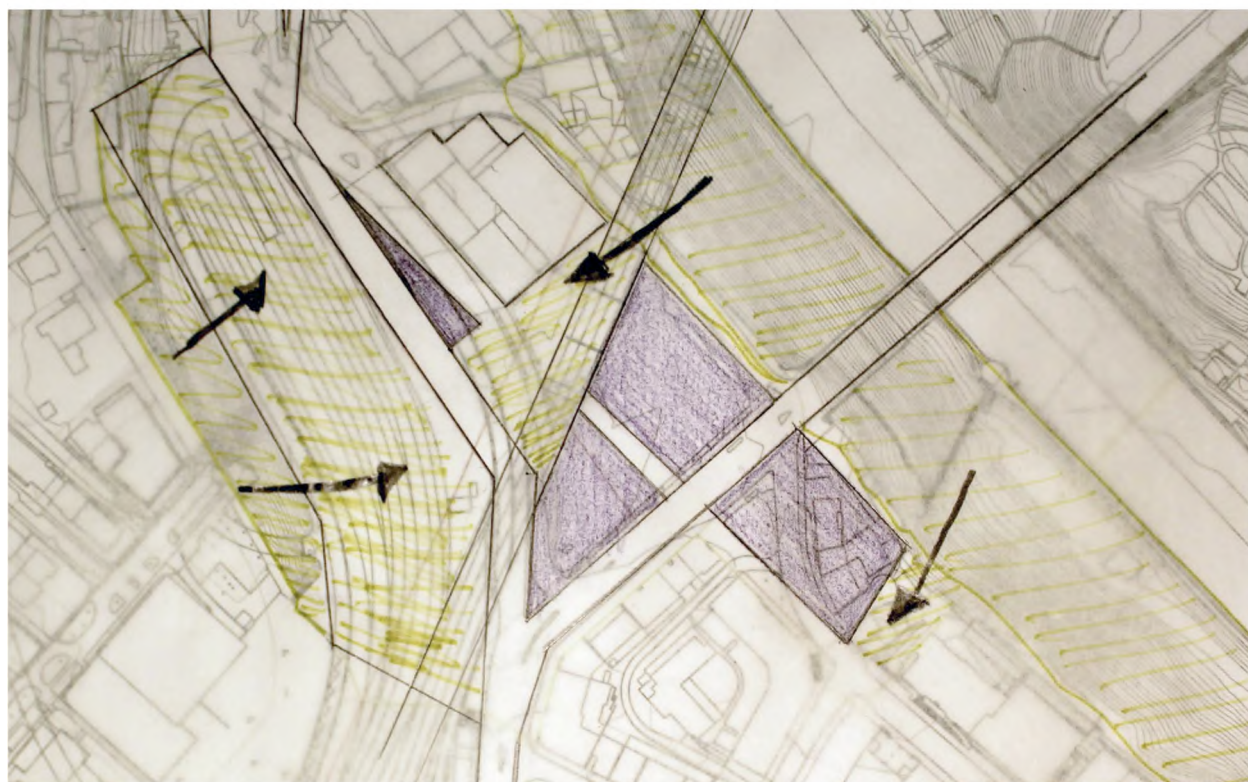
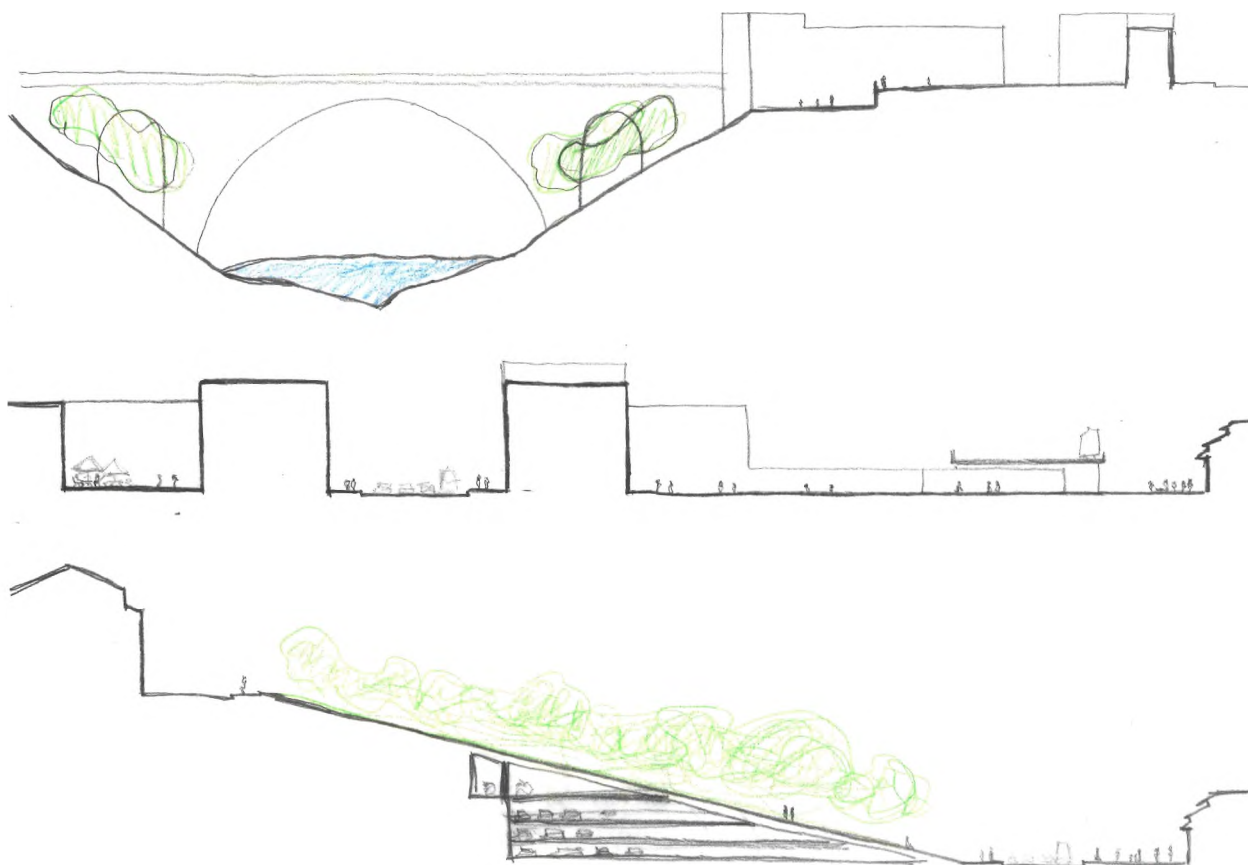
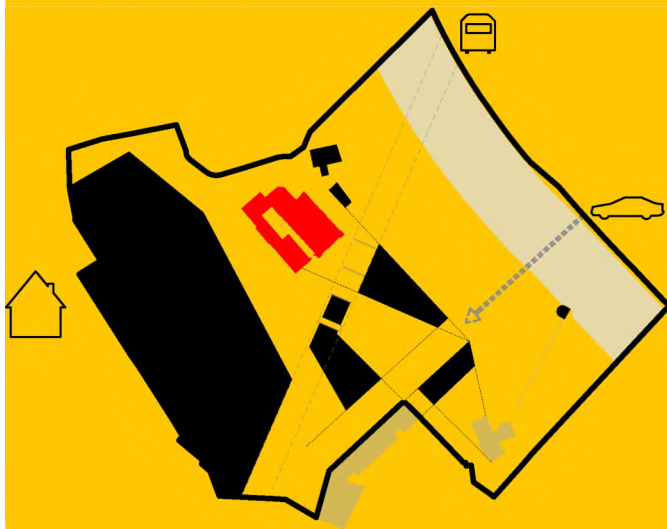


Fig. 08: Primeiros estudos da proposta.
Fonte: Elaboração própria.

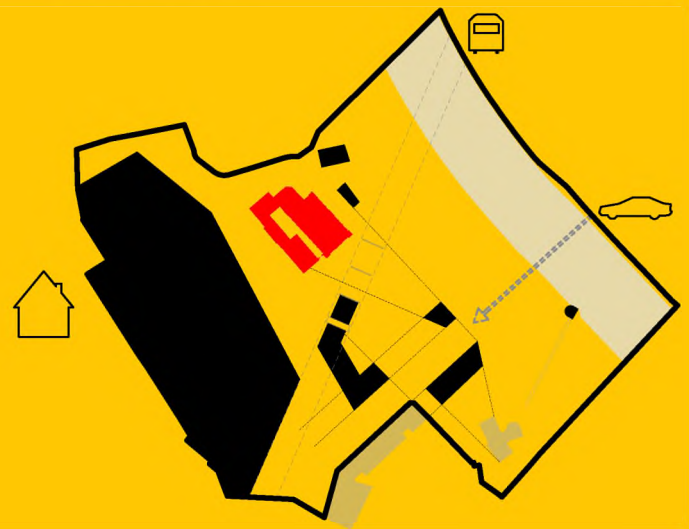
1. PROPOSED PATCH

Alignments from the existing buildings attempting to integrate the new patch



2. PROPOSED BUILDINGS

Alignments from the surrounding buildings attempting to integrate the new ones



5. HEIGHTS

Also the proposed building heights are related with the existing buildings

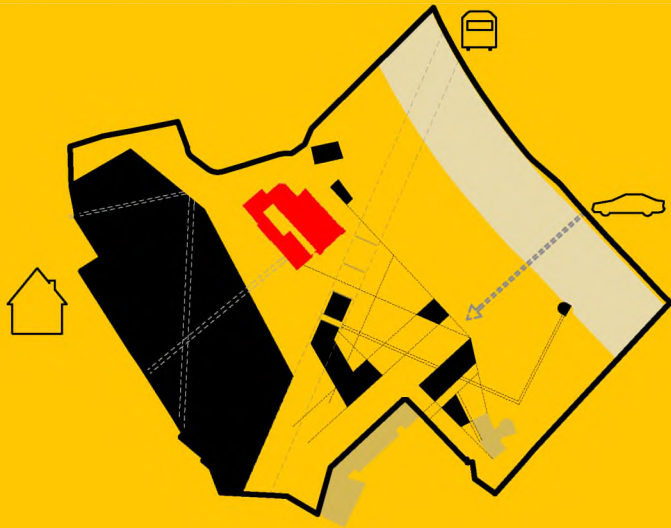


Fig. 09: Esquemas de evolução da proposta.

Fonte: Elaboração própria.

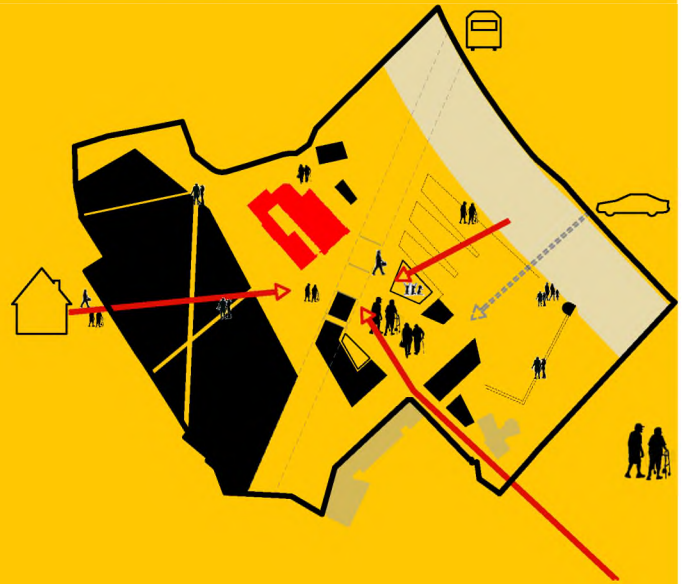
3. EXTERIOR SPACES

The exterior spaces are also proposed having in mind the alignments of the surrounding



4. PROPOSAL

The proposal connects the three levels, integrates the space in the surrounding and make it accessible for all



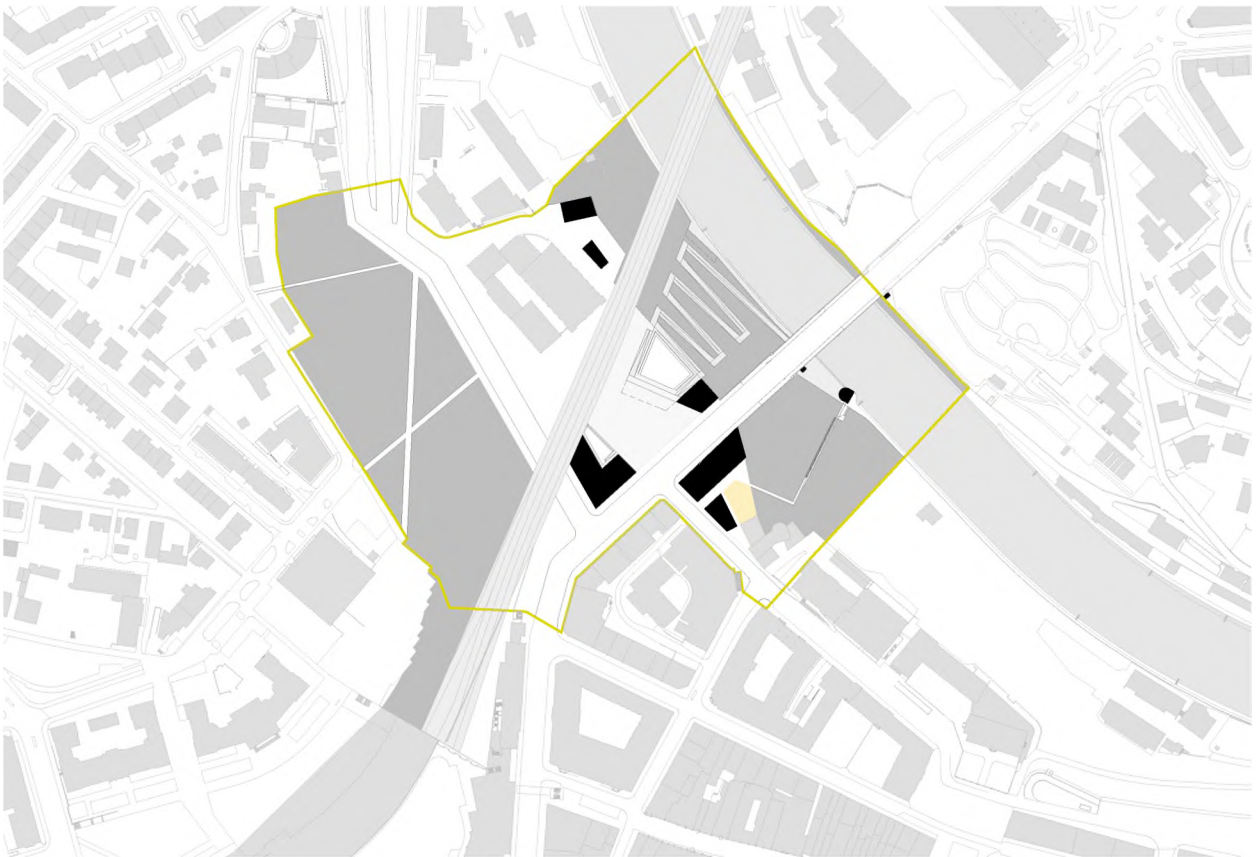


Fig. 10: Planta de localização.
Fonte: Elaboração própria.

MOMENTOS DA PROPOSTA

Apesar da proposta constituir um todo, é necessário que a sua explicação seja dividida em três momentos essenciais, de forma a facilitar a sua compreensão. Tendo em conta esta divisão, os momentos vão ser explicados segundo os fluxos provenientes do centro histórico, já que este é o principal elemento dinamizador e estimulante de vida em toda a cidade de Berna.

Desta forma, o primeiro momento traduz-se na colmatação e remate da mancha urbana. Para isto, teve que se proceder à libertação deste espaço, eliminando o actual edifício de apoio a toxicodependentes (Drogenanlaufstelle). Já que este se encontrava descontextualizado da envolvente, não possuía capacidades para responder ao programa exigido e, além disso, exercia uma enorme tensão sobre os edifícios envolventes. Por tal, foi essencial ser retirado, de maneira a libertar os edifícios envolventes e a permitir, tanto a conformação das ruas Hodlerstrasse e Bollwerk, quanto o remate da mancha da cidade. Assim, as formas que organizam este primeiro momento, implantam-se de forma simples a partir de alinhamentos dos edifícios envolventes próximos. Optou-se por manter nesta zona a localização do novo edifício de apoio médico e social a grupos de risco (exigido pelo programa), pois não fazia sentido segregar este edifício. Pelo contrário, existia o desejo de este ser aceite e integrado, pela sociedade e pelo espaço físico envolvente. Por outro lado, pensou-se também no sentimento de pertença, que os seus utilizadores já tinham estabelecido com o local.

O espaço exacto do antigo edifício Drogenanlaufstelle deu lugar a um espaço verde, de maneira a marcar este local, uma vez que este, apesar de todos os problemas que lhe estavam inerentes, era um elemento identificador e marcante. Mas o objectivo principal deste espaço proposto prende-se com a articulação entre a cidade (espaço urbano) e as margens do rio (espaço naturalizado), permitindo que os elementos naturais presentes nas margens do rio, entrem na cidade. Por outro lado, pode ser entendido como um posto de observação e de contacto com a natureza; ou como um espaço de preparação (vestíbulo) para o acesso às margens e observação das ruínas, sendo desta forma um ponto de interesse e atracção, que cativa as pessoas do centro histórico para o local de intervenção.

Relativamente ao segundo momento, que faz a continuação do primeiro, pode dizer-se que é um conjunto essencial para toda a proposta, pois traduz-se como elemento articulador entre várias peças. É ele que promove a ligação entre a cidade antiga, o local de intervenção e a cidade alta, isto é, a partir dele estabelece-se uma ligação, que anteriormente não existia, entre o centro histórico, o edifício de cultura alternativa (Reitschule), as margens e o rio e ainda com o resto da

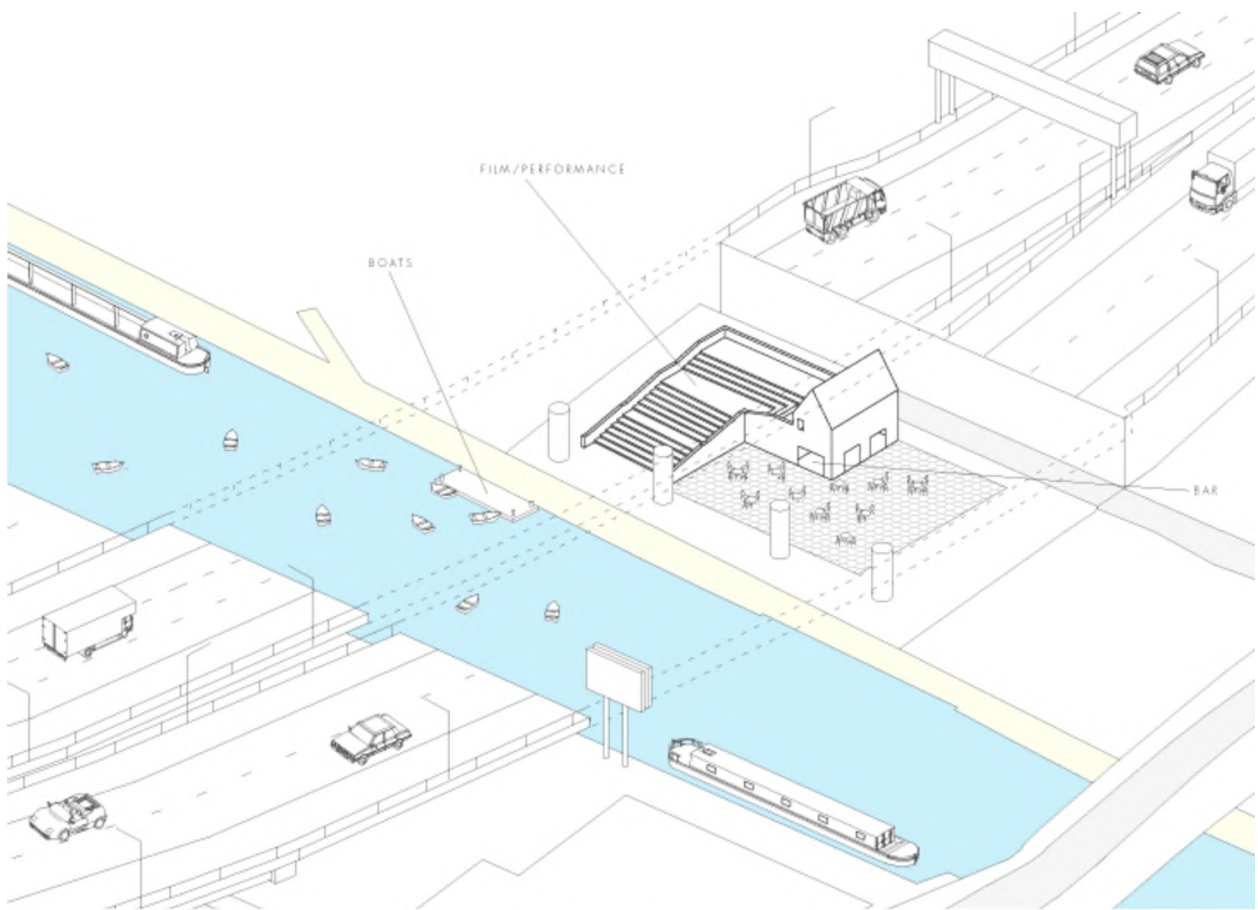


Fig. 11: Intervenção Folly for a Flyover em Londres, dos arquitectos Assemble.
 Fonte: Assemble (2011b e 2011a).

cidade que se situa na cota mais alta. Pode-se dizer que este é o elemento unificador entre toda a cidade. Para se conseguir esta articulação, foi necessário proceder-se à eliminação da via Schützenmattstrasse, visto que quebrava e impedia qualquer ligação com as margens do rio.

Além desta articulação, pretende-se que o segundo momento seja capaz de dinamizar toda a zona de intervenção, trazendo novos fluxos, novas actividades, novos usos e novos modos de vida. Pretende-se que seja, para além de uma peça articuladora, um pólo de vitalismo.

Como já referido anteriormente, um dos conceitos que acompanhou toda a proposta foi o compromisso com a envolvente, tentando-se sempre integrar a proposta na mancha da cidade. A organização espacial deste momento relaciona-se directamente com os edifícios e espaços envolventes, tal como no momento anterior, e, neste caso concreto, ainda com a ponte ferroviária que representa uma peça fundamental e sumptuosa no local. Assim, as formas geométricas que compõem o espaço implantam-se de forma simples, segundo alguns alinhamentos com edifícios da envolvente e a partir de outra direcção, definida pelos pilares da ponte ferroviária (Eisenbahnbrücke). Durante a fase de análise verificou-se que esta representava um elemento com potencial a ser trabalhado. Por tal, assumiu um papel fundamental na intervenção, pois passa a pertencer ao corpo da arquitectura que organiza o espaço, isto é, passa a ser um edifício da proposta, perante a apropriação do seu espaço inferior. Este edifício parece funcionar como um pivô da proposta, pois é ele a peça principal que faz a charneira, entre toda a zona do centro histórico, com o outro lado da cidade, incluindo o edifício Reitschule. Isto é, o elemento que anteriormente representava a divisão da cidade e mesmo da área de intervenção, passa a ser o eixo principal de articulação entre eles; deixa de ser o problema para passar a ser a solução. Veja-se como referencia a intervenção Folly for a Flyover em Londres, dos arquitectos Assemble (fig. 11).

É criada neste espaço uma praça que se desenvolve em patamares, trazendo para a intervenção o conceito da topografia característica deste local, isto é, este espaço concreto e os seus edifícios desenvolvem-se em diferentes níveis articulados. Os patamares em que a praça se desenvolve possuem caracteres diferentes entre si, um com traço mais urbano, a um nível mais elevado que diz respeito à cota da cidade em si; e outro com uma linha mais natural, com maior proximidade e contacto com a natureza, numa cota mais baixa.

Os diferentes caracteres aqui presentes traduzem-se, por sua vez, em usos e funções diferentes. Assim, no nível mais elevado, é proposto um centro cultural, que pretende converter-se num edifício urbano, através da criação de um espaço público que possa actuar como centro



Fig. 12: Piazza Metallica em Duisburg.
Fonte: Liedtke (n.d.).



Fig. 13: Intervenção Ecliptic na cidade Gran Rapids em Michigan.
Fonte: Balthazar Korab Photography Ltd (n.d.).

de vida cultural e social. Para tal, este edifício dota o espaço exterior de elementos seus pertencentes, que compõem e ajudam a uma utilização cultural. Fala-se, mais propriamente, da colocação de um palco exterior fixo, para possíveis espectáculos, mesmo que não organizados pelas entidades responsáveis pelo centro cultural, isto é, eventuais espectáculos de rua. E quando não segue precisamente este uso, pode ainda ser utilizado como um elemento de permanência, de repouso e proporcionador de várias relações sociais. Serviu como referência a esta opção a intervenção Piazza Metallica em Duisburg, na Alemanha (fig. 12). A esta cota é ainda proposto um edifício que alberga uma biblioteca e que mantém uma relação próxima entre os dois patamares, tendo o seu acesso no nível mais urbano, mas relacionando o seu espaço interior com a natureza das margens do rio. Este programa específico está relacionado com a proximidade de várias instituições escolares e com o objectivo de que este espaço seja utilizado por pessoas diferentes e de várias faixas etárias.

Este edifício da biblioteca, em conjunto com o edifício de apoio aos grupos de risco, situado no seu lado oposto, funcionam como um pórtico que, mais do que identificar, marcam a entrada/saída na cidade.

No patamar mais baixo, é proposto outro tipo de uso, bem mais pacato e identificado com a dinâmica da natureza das margens do rio. Para este nível é proposto um bar/café, com um espaço exterior de apoio, relacionado directamente com a natureza e pensado de maneira a poder ser utilizado durante todo o ano, possuindo uma mutação em relação à sua utilização. Assim, enquanto durante os meses de Primavera, Verão e Outono, este espaço é utilizado como esplanada do bar/café, como posto de observação (miradouro) ou como um local onde simplesmente se pode permanecer, desfrutar da paisagem e da proximidade com a natureza, nos meses de Inverno é utilizado como pista de gelo. Veja-se como referencia desta opção a intervenção Ecliptic, da arquitecta Maya Lin para a cidade Gran Rapids em Michigan, USA (fig. 13). Desta forma, consegue-se que o mesmo espaço possua funções mutantes, permitindo a sua utilização e garantindo um carácter atractivo relevante durante todo o ano.

Este gesto tenta mais uma vez e, à semelhança do que acontece no primeiro momento, trazer um pouco da natureza para dentro da cidade. Tem como objectivo, por um lado, que o tecido seja penetrado pela mancha verde das margens do rio e, por outro, a criação de uma relação mais próxima entre a cidade, bem como os seus habitantes, com elementos naturais purificantes. Parte-se de uma reflexão precisa e clara, do desejo de criar um lugar que seja entendido e que funcione como um todo, mas que, ao mesmo tempo, permita utilizações e

interpretações diferentes; com a ambição de que este local seja marco e um ponto de referência para a cidade e que, tirando partido da sua diferença, cativa fluxos oriundos de toda a cidade, em especial do centro histórico.

A partir desta praça é feita uma ligação por meio de uma rampa (já referida anteriormente) até à cota mais baixa caracterizada pelo rio. Neste nível são efectuadas pequenas intervenções pontuais, mas que se mostraram indispensáveis para a dinamização deste espaço. Observou-se, durante a fase da análise, que a torre medieval (Bluturm) aqui presente não possuía uma função relevante, nem podia ser visitada interiormente, por isso é proposta a sua apropriação, passando a ser utilizada como pequeno *bar museu*. Desta forma, para além de ter uma função prática e útil, ainda pode ser visualizada interiormente. Por outro lado, para reforçar e incentivar a vivência desta zona, foi proposto um novo edifício de apoio a actividades desportivas. Este possui dimensões pequenas – mas responde perfeitamente ao programa pretendido – de forma a minimizar o impacto na natureza.

O terceiro momento diz respeito a uma zona delimitada pelo edifício Reitschule, pela ponte ferroviária e pelas margens do rio. Na fase de análise, esta mostrou ser um espaço degradado, o que a tornava um alvo fácil de apropriação por grupos marginais mas, por outro lado, assumiu-se como uma zona com algum potencial, pois tinha a oportunidade de estabelecer uma relação com a natureza (margens do rio), que não estava a ser aproveitada.

A intervenção, neste momento, iniciou-se a partir do desafogo do espaço, da sua libertação, da procura pela sua essencialidade e, posteriormente, pela sua reabilitação, isto é, realizou-se uma limpeza espacial, que consistiu na depuração de tudo o que era ruído ou excesso e na permanência dos objectos essenciais para a reanimação do espaço. Com a reabilitação deste espaço, pretende-se que este passe a ser um espaço organizado, coerente, com vida e, por outro lado, pretende-se, ao mesmo tempo, que estabeleça uma boa relação com as margens do rio, visto que a sua proximidade representa um valor a ser considerado e aproveitado, que seja um espaço de contacto com a natureza. O resultado do processo de libertação e, posteriormente, de reabilitação, resultou no aproveitamento de dois volumes pré-existentes, que ganharam novas funções e, conseqüentemente, irão trazer mais vida a este local.

Devido à proximidade de várias instituições escolares, grande parte delas de ensino superior, e para reforçar a utilização da área de intervenção por parte de pessoas que frequentam esses estabelecimentos, propôs-se uma utilização que se identifique com estas actividades. Assim, o edifício de maiores dimensões irá funcionar como habitação para albergar estudantes e

o volume mais pequeno será utilizado com salas de estudo, servindo de apoio à habitação, mais propriamente aos seus moradores.

A reorganização do espaço próximo do edifício de cultura alternativa (Reitschule), isto é, a reabilitação deste último espaço referido, a implantação do edifício charneira e do seu espaço exterior, que corresponde ao segundo momento, e a reformulação da zona do parque Martinshang, para além de todos os motivos, desejos, intenções e objectivos anteriormente referidos, prende-se ainda com a necessidade de valorizar este edifício. Esta é feita a partir da definição e clarificação do desenho do espaço em seu redor, mas também através dos novos usos propostos que pretendem trazer vida para o lugar.

ARTICULAÇÃO DE MOMENTOS

A ligação entre os três momentos é feita a partir de elementos de transição, mais propriamente, dos espaços de circulação. Como se pôde observar durante a fase de análise, a área de intervenção era utilizada praticamente apenas pelo automóvel, sendo a circulação pedonal posta de lado. A sua utilização apresentava-se difícil para as pessoas que não possuem qualquer problema, relacionado com a sua movimentação e impossível para os indivíduos com mobilidade condicionada. Desta forma, estes elementos essenciais para a articulação de toda a proposta e de espaços envolventes foram reformulados, de maneira a garantir um espaço acessível a todos e permitindo a movimentação e orientação de qualquer pessoa. Pois um espaço que seja acessível é um espaço para todos. A estrutura viária pré-existente encontrava-se sobredimensionada, como referido anteriormente, por tal, procedeu-se à sua reformulação, de maneira a que se enquadre proporcionalmente na escala deste espaço trabalhado. A utilização da bicicleta como meio de transporte é característica da cidade de Berna. Dada a sua importância, é introduzida uma faixa de rodagem para este transporte em cada sentido da via.

Mas foi a circulação pedonal que nesta proposta obteve a maior importância. O objectivo para este local era que passasse a ser um pólo vitalício, enfatizando e dando maior relevância à sua utilização pedonal. Assim, os passeios foram redesenhados de maneira a tornarem-se acessíveis, as suas larguras permitem a circulação de duas cadeiras de rodas lado a lado, e possibilitam qualquer rotação casual ou necessária em todo o seu comprimento. Ao longo da sua extensão foram pensadas linhas guia no pavimento, com material diferente do passeio, para facilitar e orientar as pessoas com dificuldades visuais.

Commercial spaces (Com)

Culture and Leisure (Cult/Lei):

Cultural Center (Cc)
Sport (Spo)

Education (Ed):

Study Rooms (Stu)
Library (Lib)

Health (Hel):

Alkistubli (Alki)
Drogenanlaufstelle (Drog)

Hospitality (Hosp/Gast):

Gastronomy (bar)

Office (Off)

Parking (Park)

Car
Bicycle

Residential (Res):

Students Housing (Stu)

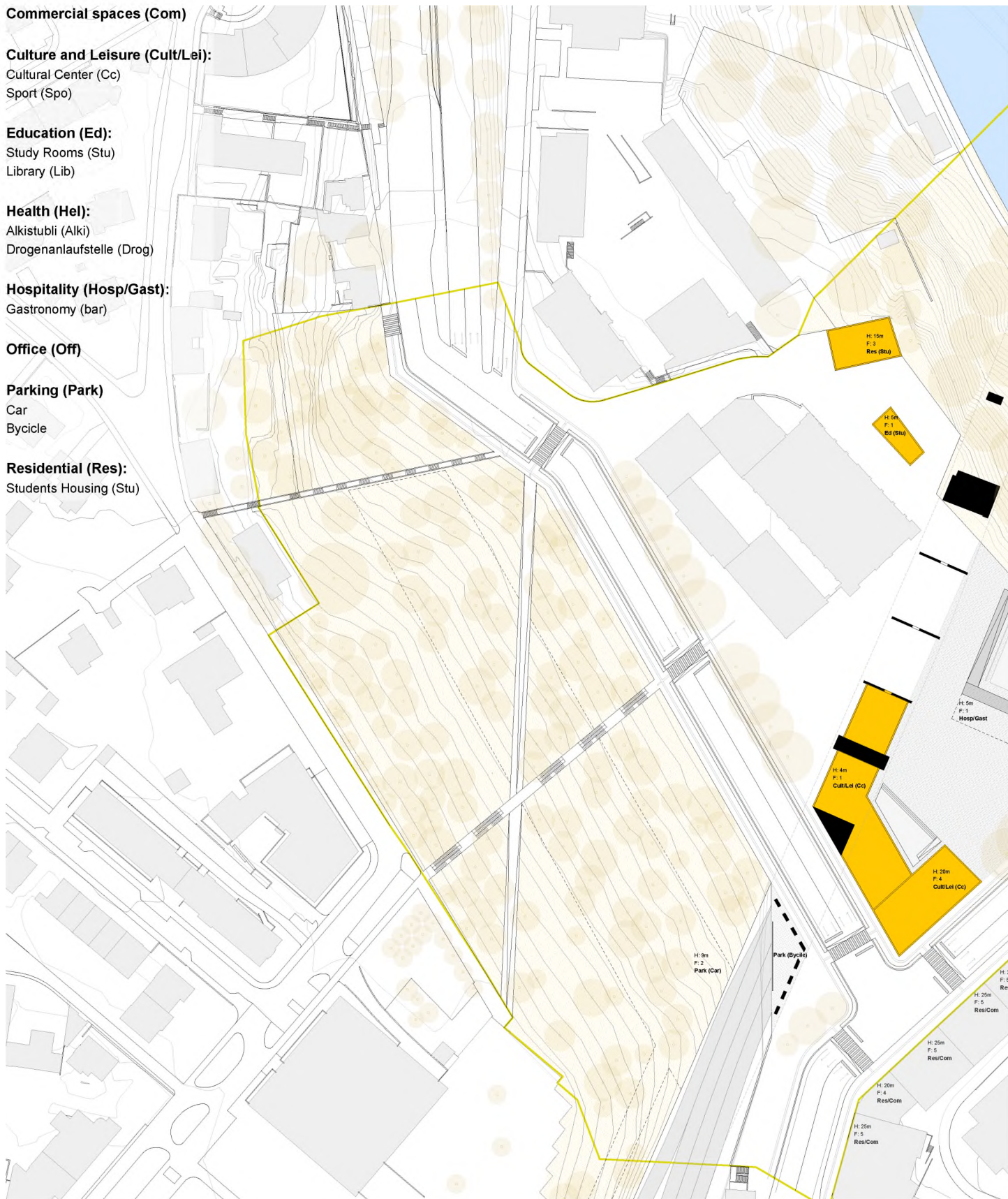
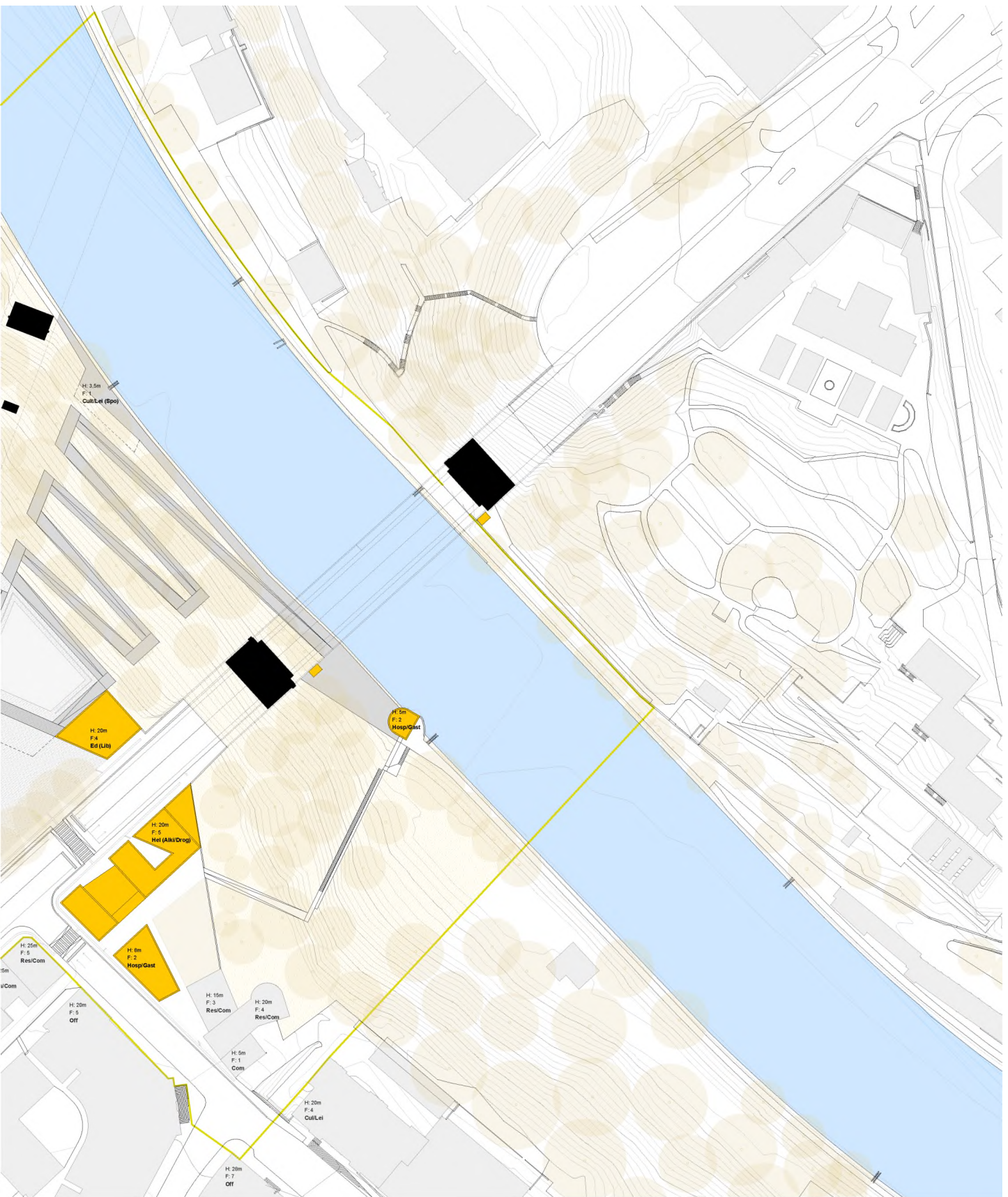


Fig. 14: Master Plan.
Fonte: Elaboração própria.



10m





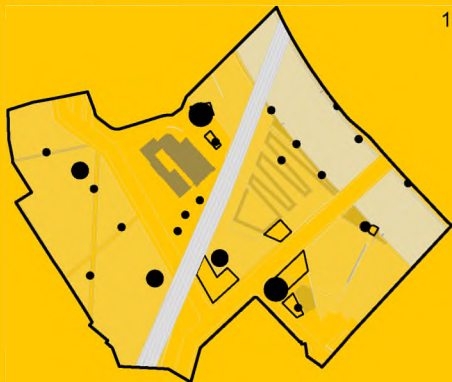
Fig. 15: Pista de gelo.
Fonte: Elaboração própria.



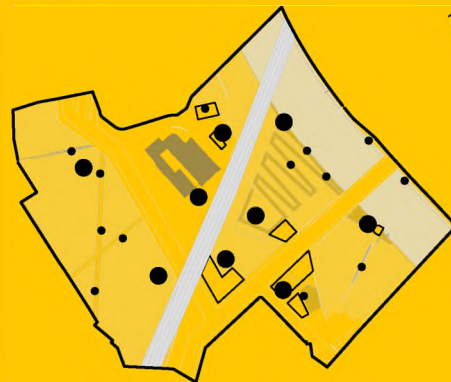
CURRENT PEDESTRIAN FLOW SITUATION
SPRING/SUMMER/AUTUMN

WEEKDAYS

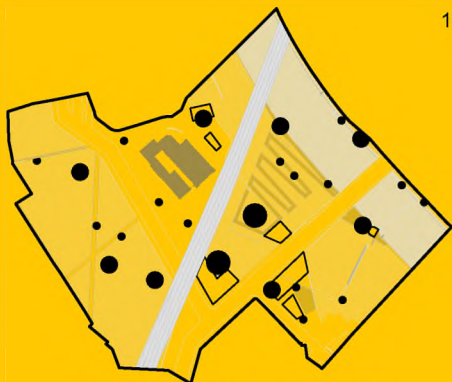
14H



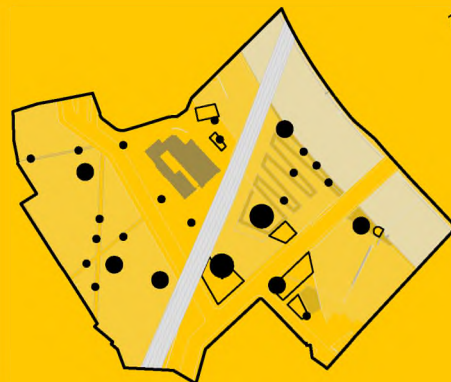
19H



14H



19H



WEEKEND

Fig. 16: Novos fluxos que a proposta pode introduzir.
Fonte: Elaboração própria.

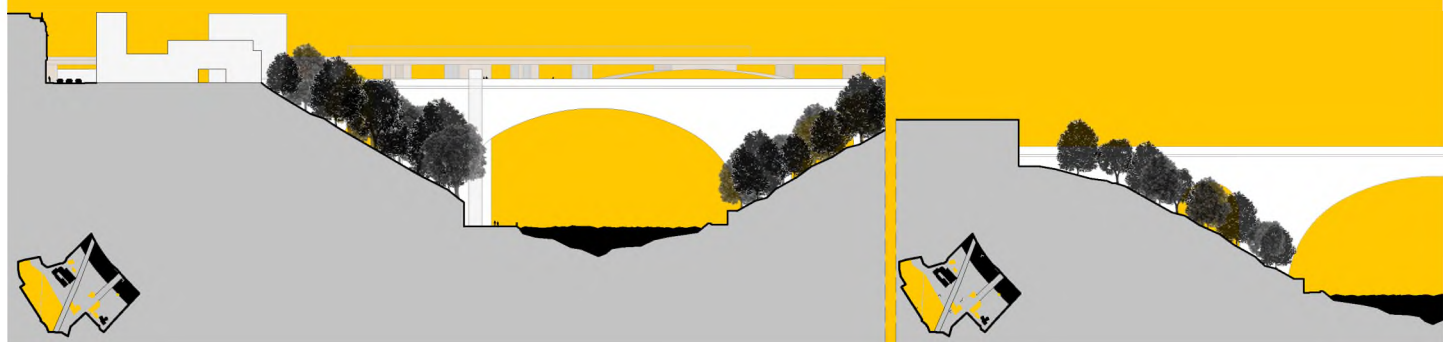


Fig. 17: Perfis gerais da proposta.
Fonte: Elaboração própria.

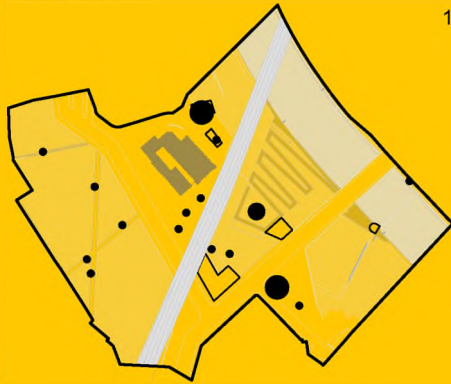


10m

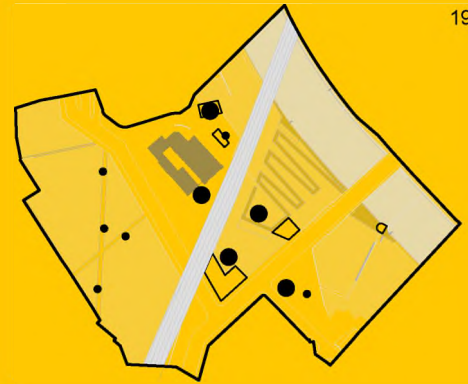
CURRENT PEDESTRIAN FLOW SITUATION
WINTER

WEEKDAYS

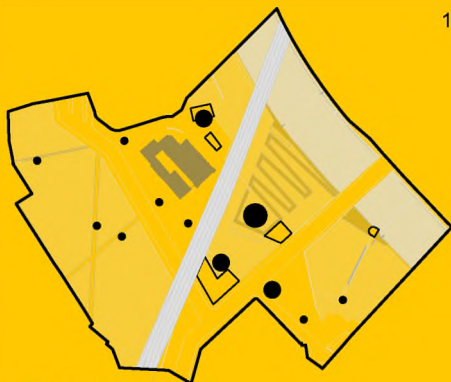
14H



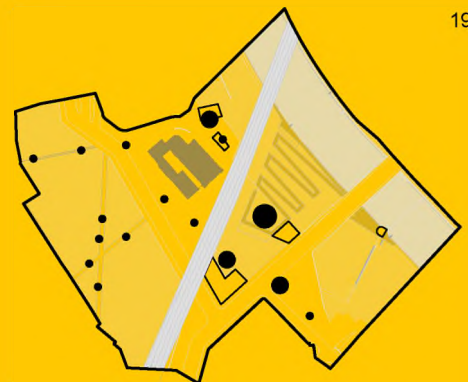
19H



14H



19H



WEEKEND

Fig. 18: Novos fluxos que a proposta pode introduzir.
Fonte: Elaboração própria.

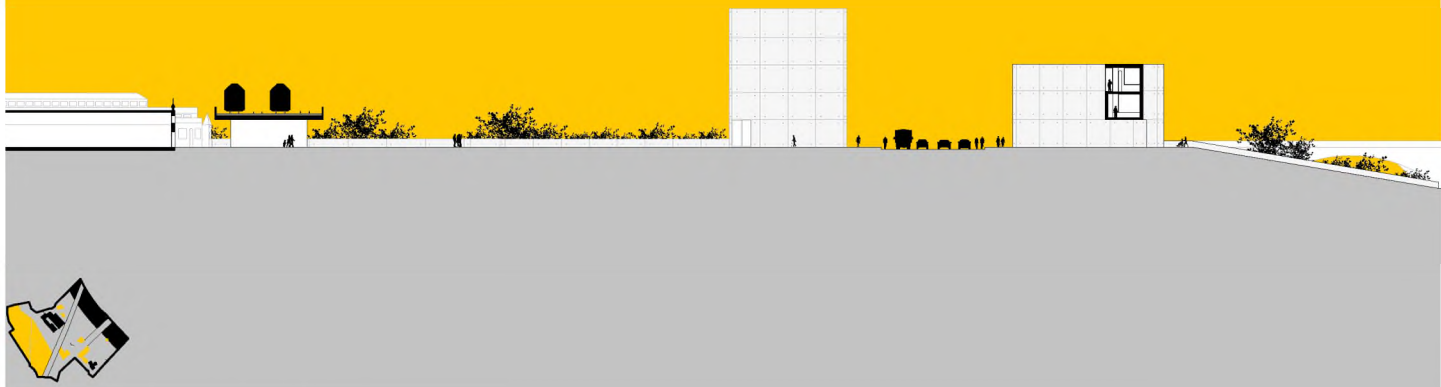
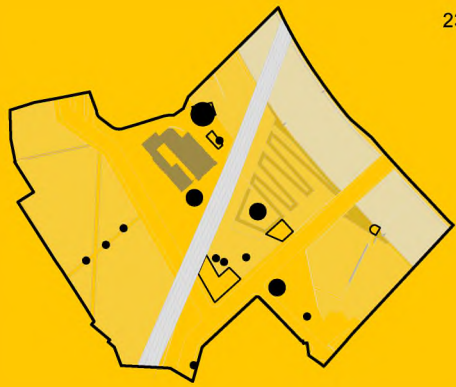
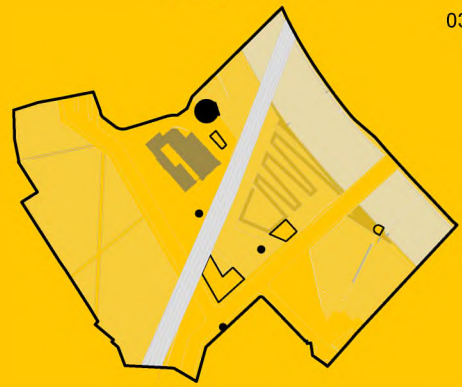


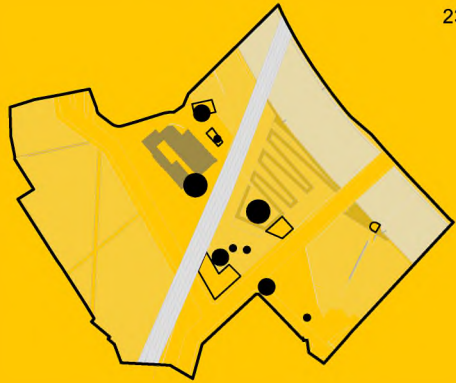
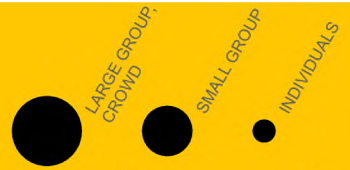
Fig. 19: Perfil geral da proposta.
Fonte: Elaboração própria.



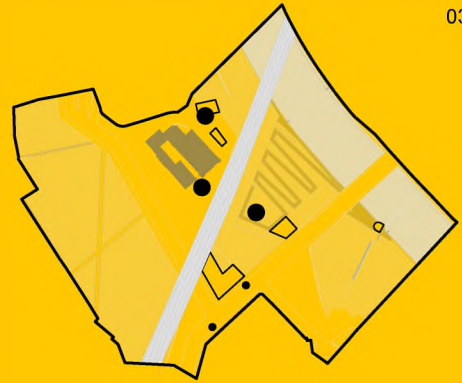
23H



03H



23H



03H



10m

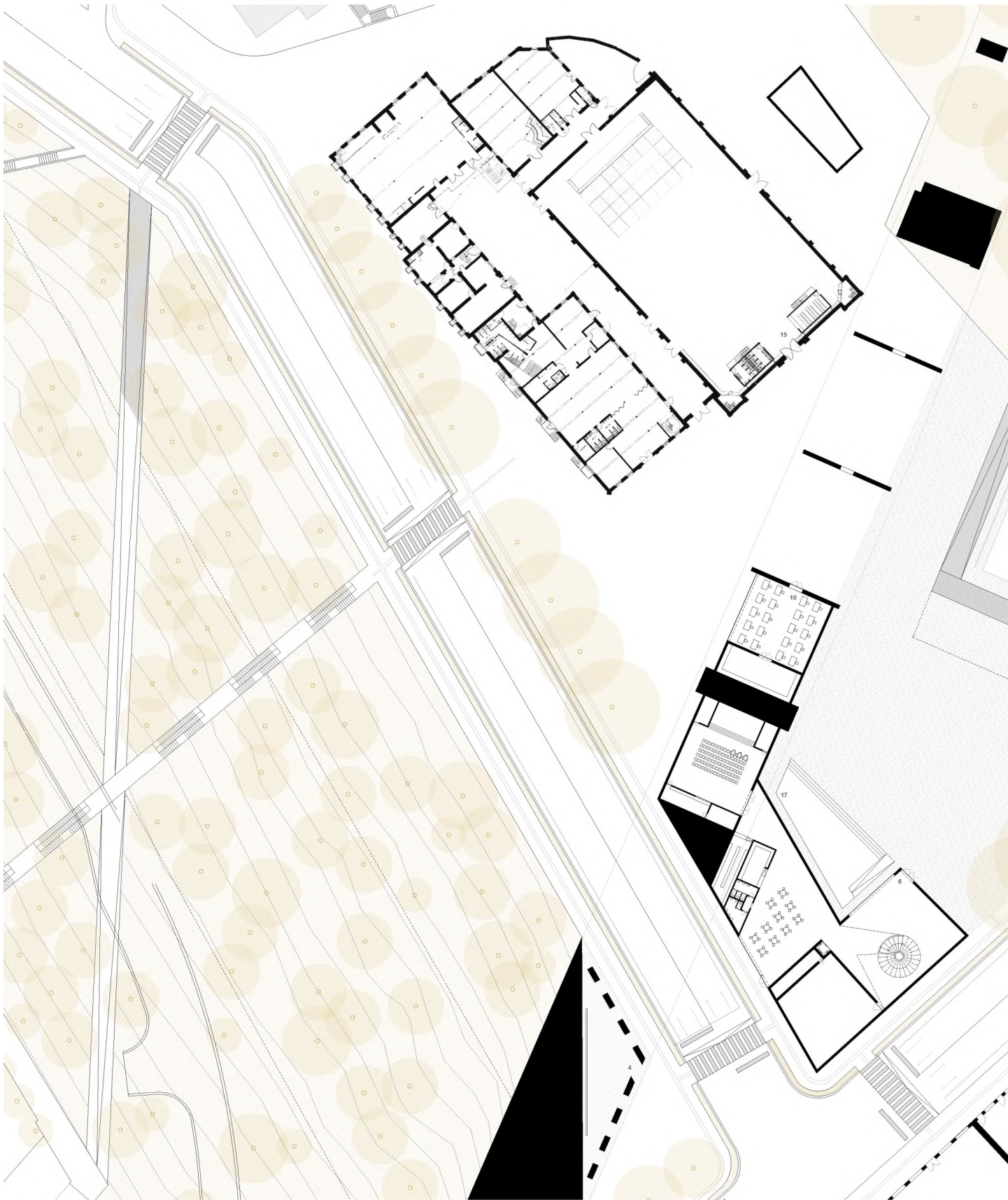
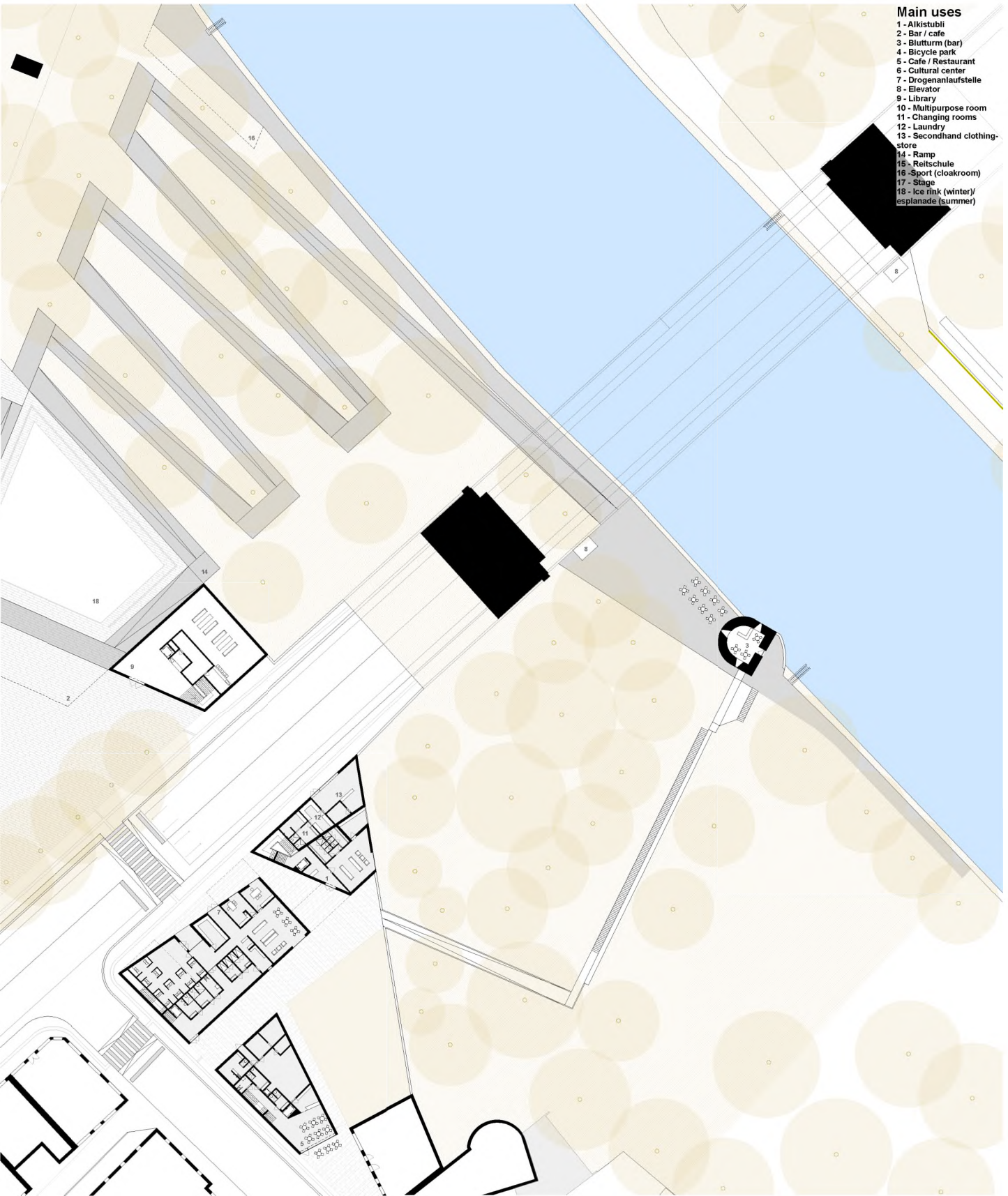


Fig. 20: Urban Repair.
Fonte: Elaboração própria.



Main uses

- 1 - Alkistubli
- 2 - Bar / cafe
- 3 - Blutturm (bar)
- 4 - Bicycle park
- 5 - Cafe / Restaurant
- 6 - Cultural center
- 7 - Drogenanlaufstelle
- 8 - Elevator
- 9 - Library
- 10 - Multipurpose room
- 11 - Changing rooms
- 12 - Laundry
- 13 - Secondhand clothing-store
- 14 - Ramp
- 15 - Reitschule
- 16 - Sport (cloakroom)
- 17 - Stage
- 18 - Ice rink (winter)/ esplanade (summer)

10m



PROJECT DESIGN

O desenho dos espaços e dos edifícios propostos foi pensado e estudado ao longo de todo o processo de concepção, até se entender que se tinha chegado a um conjunto integrado e traduzido pela essencialidade. Ao longo deste processo, foram colocados e retirados elementos, várias vezes, até se alcançar um desenho que se pensava ser o final. No entanto, quando se entrou na escala do desenho do edifício, percebeu-se que era necessário recuar novamente à escala urbana, pois as dimensões que tinham sido estabelecidas para o novo edifício a desenvolver não eram suficientes para albergar todo o programa exigido. Perante isto, foram efectuadas novas alterações na proposta urbana, até se atingir um resultado efectivamente final, no que diz respeito à escala urbana, revelado a partir da essencialidade e integração do conjunto projectado.

O processo efectuado para o desenvolvimento da proposta para o edifício foi semelhante ao que se realizou na proposta, pois verificou-se uma procura constante pela essencialidade. Na procura de um edifício simples, harmonioso e de fácil percepção, que proporcione uma boa vivência, cujos utilizadores se sintam bem no interior e que gostem de o utilizar. O desenho do edifício foi pensado segundo alguns conceitos utilizados na proposta urbana, que ditaram o percurso, método e estratégia a serem seguidos na elaboração do edifício. Por tal, a estratégia de concepção do edifício baseou-se em algumas ideias-chave destes conceitos. A primeira ideia para o desenvolvimento desta escala, passou pelo desejo de tornar o edifício parte integrante da cidade e da sociedade. Seguidamente, a segunda ideia teve a ver com o desejo de alcançar um edifício que fosse facilmente utilizado por qualquer pessoa. Por fim, pretendeu-se trazer para a configuração do edifício as características físicas da cidade, isto é, tentou-se que a topografia do local se reflectisse na volumetria do edifício. Trabalhar a esta escala foi bastante difícil, uma vez que o programa exigido pelo concurso era muito complexo e específico, existindo várias normas específicas de funcionamento, circulações áreas a que se tinha que obedecer e considerar, como já referido anteriormente. Este implicou a sua interpretação e posterior reestruturação, uma vez que, “é no acto de rescrever o programa que se pode detectar a arquitectura, não na mera manipulação de espaços” (Kahn, 2002, p.59) ou de áreas. Assim, a configuração do edifício nasceu, para além das ideias-chave referidas anteriormente, segundo uma reinterpretção do programa e de todas as suas restrições, que tiveram que ser estudadas e testadas.

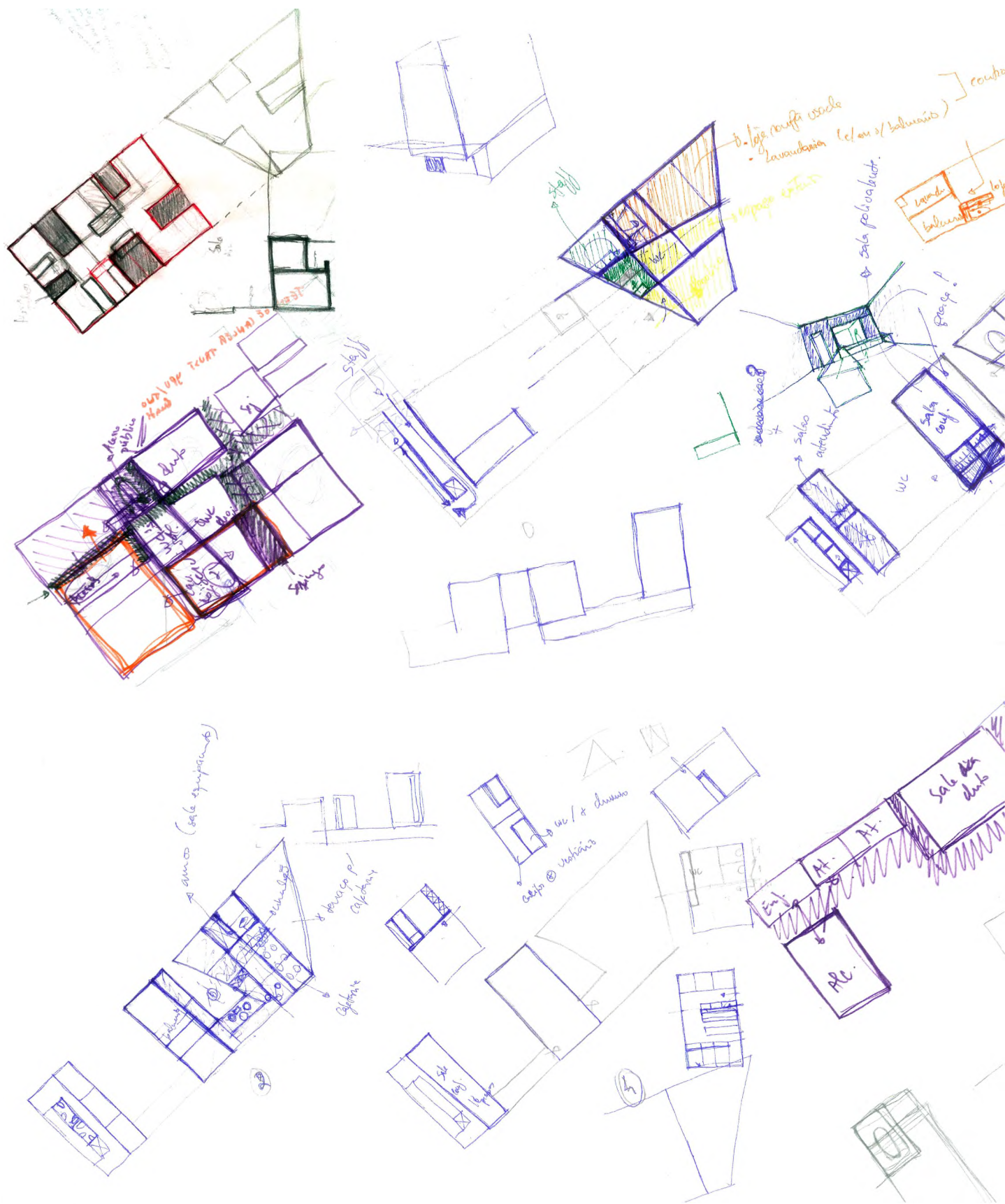
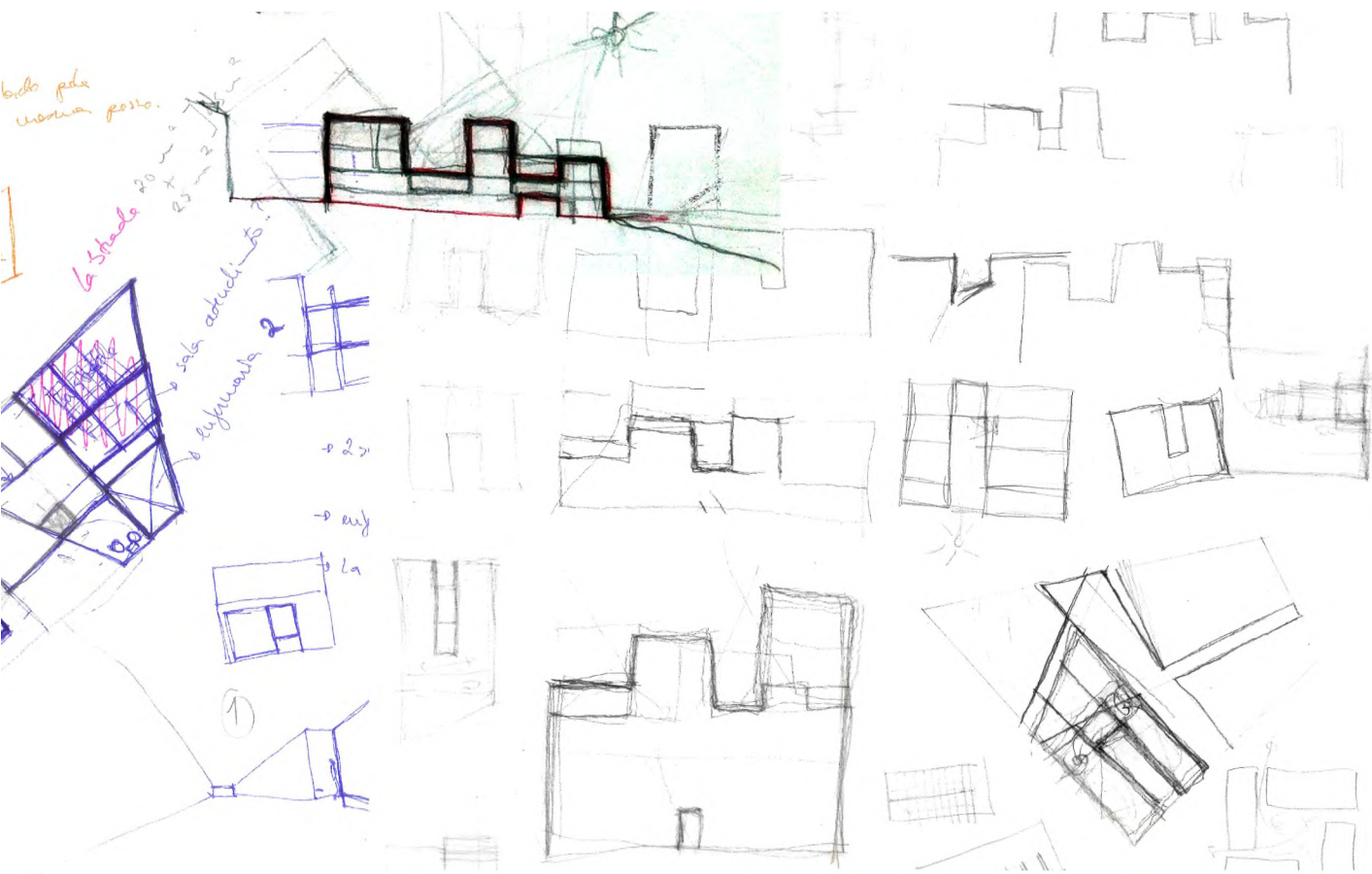


Fig. 21: Primeiros estudos do edifício.
Fonte: Elaboração própria.



bido para
mesa posto.

La shade

sala actividades
equipamentos

→ 2^o

→ 1^o

La

①

gy.
cu.
sala de
reunioes

10 x 10

2^o piso
La shade

1 sala cop. trabalho area 2^o 2^o piso
mesa
reunioes
amovivel

2^o piso
dispositivos

→ espaço trabalho + mesa amovivel + para laborio
→ 2 salas atendimento 15 m² cada
→ 1 enfermagem? (piso descolado +
8' 1 x de no 2^o piso
0 60
0 7 4 9
8

Staff: ①

2^o vestiarios (c/ espaço trabalho +
luzes amovivel) 15 m²
cada
- Sala conferencia p/ 16 pessoas
- Sala conferencia p/ 10 pessoas
- Sala large p/ staff ~~com~~ equipamento
mesa eptivos 30 m²

(3^o piso)

②
- caeijos 20 m²
- sala equipamentos 14 m²
- vestiarios (2 mulheres / 1 homem
1 infantil / 1 auxiliar
2 chuveiros cada

10 x 10

Equipamentos

③

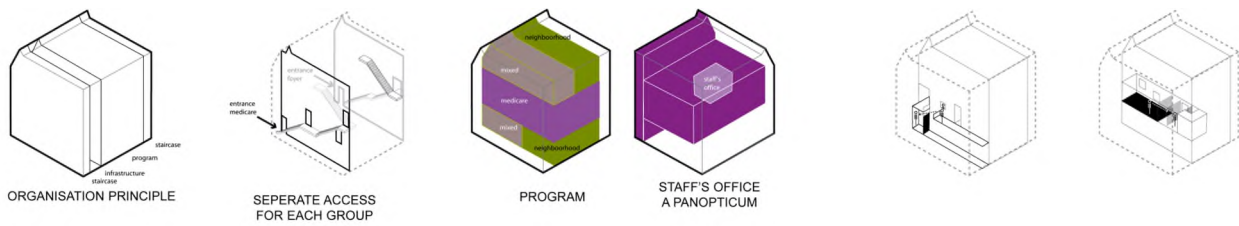


Fig. 22: Moerkerke Medicare and Neighborhood Facility.
 Fonte: Krill Architecture (n.d.b e n.d.a).

DIÁLOGO COM A ENVOLVENTE

Como Zumthor (2005, p.24) refere, “cada edifício é construído com um determinado objectivo, num determinado lugar e para uma determinada sociedade.” Foi esta consciência que esteve sempre presente na elaboração da proposta para o edifício.

Desta forma, o edifício tenta promover uma integração a vários níveis: física, social e psicológica. O objectivo consistiu em incluir, na mancha urbana da cidade, a diferença, isto é, permitir a sua utilização por parte de pessoas com mobilidade condicionada e aceitação por parte de toda a sociedade, diante de um programa específico. Para além disto, não só se integra a ele próprio, como também os espaços que o rodeiam, isto é, para além de conseguir uma integração entre ele e a envolvente, é também um elemento integrante entre ela, pois tenta articular e criar uma relação entre as diferentes realidades presentes (cidade e margens do rio).

Pensou-se em incorporar e evocar, através da configuração do edifício, características físicas inerentes ao local, como o caso da topografia e das cérceas dos edifícios pré-existentes, à semelhança do que acontece na escala urbana, mais precisamente na praça que se desenvolve em patamares junto à ponte ferroviária. O objectivo não foi que este fosse igual à envolvente; ele é diferente, mas tem, ao mesmo tempo, respeito e pretende evocar e harmonizar-se com ela. Pois para que uma peça seja integrada, ela não tem necessariamente que ser igual àquilo que a rodeia, mas tem obrigatoriamente que respeitar a envolvente e estabelecer com ela uma boa relação. É necessário perceber-se, por um lado, que o conjunto está completo e, por outro, que se essa peça introduzida fosse retirada, a envolvente sentiria a sua ausência.

SIMPLY SIMPLE

Perante um programa complexo, que implica relações e não-relações entre espaços, circulações e utilizadores, tentou-se simplificar e clarificar ao máximo a organização do edifício. Projectou-se de forma que este não se desenvolvesse tão complexamente como o programa estabelecido, mas, pelo contrário, de maneira a que seja fácil de habitar, apelativo a diferentes sensações e transmita aos seus utilizadores uma sensação de bem-estar e, consequentemente, de pertença. A intervenção Moerkerke Medicare and Neighborhood Facility de Krill Architecture, em Roterdão, foi referência para a procura por uma organização interior simples (fig. 22).



Fig. 23: Casa das Caldeiras, Coimbra.
Fonte: Guerra, F., Guerra, S., (2010a e 2010b).

Procurou-se para este edifício uma simplicidade espacial e uma resposta clara ao programa. Assim, denota-se claramente a distinção e a definição entre o que é espaço de circulação e espaço de permanência, como, também, o que é utilização de serviço, do que são utilizações para os utentes. Esta organização evidente permite um melhor funcionamento e, ao mesmo tempo, impede conflitos entre grupos de utilizadores. Na prática, o edifício contém uma forma irregular, tanto em planta como em alçado, mas o facto de ser tão clara e de não conter ruído torna-a simples e legível.

Também a esta escala, da elaboração do desenho do edifício, o processo foi muito importante para se “(...) permitir avaliar se a configuração desse espaço está correcta e se não poderia ser diferente” (Fields, 1991, p.495), isto é, foi através do processo que, mais uma vez, se percebeu a essencialidade da proposta, neste caso uma escala menor.

MODELANDO AS FORMAS

O edifício divide-se em dois volumes, com o objectivo de se possibilitar uma separação programática, que se entende ser mais adequada aos propósitos do projecto. Obtiveram-se desta forma, dois corpos de dimensões diferentes, que permitem um funcionamento independente entre usos distintos. O volume de maiores dimensões diz respeito ao edifício de apoio a grupos de risco, já o outro refere-se a um restaurante/centro comunitário. O programa previa que este último mantivesse uma interligação física com as instalações de saúde, propriamente ditas.

O corpo mais pequeno é claramente uma peça monolítica, que ajuda a colmatar a mancha urbana. A sua configuração apresenta-se de forma a incentivar o prolongamento do percurso de quem vem da cidade antiga para o espaço de jardim proposto, isto é, luta pelo relacionamento entre a cidade e a natureza das margens do rio.

O corpo que diz respeito ao edifício de apoio aos grupos de risco desenvolve-se volumetricamente em patamares, trazendo para si o mesmo conceito da praça proposta junto à ponte ferroviária, isto é, capta para o seu corpo a morfologia do território.

Seguindo a mesma linha do conceito de integração já exposto, o edifício procura ancorar-se no lugar onde se insere, privilegiando simultaneamente a cidade e a natureza. Desta forma, a articulação com a cidade é feita através de um volume mais alto, que não só faz esta conexão, como também funciona como remate dos edifícios envolventes e elemento marcante do local. Veja-se como referência a obra Casa das Caldeiras dos arquitectos João Mendes Ribeiro e Cristina Guedes, em Coimbra (fig. 23).

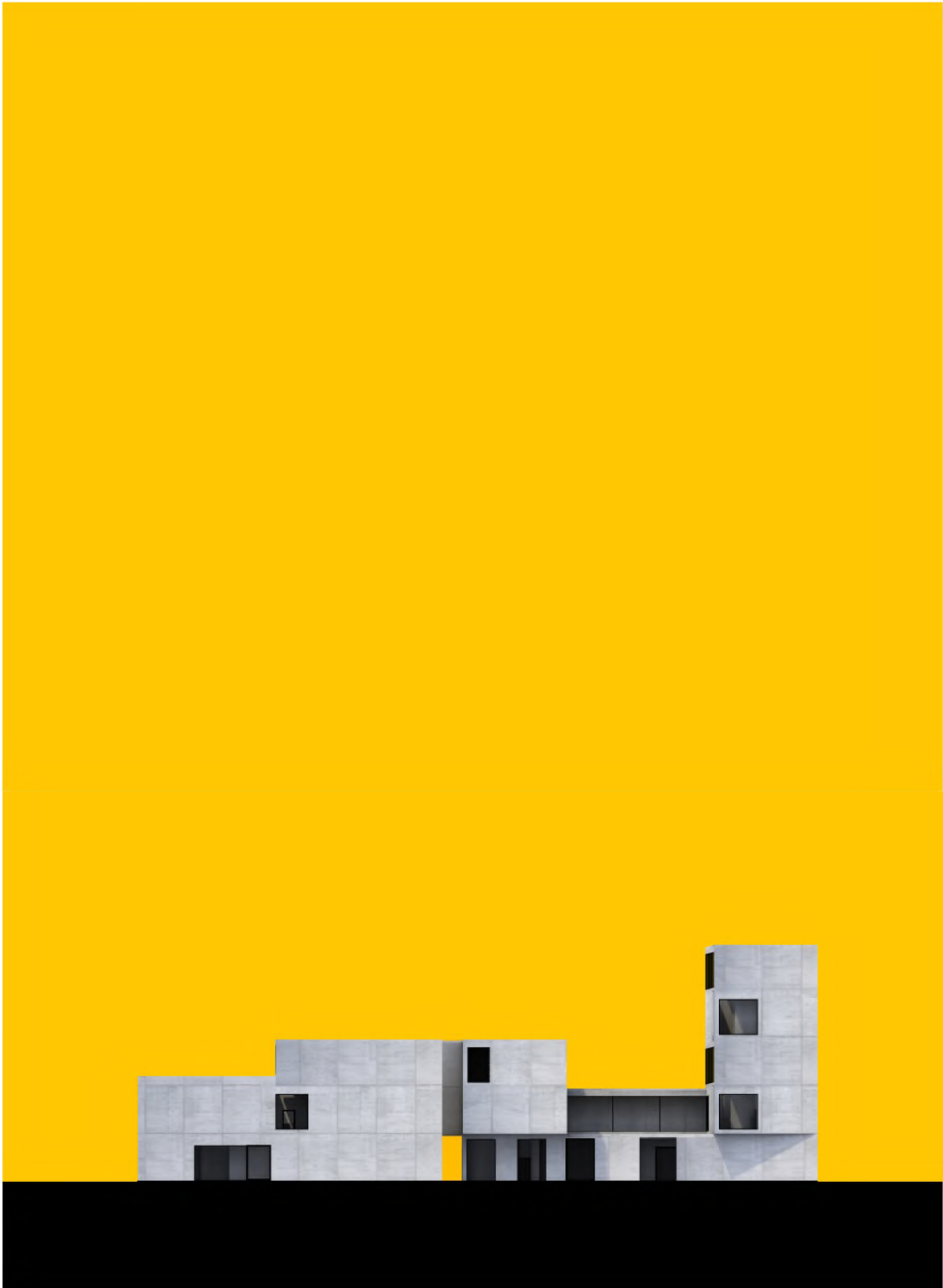


Fig. 24: Volumetria do edifício de apoio aos grupos de risco.
Fonte: Elaboração própria.

Posteriormente, o seu corpo desenvolve-se em volumetrias mais baixas e de uma forma dinâmica de maneira a interligar-se com as copas das árvores das margens do rio.

Inicialmente, partiu-se de um volume monolítico, que ao longo do processo se foi escavando, originando um corpo que se desenvolve entre cheios e vazios e que ganha maior superfície de contacto com o exterior. Este jogo de volumetria permite e facilita a identificação dos pontos de acesso ao edifício, marcados por avanços que se sobrepõem ao embasamento.

O edifício desenvolve-se num local limiar entre a cidade e a natureza, fazendo com que seja um elemento de transição, atento à composição da escala da cidade do centro histórico e, ao mesmo tempo, estabelecendo um diálogo com a monumentalidade da paisagem através do seu corpo.

Também se tentou articular e relacionar estas duas realidades através da planta, sendo esculpida de forma a que o seu desenho possa incentivar a entrada da cidade, mais propriamente dos seus habitantes, na natureza (margens). O momento desta transição é marcado por um vazio que direcciona o olhar entre ambos e que chama a atenção pelas suas características intersticiais. A sua forma, para além de estabelecer esta transição, ainda pretende ancorar-se e colmatar a mancha urbana. Por tal, a sua configuração nasce da envolvente, mais concretamente, da geometria dos edifícios pré-existentes que fazem parte da zona do centro histórico.



Fig. 25: Relações entre interior/exterior do edifício.
Fonte: Elaboração própria.

DE DENTRO PARA FORA

Ambos os volumes referidos procuram uma relação física com toda a envolvente, mas também apelam a um inter-relacionamento entre interior e exterior. Enquanto no volume do restaurante/café/centro comunitário, esta relação é feita através de grandes vãos que proporcionam a cada espaço diferentes perspectivas da cidade, no outro volume ela é estabelecida através de cheios e vazios, tratando-se de uma ligação muito mais trabalhada.

Durante a elaboração deste edifício pensou-se muito na relação que este iria ter com o exterior. A partir desta inquietação, surgiram duas questões fundamentais para a decisão do que se pretendia entre interior e exterior: o que se pretende que seja visto a partir do interior, isto é, enquanto utilizadores deste espaço, o que se deseja ver quando se está dentro do edifício? O que é que se pretende ou pode revelar, acerca do espaço interior, ao espaço exterior?

A partir destas questões percebeu-se que era necessária uma estratégia para estabelecer estas relações. Concluiu-se que se deveria captar para o interior o essencial que se necessitava apreender, isto é, acolher do exterior apenas aquilo que pode contribuir para o equilíbrio do interior. Desta forma, cada espaço interior adquiriu um carácter diferente, mais fechado sobre si próprio ou mais aberto para o exterior. Decidiu-se relacionar os espaços que interagem com o mundo exterior com toda a paisagem que o envolve, sem focar ou dar mais importância a uma determinada zona. Cada espaço interior mantém uma relação diferente com o exterior, isto é, enquanto alguns espaços se orientam para o local de intervenção, outros estabelecem um diálogo com o centro histórico ou com as margens do rio.

Assim, as zonas de maior permanência, utilizadas pelos grupos de risco, estabelecem uma relação próxima com um exterior natural, mais concretamente com as margens do rio, para transmitir uma sensação de tranquilidade e um contacto mais próximo com a natureza. Outros espaços, como os mais vocacionados para o staff, estabelecem uma relação mais próxima da cidade. Por outro lado, os compartimentos que necessitam de maior privacidade, com usos mais específicos e íntimos, são protegidos do exterior.

Estas opções prendem-se com o desejo de um interior dinâmico e vivo, tendo em conta os diferentes espaços exteriores. De um interior que permita que os sentidos percebam as mudanças no exterior, produzidas pelas diferentes estações do ano, pois “estas presenças animam o espaço, tornam-nos participantes da mudança, (...) apuram a nossa sensibilidade” (Ando, 1984, p.449). Desta forma, pretende-se, através de cada espaço interior, transmitir diferentes sentimentos e sensações aos utilizadores.



Fig. 26: Relações entre os dois volumes propostos.
Fonte: Elaboração própria.



VIVER O EDIFÍCIO

Dada a reformulação do programa, que deu origem a dois edifícios independentes um do outro, faz mais sentido serem explicitados separadamente, de forma a facilitar a sua compreensão. Desta forma, primeiramente irá ser explicado o edifício de apoio médico e social a grupos de risco e, posteriormente, o outro que diz respeito ao restaurante/café/centro comunitário.

Em relação ao primeiro volume a ser explicado, tentou-se organizar todo o seu espaço interior de forma muito simples para clarificar e simplificar a complexidade inerente ao programa, o que implicou um estudo de modos de vida muito diferentes e delicados. Foi essencial perceber-se bem as separações entre público e privado, como também prever o máximo possível o comportamento dos utilizadores, já que é sempre impossível determiná-lo com precisão.

As diferentes actividades presentes neste edifício, no que diz respeito às questões de apoio à saúde, desenvolvem-se separadamente na expectativa de que possam funcionar independentemente e garantir maior segurança a todos os utilizadores, sendo a sua interligação feita apenas através de um nível diferente gerido pelo staff.

Optou-se por colocar, no piso térreo, as funções e serviços mais relevantes de acesso público, pensando em questões de acessibilidades. É neste nível que se encontram os serviços de apoio médico e social, para os utilizadores toxicodependentes e também para os utilizadores alcoólicos, mas separadamente, como referido.

Como o programa previa uma loja de roupa usada e uma lavandaria, achou-se adequado que estas se localizassem a este nível, para que, juntamente com um programa complementar de balneários públicos, qualquer pessoa que desejasse pudesse servir-se deles. Tanto os balneários, como a lavandaria poderiam ser utilizados mediante (ou não) um pagamento simbólico (pensando na manutenção de limpeza que implicam), sendo controlados pelo funcionário responsável pela loja. Pretendia-se, com isto, que o edifício pudesse ter mais atracções, incentivando o seu uso por parte da população.

Em relação aos acessos públicos deste edifício, estes encontram-se demarcados através de volumes que avançam sobre a base e foram pensados prevendo ao máximo os comportamentos dos utilizadores, havendo uma separação clara entre eles, de acordo com o programa. Desta forma, os acessos dos utentes toxicodependentes são efectuados através da rua Bollwerk, uma vez que é ela bastante movimentada acabando por haver um controlo natural. Já o

acesso dos utentes alcoólicos é realizado a partir de um local diferente, situando-se junto ao espaço verde proposto adossado às margens do rio.

Transpondo o tema de acessibilidades para o interior do edifício e de forma a facilitar a utilização deste por pessoas com mobilidade condicionada (utentes/trabalhadores), não só a nível motor, como também a nível visual e psicológico, tentaram-se criar circulações bem definidas, de simples compreensão, com dimensões apropriadas e sempre permeáveis pela luz natural. No que diz respeito aos espaços de permanência, como as salas de dia, são espaços amplos que permitem e facilitam a movimentação e orientação de pessoas com dificuldades. Por outro lado, tentou-se através destes espaços apelar às sensações, orientando-os tanto para o espaço verde proposto, como para as margens do rio, tentando transmitir sentimentos de segurança, de tranquilidade e de forma a que estes interajam e façam parte das mudanças ocorridas no exterior, como referido anteriormente.

Os programas que funcionavam separadamente a nível térreo são articulados no primeiro piso, através de actividades relacionadas com o staff. Localizam-se aí os espaços que apoiam ambos os utentes (toxicodependentes e alcoólicos), como os gabinetes médicos, instalações sanitárias completas e uma sala polivalente. Esta última pode ser utilizada pontualmente por estes grupos de risco, sendo, no entanto, o staff que vai utilizá-la com maior regularidade. É ainda neste nível que se encontram outras instituições de solidariedade complementarias, como as organizações La Strada' e Pinto'.

O segundo piso diz respeito apenas às zonas pertencentes ao staff, que se desenvolvem em dois corpos separados. No volume da torre anteriormente referida, situam-se alguns espaços de trabalho como escritórios e sala de reuniões; já no outro, encontram-se algumas zonas de serviço como os balneários e um bar. Este último, estabelece uma relação directa com as margens do rio a partir de um terraço.

Desde o início que se adoptou uma atitude de questionamento do programa fornecido pelo concurso e se reflectiu sobre o que poderia complementar a programatizarão do edifício, de forma a contribuir para a sua rentabilização. Desta forma, para o terceiro piso foram propostos laboratórios químicos, que podem ser utilizados para realizar análises e fabricar algumas medicações.

Por fim, para o último piso foi pensada uma sala multifuncional com o objectivo de que contribua para a formação dos trabalhadores, podendo ser utilizada para conferências, workshops, grandes reuniões, entre outros. Este espaço é um lugar de excelência que permite ter

uma observação completa das vistas, desde as mais próximas da cidade, das margens e do rio, às mais longínquas, das montanhas.

Pode-se concluir que, ao longo do edifício, estabelece-se uma hierarquia de privacidade, em que o primeiro piso tem um carácter público, predominantemente utilizado pelos grupos de risco, o segundo é semi-público, onde existe uma conexão entre staff e utentes e os restantes privados, prevalecendo a utilização por parte do staff.

O volume que diz respeito ao restaurante, centro comunitário e café de rua pode ser utilizado independentemente do resto do programa referido antes. Este desenvolve-se apenas em dois pisos, de maneira a não cortar as vistas do edifício pré-existente que se encontra no seu lado oposto. Ao longo da sua elaboração, pensou-se principalmente, nas relações entre os diferentes espaços interiores e a sua envolvente exterior. Desta forma, optou-se por colocar no piso térreo o espaço do café de rua, para estabelecer maior contacto físico com a cidade. Este funciona como uma zona de chegada, recebendo e cativando os fluxos vindos do centro histórico. No piso superior, encontram-se as zonas de restaurante e centro comunitário, ganhando um maior ângulo de visibilidade sobre a envolvente. Enquanto o espaço que diz respeito ao restaurante se relaciona com o jardim proposto e com as margens do rio, o centro comunitário privilegia as vistas para a cidade, focando as vistas para um edifício importante para a cidade que se encontra à sua frente. Todos os espaços que constituem este volume têm caracteres distintos mas, apesar da sua diferença, são todos igualmente importantes. O objectivo destas opções tem a ver com o desejo de que este viva para a envolvente e provoque nos seus utilizadores, a partir de cada espaço, diversas sensações e sentimentos.



Fig. 27: Relação visual com a paisagem mais longínqua a partir da sala polivalente.
Fonte: Elaboração própria.



Surface allocation and area

A - Management area

- A1 - Management offices (45,56 m²)
- A2 - Large conference room (29,14 m²)
- A3 - Small conference room (15,30 m²)
- A4 - Staff recreation room (78,14 m²)

B - Consulting area

- B1 - Office workspaces (47,54 m²)
- B2 - Medical care (18,82 m²)

C - Staff

- C1 - Individual staff wardrobes (19,98 m²)
- C2 - Equipmentroom (11,11 m²)
- C3 - Staff washrooms (92,48 m²)

D - La Strada' - base

- D1 - Office workspace (48,98 m²)

E - Pinto' - base

- E1 - Office workspaces (51,73 m²)

F - Infrastructure for clients

- F1 - Clients washroom (127,95 m²)
- F2 - Laundry (17,24 m²)
- F3 - Secondhand clothing-store (47,05 m²)
- F4 - Cleaning / utilityroom, storageroom (8,61 m²)
- F5 - Public washrooms (24,64 m²)

G - Drugs-consumers area (88,43 m²)

H - Separate outdoor space

I - Securitas - base (18,31 m²)

K - Registration (17,24 m²)

L - Access (syringe dispensary)

M - Daylounge for drugclients (68,46 m²)

N - Alkistubli (50,66 m²)

- N1 - Separate outdoor area (37,75 m²)

O - Restaurant area

- O1 - Streetcafé (51,24 m²)
- O2 - Kitchen (51,47 m²)
- O3 - Toilets (50,41 m²)
- O4 - Cleaning storage (11,28 m²)
- O5 - Storage facilities (13,62 m²)
- O6 - Beverage storage (5,07 m²)
- O7 - Community-center (61,04 m²)
- O8- Cafe / Restaurant (74,53 m²)
- O9 - Pantry (19,48 m²)

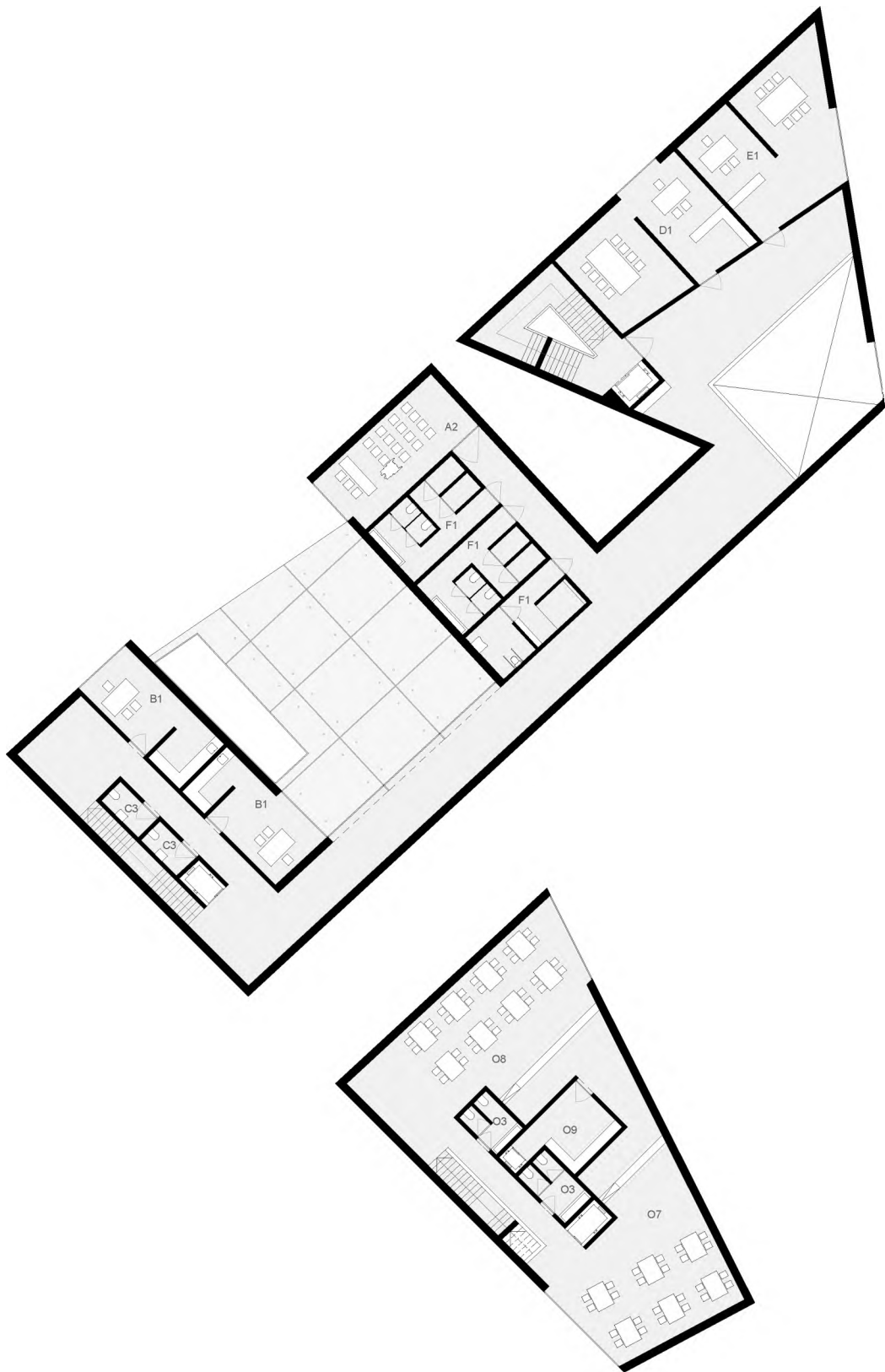
P - La Strada' bus parking space

Q - Chemical laboratory

- Q1 - Laboratory (30,18 m²)
- Q2 - Toilets (11,59 m²)
- Q3 - Multipurpose room (91,28 m²)
- Q4 - Storage room (4,26 m²)



Fig. 28: Plantas piso térreo e primeiro piso.
Fonte: Elaboração própria.



5m



Surface allocation and area

A - Management area

A1 - Management offices (45,56 m²)
 A2 - Large conference room (29,14 m²)
 A3 - Small conference room (15,30 m²)
 A4 - Staff recreation room (78,14 m²)

B - Consulting area

B1 - Office workspaces (47,54 m²)
 B2 - Medical care (18,82 m²)

C - Staff

C1 - Individual staff wardrobes (19,98 m²)
 C2 - Equipmentroom (11,11 m²)
 C3 - Staff washrooms (92,48 m²)

D - La Strada' - base

D1 - Office workspace (48,98 m²)

E - Pinto' - base

E1 - Office workspaces (51,73 m²)

F - Infrastructure for clients

F1 - Clients washroom (127,95 m²)
 F2 - Laundry (17,24 m²)
 F3 - Secondhand clothing-store (47,05 m²)
 F4 - Cleaning / utilityroom, storageroom (8,61 m²)
 F5 - Public washrooms (24,64 m²)

G - Drugs-consumers area (88,43 m²)

H - Separate outdoor space

I - Securitas - base (18,31 m²)

K - Registration (17,24 m²)

L - Access (syringe dispensary)

M - Daylounge for drugclients (68,46 m²)

N - Alkistubli (50,66 m²)

N1 - Separate outdoor area (37,75 m²)

O - Restaurant area

O1 - Streetcafé (51,24 m²)
 O2 - Kitchen (51,47 m²)
 O3 - Toilets (50,41 m²)
 O4 - Cleaning storage (11,28 m²)
 O5 - Storage facilities (13,62 m²)
 O6 - Beverage storage (5,07 m²)
 O7 - Community-center (61,04 m²)
 O8- Cafe / Restaurant (74,53 m²)
 O9 - Pantry (19,48 m²)

P - La Strada' bus parking space

Q - Chemical laboratory

Q1 - Laboratory (30,18 m²)
 Q2 - Toilets (11,59 m²)
 Q3 - Multipurpose room (91,28 m²)
 Q4 - Storage room (4,26 m²)

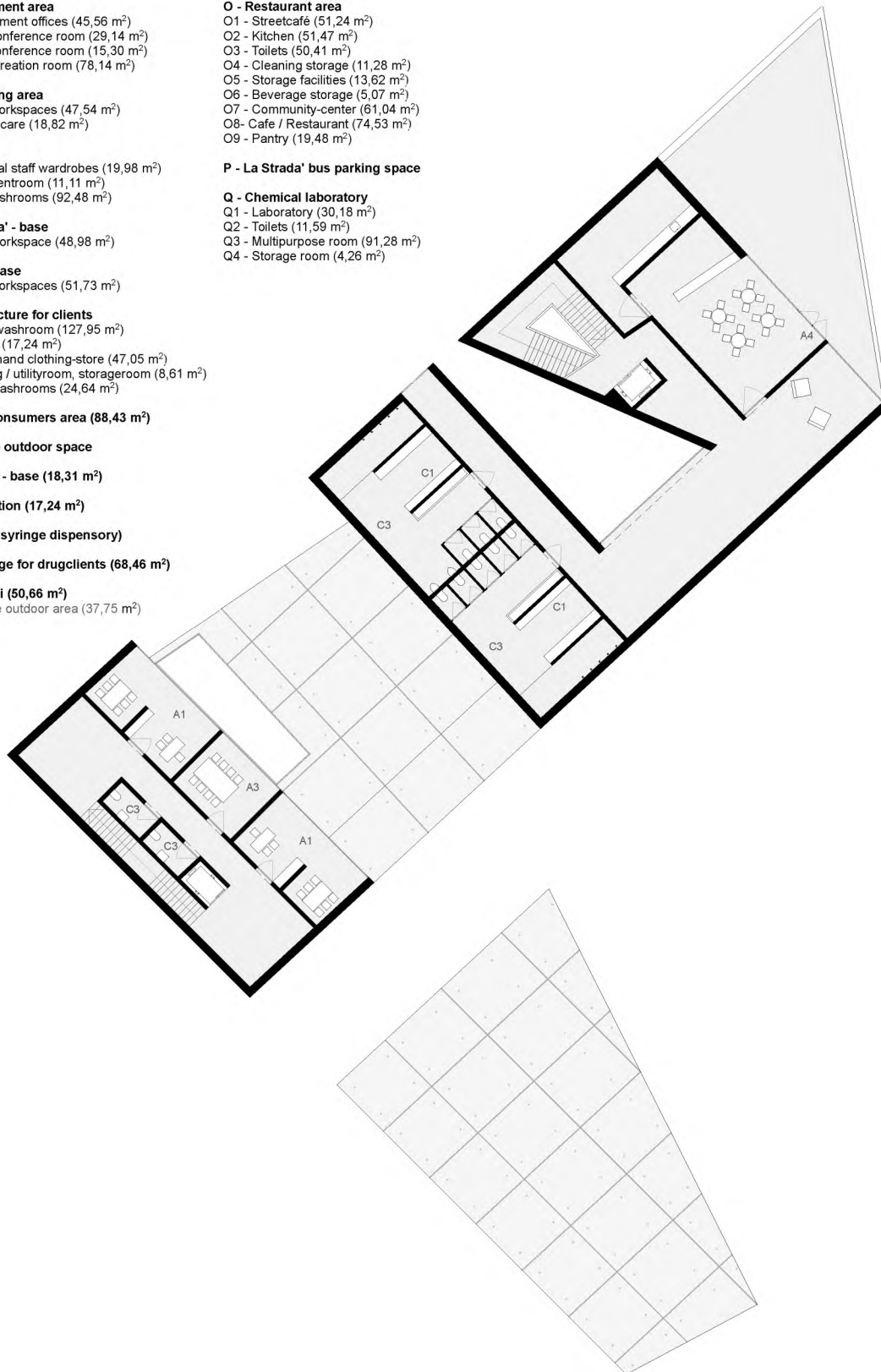
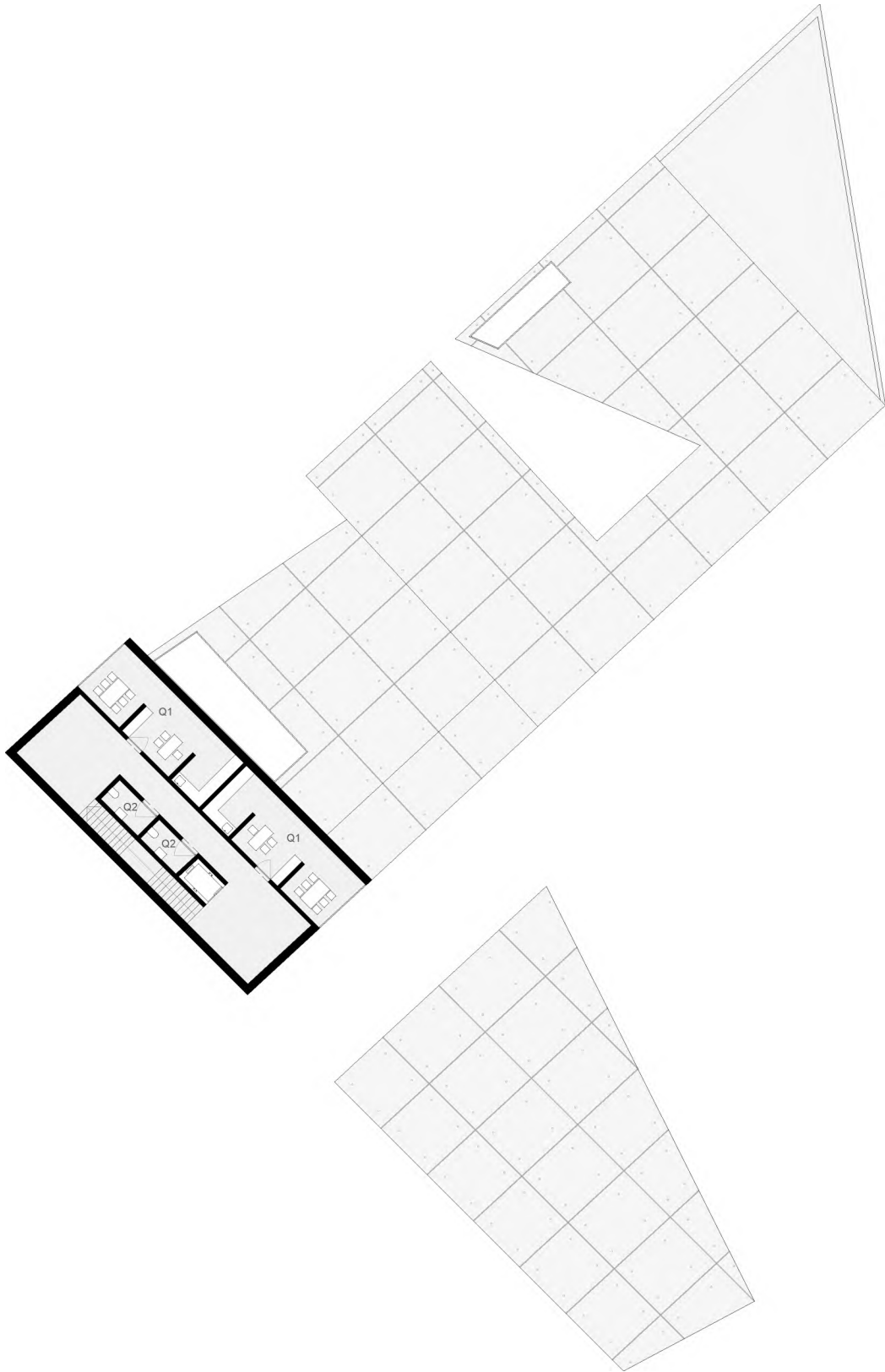


Fig. 29: Plantas do segundo e terceiro piso.
 Fonte: Elaboração própria.



5m



Surface allocation and area

A - Management area

- A1 - Management offices (45,56 m²)
- A2 - Large conference room (29,14 m²)
- A3 - Small conference room (15,30 m²)
- A4 - Staff recreation room (78,14 m²)

B - Consulting area

- B1 - Office workspaces (47,54 m²)
- B2 - Medical care (18,82 m²)

C - Staff

- C1 - Individual staff wardrobes (19,98 m²)
- C2 - Equipmentroom (11,11 m²)
- C3 - Staff washrooms (92,48 m²)

D - La Strada' - base

- D1 - Office workspace (48,98 m²)

E - Pinto' - base

- E1 - Office workspaces (51,73 m²)

F - Infrastructure for clients

- F1 - Clients washroom (127,95 m²)
- F2 - Laundry (17,24 m²)
- F3 - Secondhand clothing-store (47,05 m²)
- F4 - Cleaning / utilityroom, storageroom (8,61 m²)
- F5 - Public washrooms (24,64 m²)

G - Drugs-consumers area (88,43 m²)

H - Separate outdoor space

I - Securitas - base (18,31 m²)

K - Registration (17,24 m²)

L - Access (syringe dispensory)

M - Daylounge for drugclients (68,46 m²)

N - Alkistubli (50,66 m²)

- N1- Separate outdoor area (37,75 m²)

O - Restaurant area

- O1 - Streetcafé (51,24 m²)
- O2 - Kitchen (51,47 m²)
- O3 - Toilets (50,41 m²)
- O4 - Cleaning storage (11,28 m²)
- O5 - Storage facilities (13,62 m²)
- O6 - Beverage storage (5,07 m²)
- O7 - Community-center (61,04 m²)
- O8- Cafe / Restaurant (74,53 m²)
- O9 - Pantry (19,48 m²)

P - La Strada' bus parking space

Q - Chemical laboratory

- Q1 - Laboratory (30,18 m²)
- Q2 - Toilets (11,59 m²)
- Q3 - Multipurpose room (91,28 m²)
- Q4 - Storage room (4,26 m²)

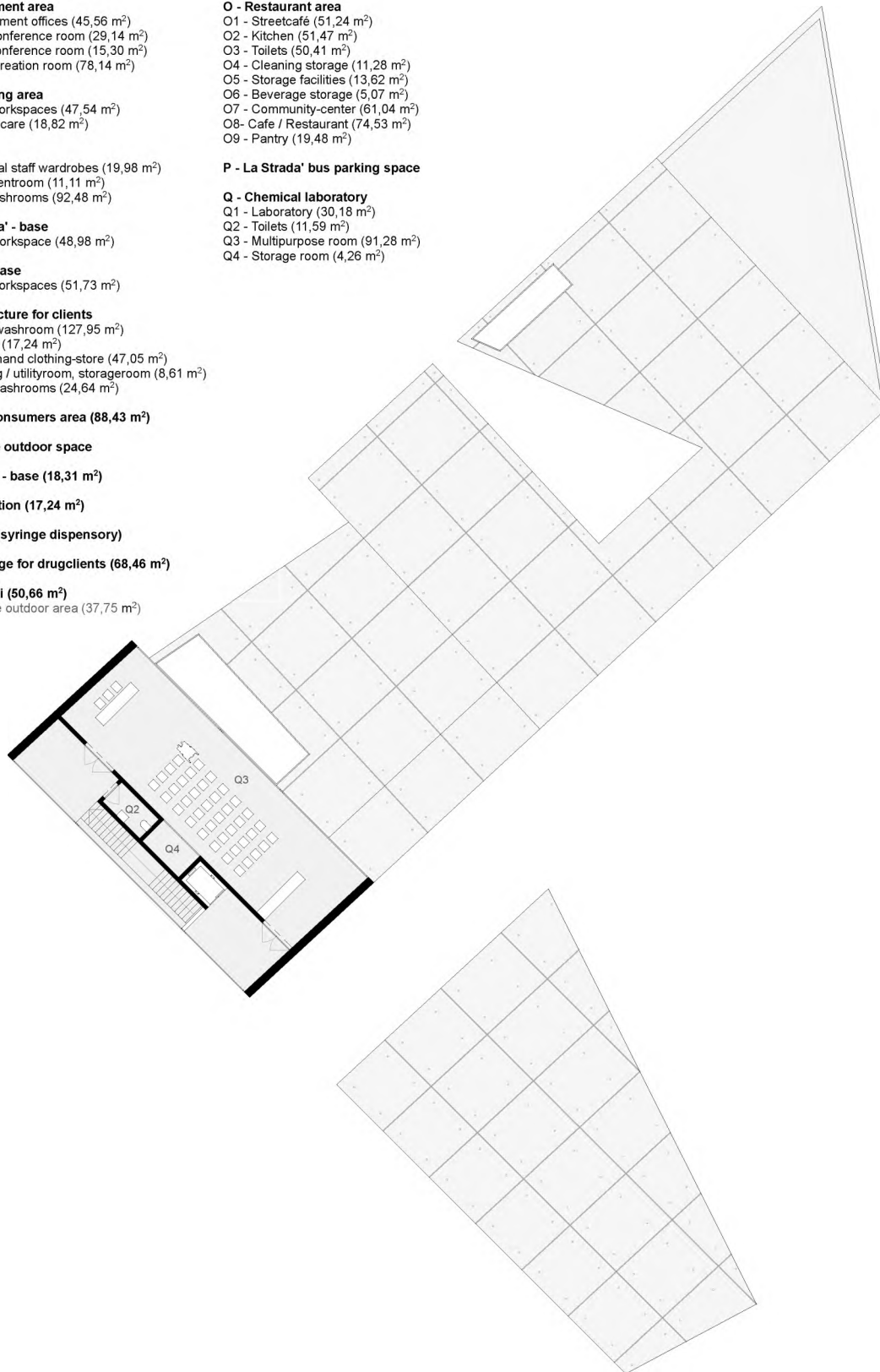


Fig. 30: Planta do quarto piso.
Fonte: Elaboração própria.



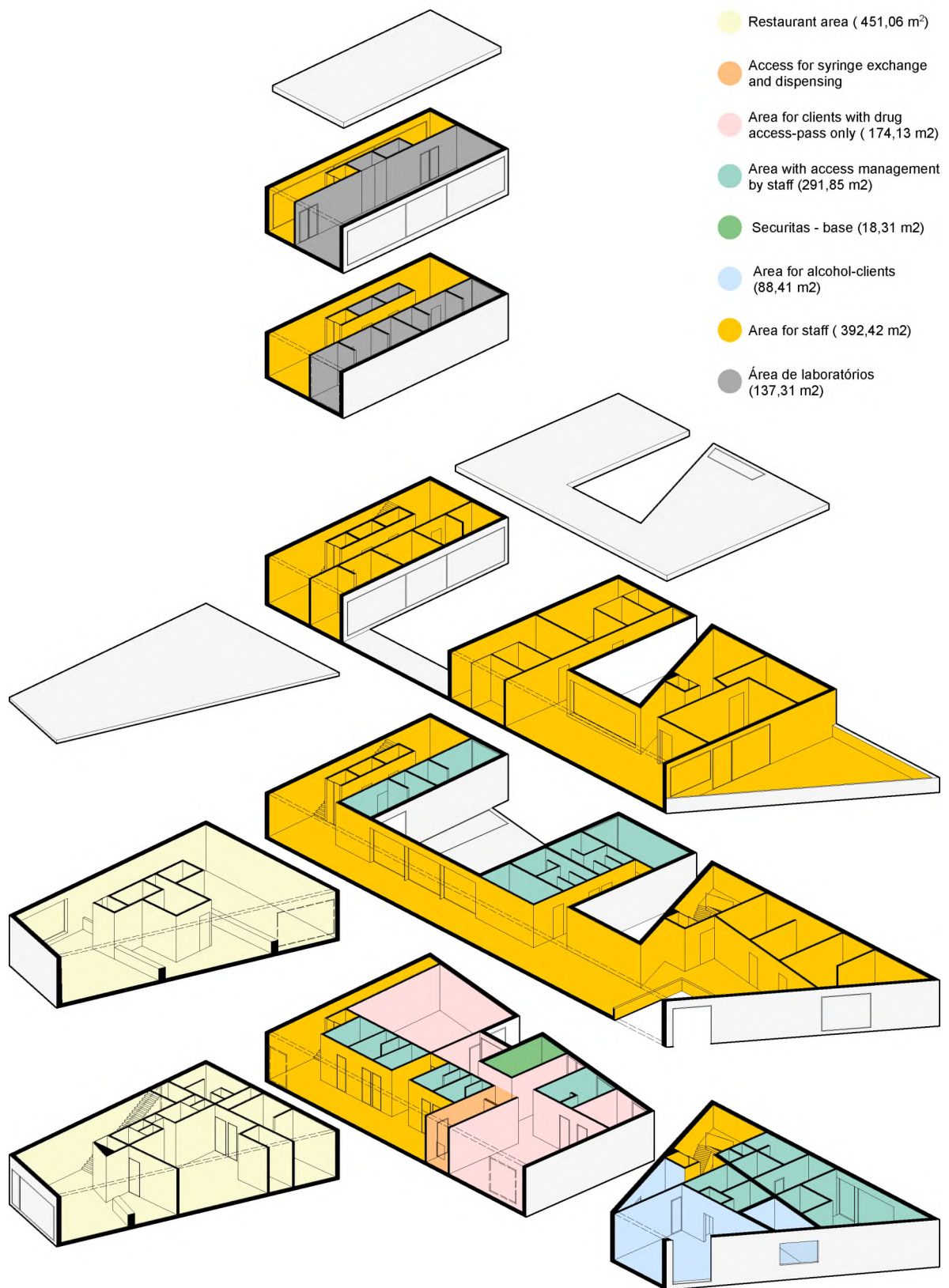


Fig. 31: Axonometria explodida do edifício proposto.
 Fonte: Elaboração própria.

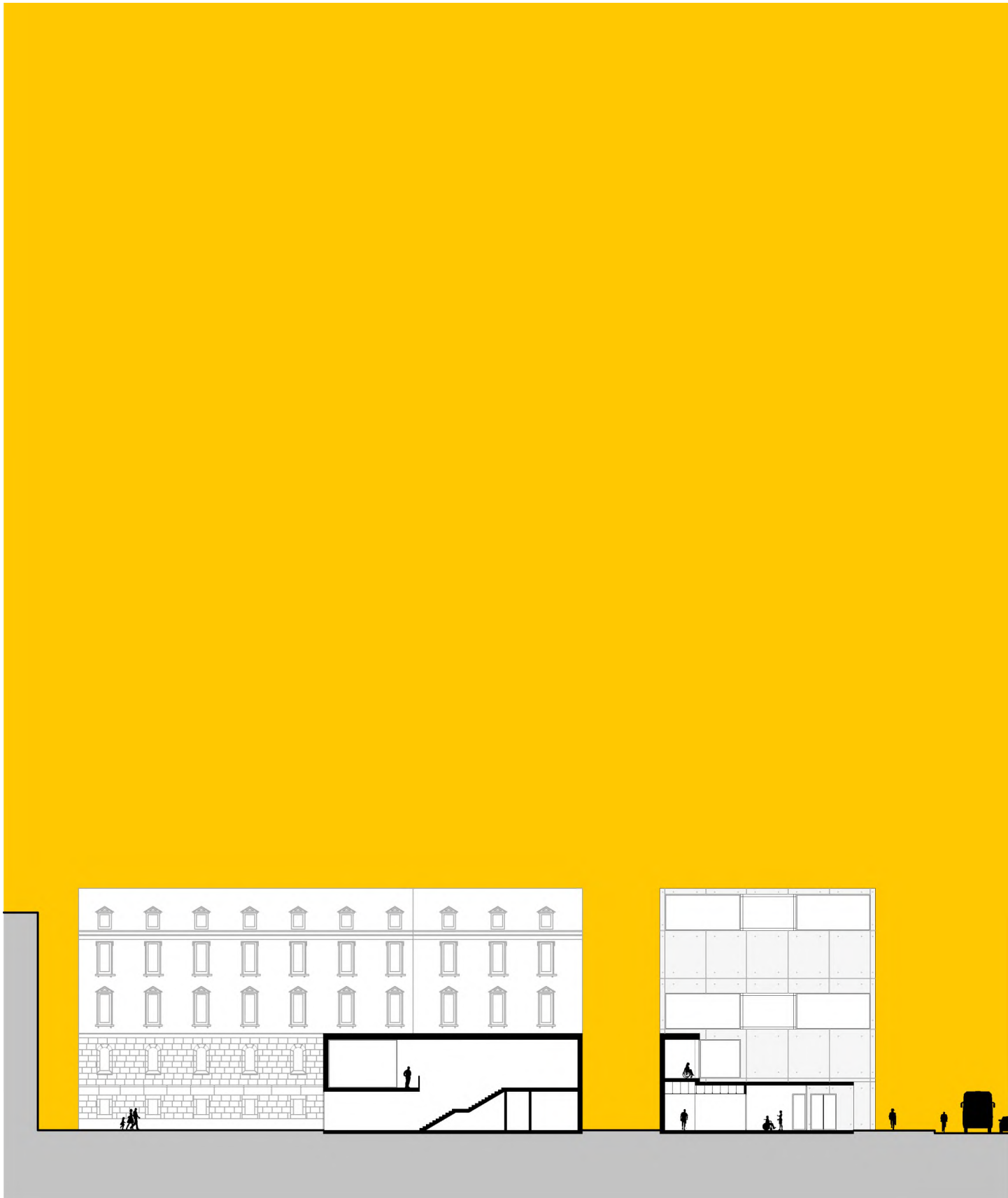
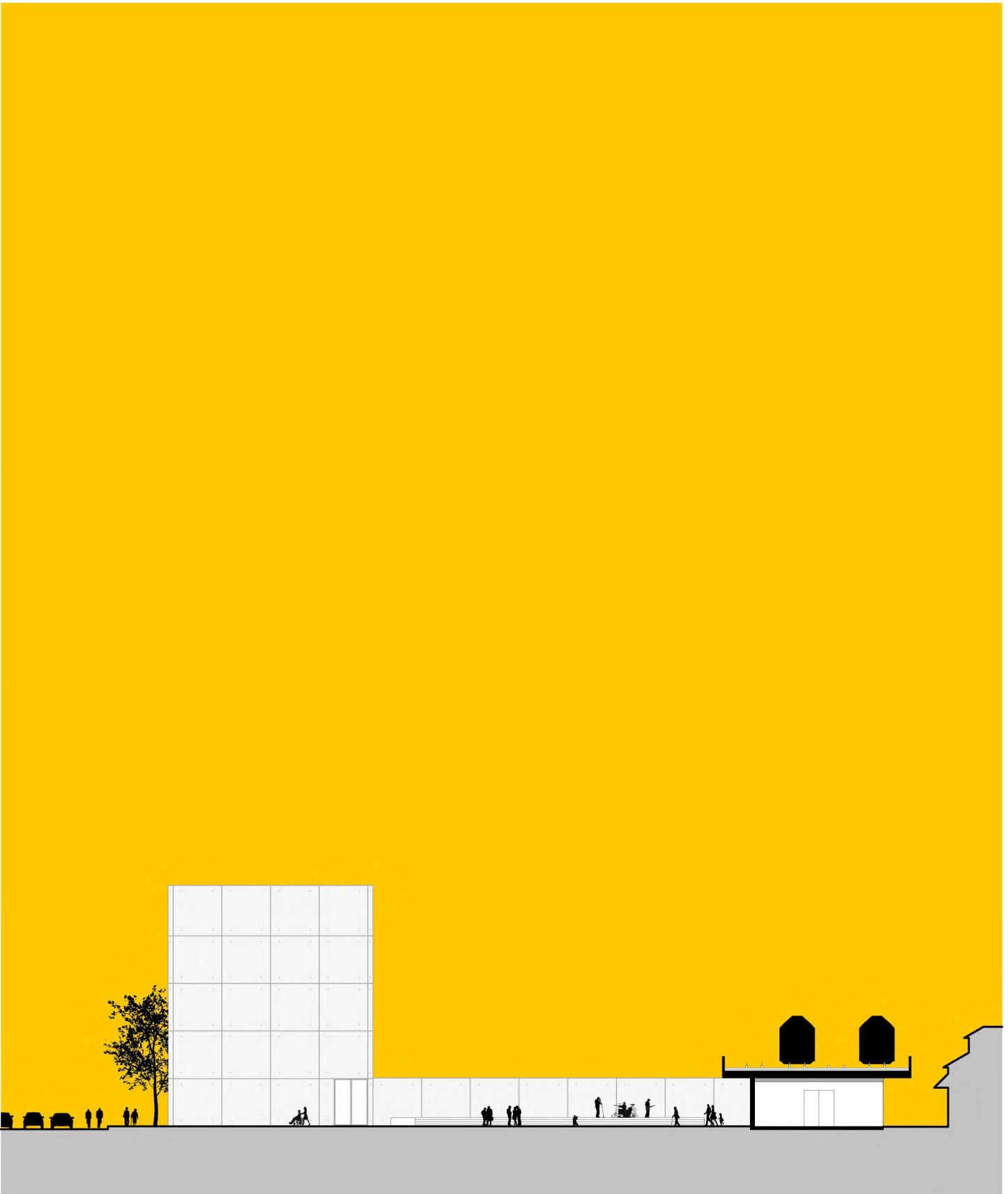


Fig. 32: Corte transversal onde são visíveis as relações entre alturas e embasamento dos edifícios envolventes (zona toxicodependentes).
Fonte: Elaboração própria.



5m

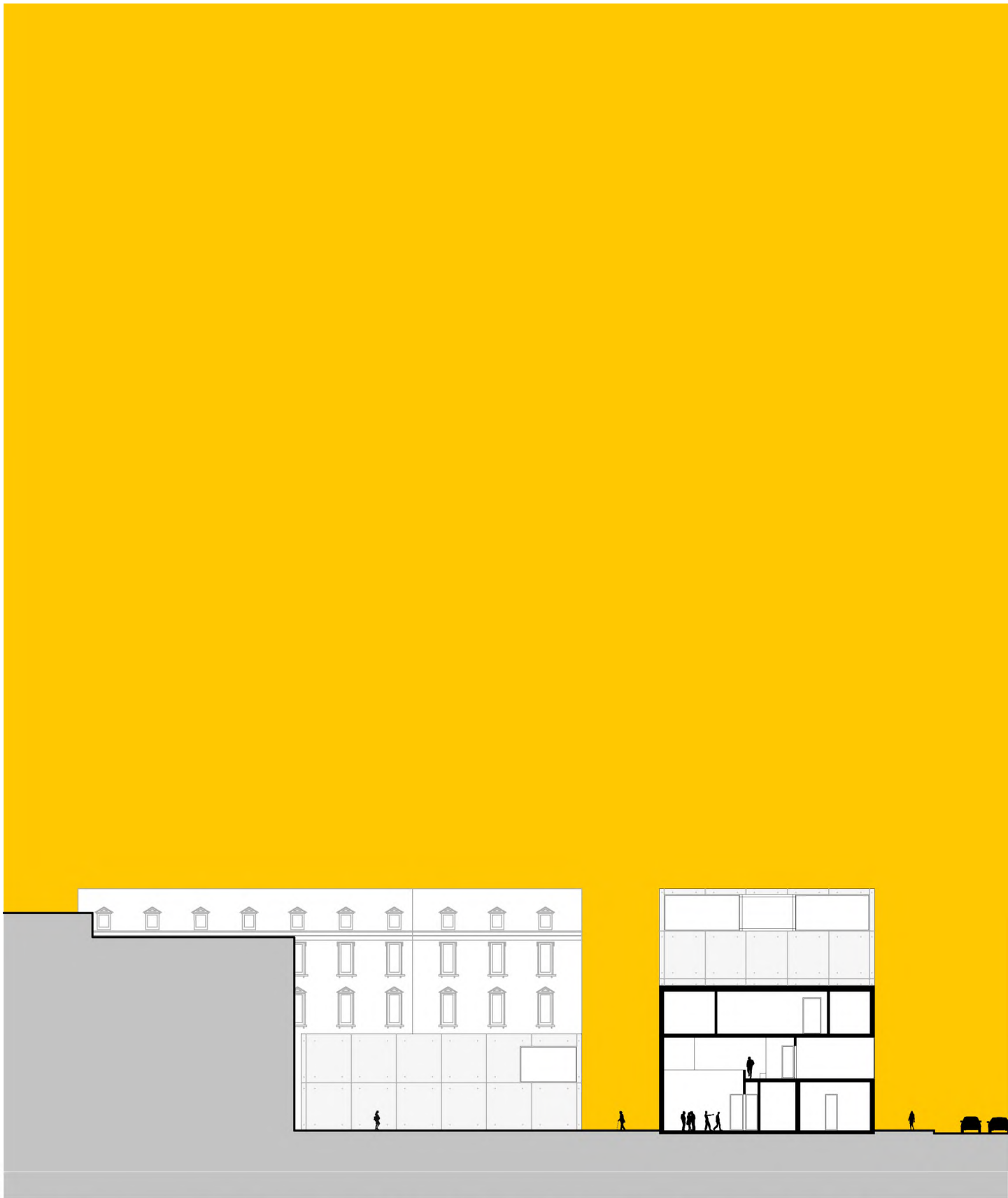
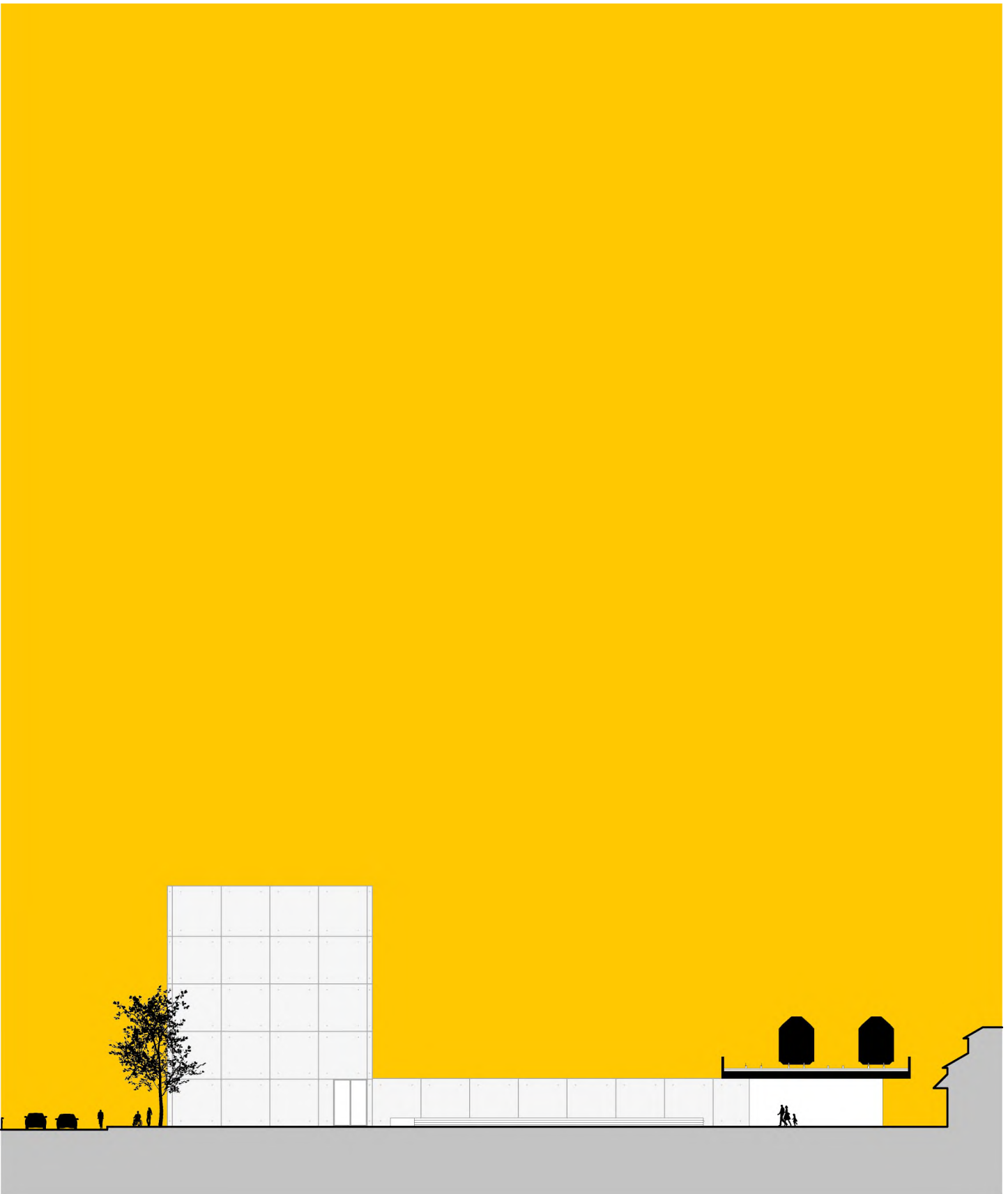


Fig. 33: Corte transversal onde são visíveis as relações entre alturas e embasamento dos edifícios envolventes (Zona Alcoólicos).
Fonte: Elaboração própria.



5m

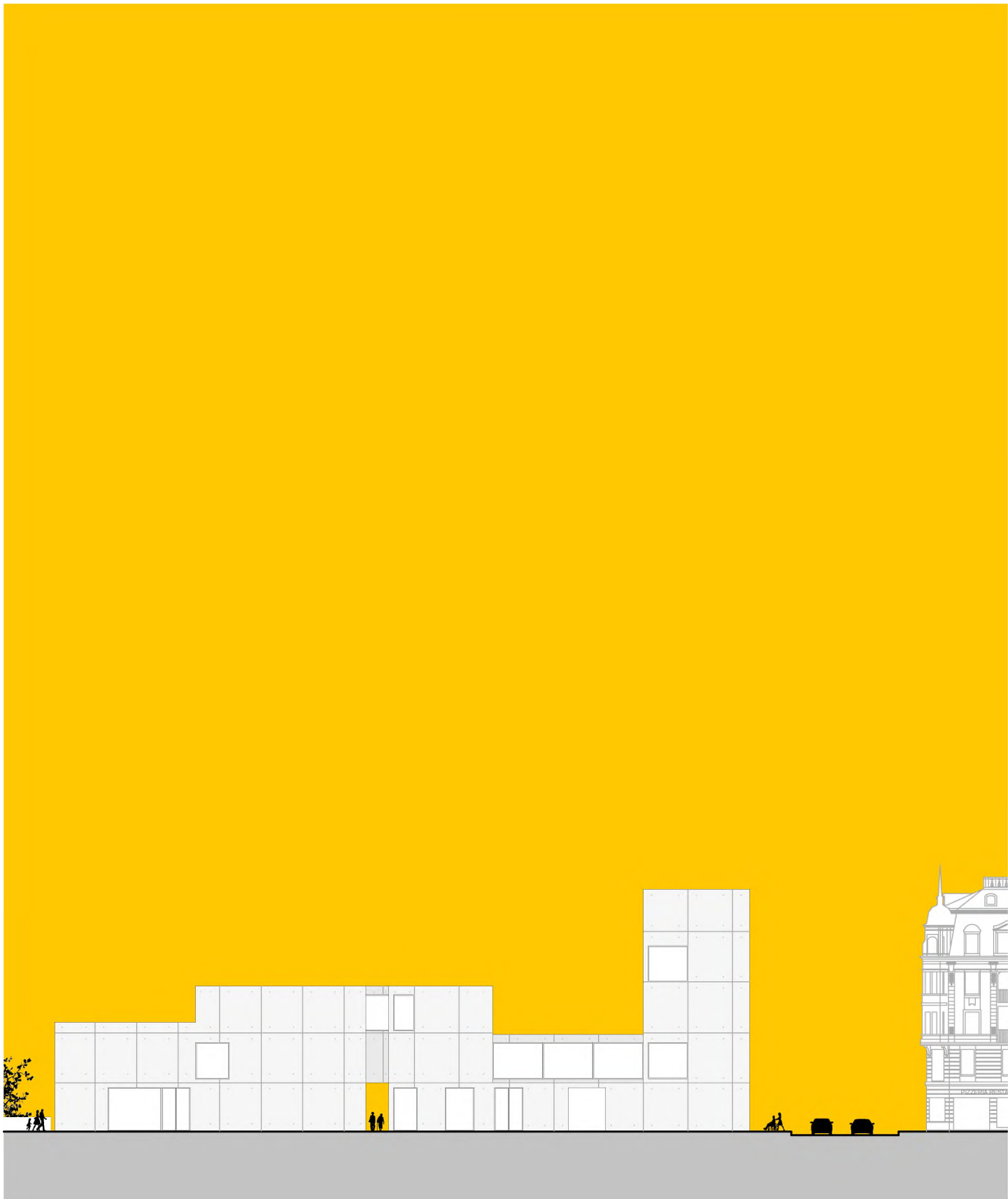
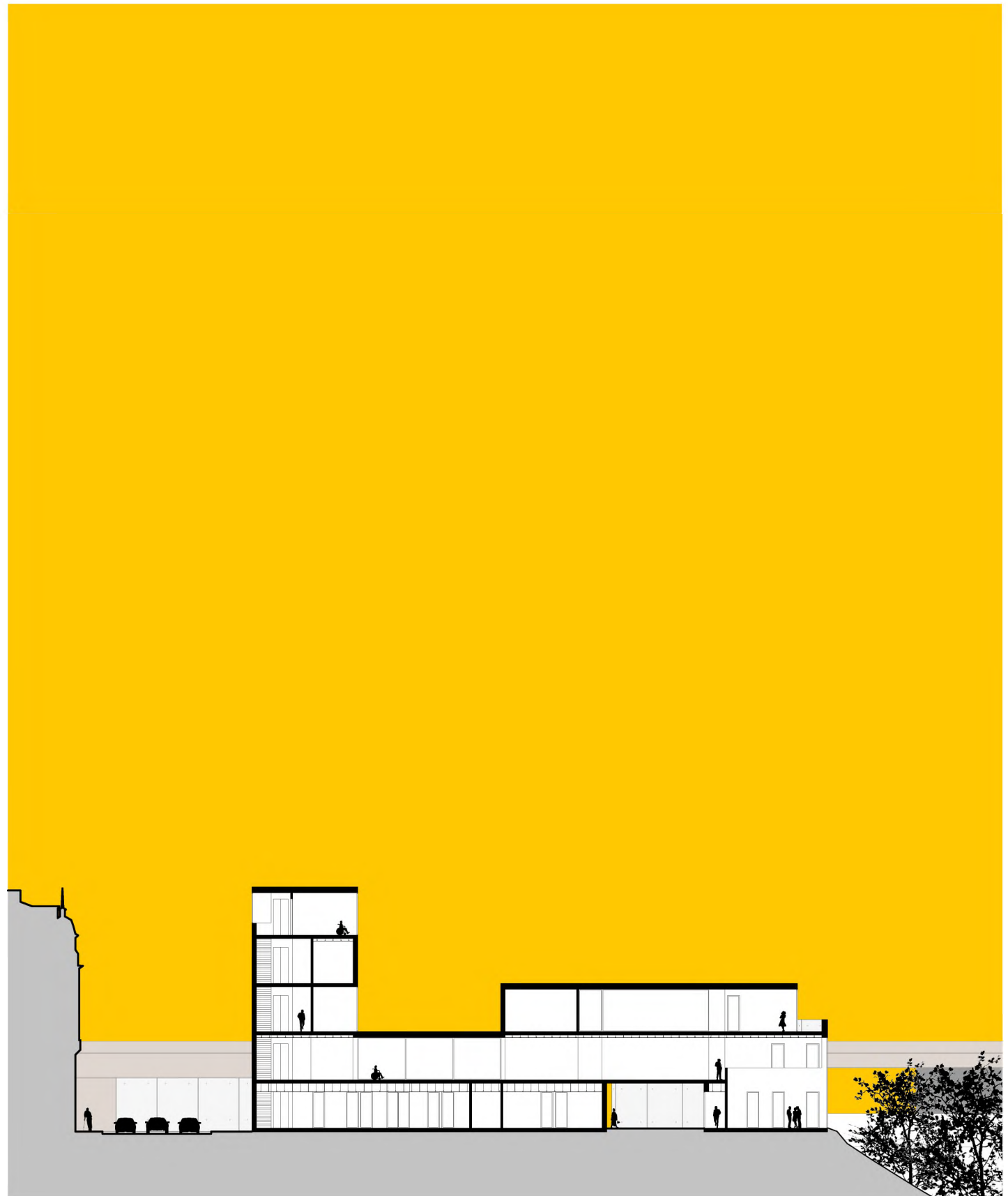


Fig. 34: Alçado e corte longitudinais onde são visíveis as relações entre alturas e embasamento dos edifícios envolventes.
Fonte: Elaboração própria.



5m

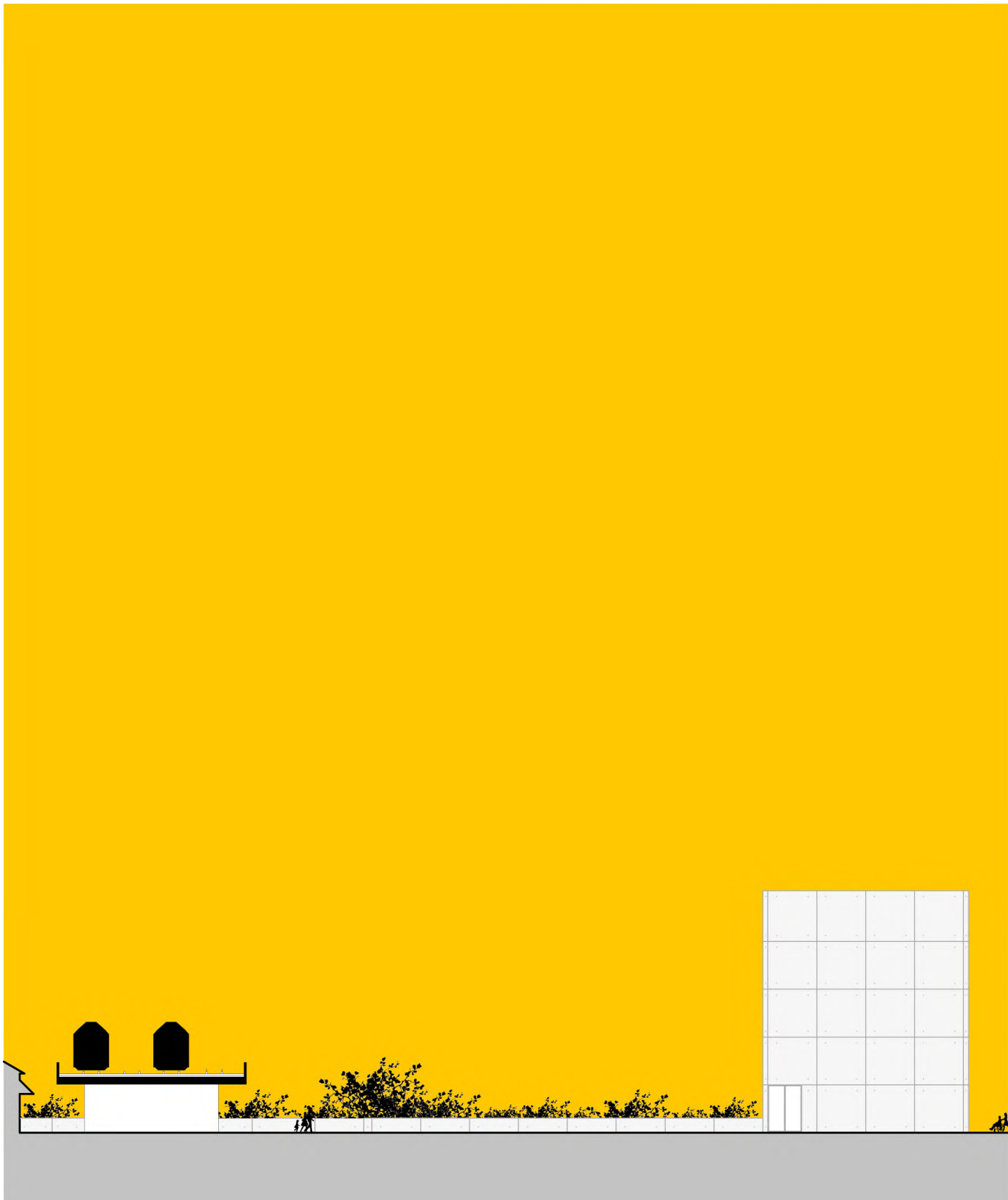
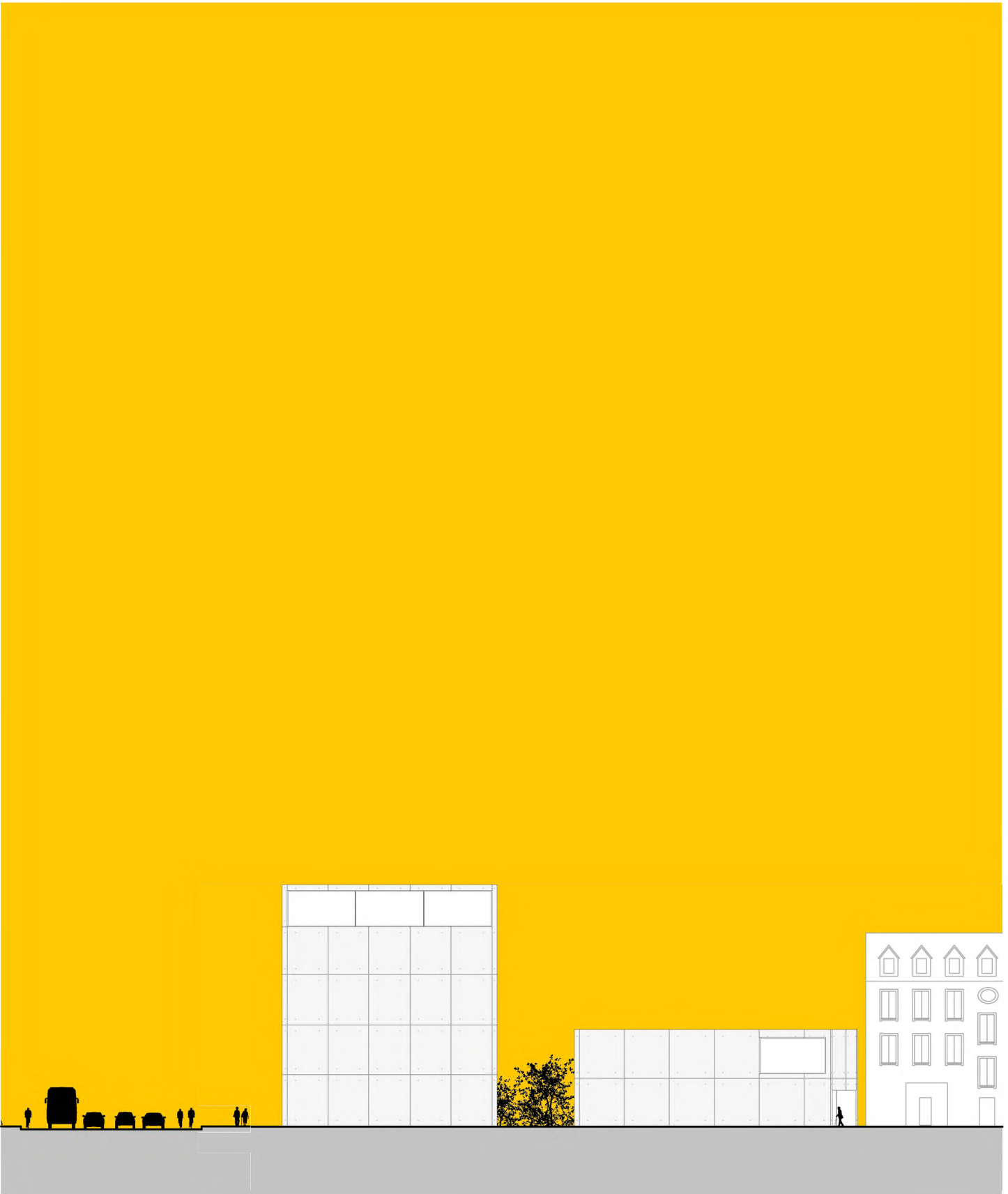


Fig. 35: Alçado Sul onde é visível a relação com a envolvente.
Fonte: Elaboração própria.

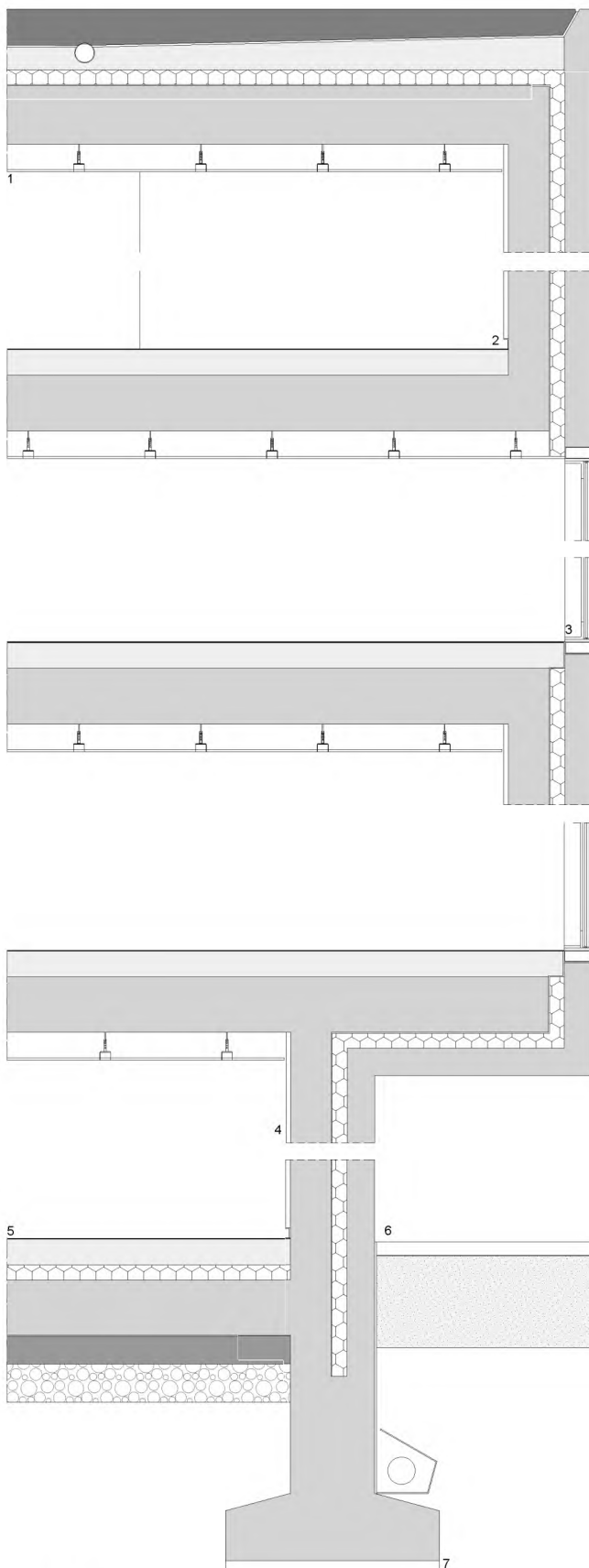


5m



Fig. 36: Relação do jardim e dos edifícios propostos com a envolvente.
Fonte: Elaboração própria.





1. ROOF

Porous concrete
 Storm water drainage
 Leveling layer
 Thermal insulation
 Waterproofing layer
 Concrete slab
 Plasterboard suspended ceiling

2. RECESSED METALLIC BASEBOARD

3. WINDOW FRAME

Rectangular metallic bar
 Steel angles
 Laminated glass (Bouble glass)

4. WALL

Exterior wall in concrete
 Thermal insulation
 Interior wall in concrete
 Tinned white plaster

5. FLOORING

Interior finishing in white epoxy resin
 Regularization screed
 Thermal insulation
 Concrete slab
 Waterproofing layer
 Regularization screed
 Gravel
 Soil

6. EXTERIOR PAVEMENT

Local limestones
 Sand layer
 Studded rubber layer
 Geodrain
 Soil

Fig. 37: Pormenor construtivo da fachada exterior.
 Fonte: Elaboração própria.

A PRESENÇA DOS MATERIAIS

A escolha dos materiais na arquitectura é uma questão de extrema importância, visto que são estes que cobrem o edifício e é a partir desta pele que ele se mostra à sociedade, tanto interior como exteriormente. Para além disto, possuem características sensoriais e significativas próprias, apelando ao tacto, olfacto, som e visão do utilizador dos espaços construídos.

Na elaboração deste edifício, todos estes aspectos estiveram sempre presentes. Por tal, tentou-se escolher materiais que provocassem diferentes sensações e que, ao mesmo tempo, respondessem a todas as condições necessárias de conforto, térmica e acústica.

Desta forma, procurou-se utilizar um número limitado de variedade de materiais, na tentativa de se alcançarem espaços simples, sóbrios e equilibrados, deixando de parte tudo o que não é essencial. Isto prende-se com o objectivo de, por um lado, evidenciar as características dos próprios materiais e, por outro, de criar espaços mais limpos de ruído e, conseqüentemente, mais apelativos à sua percepção.

Assim, para o exterior foi aplicado o betão aparente devido à sua autenticidade e uma vez que é “(...) desprovido de características escultóricas e de peso (...)” (Ando, 1990, p.458). Já que se pretendeu utilizar um material que não colidisse com a forma do próprio edifício, procurando uma coerência e serenidade exterior. Optou-se propositadamente por um material diferente do que existe nos edificios envolventes, na tentativa de que este edifício possa ser mais facilmente identificado. Pois as suas características próprias apelam, para além do evidente contraste visual, ao tacto e ao olfacto, facilitando a sua identificação por parte de pessoas com dificuldades psicológicas e de orientação.

Interiormente, optou-se por utilizar materiais com texturas e cores diferentes, de maneira a que se possam criar espaços com carácter diferentes, apelando a diferentes sensações, como já referido anteriormente. Para além disso, estas duas características ganham aqui um peso acrescido, relacionado com a orientação das pessoas com mobilidade condicionada, isto é, a utilização de contrastes de cores e texturas ajuda a que pessoas com dificuldades visuais ou psicológicas se possam orientar mais facilmente no edifício.

CONCLUSÃO

Este trabalho aqui presente pretendeu reflectir sobre a problemática actual das acessibilidades nas cidades, tanto em relação aos espaços e edifícios públicos, como também privados, atentando à interacção entre cidade, arquitectura e sociedade. Estas questões foram aplicadas a partir de um projecto e realidade concreta na cidade de Berna, com um programa específico no contexto do concurso internacional *Schindler Award 2012*. Ao longo desta reflexão, teve-se sempre em conta os objectivos inicialmente delineados, isto é, de compreender a influência da arquitectura e, conseqüentemente, do desenho dos espaços na possibilidade e simplificação da sua utilização por indivíduos com mobilidade condicionada, e no encorajamento de relações entre diferentes pessoas, tendo sempre presente a importância de todo o processo que se efectua até se atingir o resultado final.

A acessibilidade aos espaços projectados é possível e deve ser um aspecto encarado como parte integrante da arquitectura e do acto de projectar. Ao invés de funcionar como uma condicionante ou uma simples norma regulamentar aplicada *à posteriori*, deve antes ser entendida como uma noção sempre presente no pensamento arquitectónico, que pode, inclusivamente, estimular novos conceitos espaciais. É imprescindível ter em mente que esta problemática não diz apenas respeito aos cidadãos portadores de deficiência, num sentido estrito; há também que ter em conta os idosos, face ao envelhecimento generalizado da população, e os incapacitados temporários ou os pais que transportam carrinhos de bebé. Por isso, deve haver a preocupação em conhecer os diferentes utilizadores do espaço, em vez de supor que o seu comportamento “(...) se ajusta à imagem racional que o desenhador cria quando define as funções ou requerimentos de uso dos espaços projectados (...)”, como refere Muga (2006, p.20). Assim, quando se reflecte sobre acessibilidades, é necessário pensar na diversidade humana e reconhecer o direito de todos em utilizar o mundo social e construído. Para além disto, é essencial ter em mente que a problemática das acessibilidades não tem só a ver com a promoção de espaços acessíveis, mas também com o reforço de laços sociais.

Em resposta às inquietações que surgiram inicialmente, concluiu-se que a arquitectura articula o mundo através da sua geometria, dando-lhe forma e, de facto, os espaços mais simples que procuram a essencialidade, não só permitem, como também facilitam a utilização por parte das pessoas com mobilidade condicionada. Observou-se que os espaços organizados e limpos de

ruído e de excessos proporcionam uma prazerosa experienciação e percepção multissensoriais, uma vez que não possuem elementos desnecessários que distraem e sobrecarregam os seus utilizadores. Assim, concluiu-se que a tarefa da arquitectura não é persuadir nem sufocar com invenções formais, mas sim criar o silêncio, calma e concentração, que faz com que as pessoas experienciem a beleza do mundo à sua volta.

Apesar de se ter chegado a estas conclusões, observou-se também que não há um desenho padrão que especifique, precisamente, as fórmulas ou regras que se devem seguir no acto de projectar um espaço simples e organizado. Cada projecto é pensado para o contexto em que se insere, isto é, para um determinado lugar, uma determinada sociedade e com um determinado objectivo. É aqui que o processo e as suas diferentes fases se tornam essenciais. É ao longo da elaboração de cada projecto que se encontra o desenho pretendido, isto é, organizado e simples. Assim, percebe-se que existe um longo caminho a percorrer no desenvolvimento do processo arquitectónico, até se alcançar o resultado final pretendido. Este é feito de avanços e recuos que clarificam e materializam a proposta. É precisamente em todos estes aspectos que o trabalho de projecto aqui presente se centra.

Concebem-se espaços que favoreçam o desenvolvimento psicológico, social e físico dos seus utilizadores, isto é, que regenerem física, social e psicologicamente o espaço de intervenção, para que os seus utilizadores possam experienciá-lo de forma confiante, segura e prazerosa. Desta forma, a proposta apresentada desenvolve-se a partir de um equilíbrio formal, do desejo de alcançar mais com menos, de encontrar a essencialidade.

BIBLIOGRAFIA

MONOGRAFIAS, REVISTAS, ARTIGOS E OUTROS DOCUMENTOS

Aymonino, C., 1984. *O Significado das Cidades*. Traduzido por A. Rabaça, Lisboa: Editorial Presença.

Ando, T., 1990. Luz, Sombra e Forma. In: Dal Co, F., 2001. *Tadao Ando: As obras, os textos, a crítica*. Traduzido por M. Piriquito, Lisboa: Dinalivro, p.458.

Andrade, A., 2009. Arquitectura Inclusiva. In: Teles, P., 2009. *Cidades de Desejo entre Desenhos de Cidades – Boas Práticas de Desenho Urbano e Design Inclusivo*. Porto: Instituto de Cidades e Vilas com Mobilidade.

Ascher, F., 2010. *Novos Princípios do Urbanismo*. Lisboa: Livros Horizonte.

Augé, M., 1994. *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus.

Baeza, A. C., 2011a. *A ideia construída*. Traduzido por A. C. Silva, Casal de Cambra: Caleidoscópio.

Baeza, A., C., 2011b. *Pensar com as mãos*. Traduzido por E. dos Santos, Casal de Cambra: Caleidoscópio.

Battle, E., 2011. *El jardín de la metrópole: Del paisaje romântico al espacio libre para una ciudad sostenible*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

Baptista, L. V., 2003. Territórios, imagens e poderes. In Cordeiro, G. I., Baptista, L. V., Costa, A. F., orgs., 2003. *Etnografias Urbanas*. Oeiras: Cesta Editora, pp. 35-42.

Bauman, Z., 2009. *Confiança e Medo na Cidade*. Traduzido por E. Aguiar, Rio de Janeiro: Zahar.

Beigel, F., Christou, P., 2012. Da cidade e da sociedade ou algumas notas sobre planeamento urbano e política. *Revista Nu*, 38, pp.30-35, 52-59.

Bins Ely, V., Dorneles, V., 2006. *Acessibilidade Espacial do Idoso no Espaço Livre Urbano*. In: 14^a Congresso Brasileiro de Ergonomia. Curitiba, Brasil 29-2 Novembro 2006.

Bins Ely, V. et al., 2006. *Jardim Universal – Espaço Público para Todos*. In: 14^a Congresso Brasileiro de Ergonomia. Curitiba, Brasil 29-2 Novembro 2006.

Boyer, M. C., 1995. The Great Frame-Up: Fantastic Appearances in Contemporary Spatial Politics. In: Liggett, H., Perry, D. C., eds., 1995. *Critical Explorations in Social/Spatial Theory*, Thousand Oaks, CA: Sage, pp.81-109.

Brandão, P., 2006. *A cidade entre desenhos: profissões do desenho, ética e interdisciplinaridade*. Lisboa: Livros Horizonte.

Bru, E., 1997. *Nuevos territorios, nuevos paisajes*. Barcelona: Museum d'Art Contemporani de Barcelona.

Castro, J. A. B. M., 1998. *Estudo da influência da capacidade de resistência aeróbia na orientação e mobilidade do cego*. Lisboa: S.N.R.I.P.D..

Centro de Estudos Sociais (CES), 2012. *Dicionário das Crises e das Alternativas*. Coimbra: Almedina.

Coelho, P., 2011. *Gonçalo Byrne*. Vila do Conde: Quidnovi.

Colafranceschi, D., 2007. *Landscape + 100 palabras para habitarlo*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.

Eurostat European Commission, 2011a. *Eurostat regional yearbook 2011*. Luxembourg: Publications Office of European Union.

Ferrão, J., 2003. Intervir na Cidade: Complexidade, Visão e Rumo. In: Portas, N., Domingues, A., Cabral, J., 2003. *Políticas Urbanas: Tendências, estratégias e oportunidades*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 218-225.

Ferreira, C., Gomes, C. S., 2012. A Cultura, o Turismo e as Políticas para as Cidades. In: Jacinto, R., ed., 2012. *Patrimónios, Territórios e Turismo Cultural: Recursos, Estratégias e Práticas*. Coleção Iberografias, Vol. 19, Lisboa: Âncora Editora, pp.25-47.

Fields, D. W., 1991. Linhas Adormecidas. In: Dal Co, F., 2001. *Tadao Ando: As obras, os textos, a crítica*. Traduzido por M. Piriquito, Lisboa: Dinalivro, p.495.

Forman, R., 1995. *Land Mosaics: The ecology of landscapes and regions*. Cambridge: Cambridge University Press.

Fortuna, C., 1997. Destradicionalização e imagem da cidade: o caso de Évora. In: Fortuna, C., org.. *Cidade, cultura e globalização. Ensaios de Sociologia*. Oeiras: Celta, pp.231-257.

Fortuna, C., 2002. *Culturas urbanas e espaços públicos: sobre cidades e a emergência de um novo paradigma sociológico*. Revista Crítica de Ciências Sociais, 63, pp. 123-148.

Frampton, K., 2000. *Álvaro Siza: Complete Works*. Londres: Phaidon Press Limited.

Freitag, M., 2004. *Arquitectura e Sociedade*. Traduzido por M. S. Pereira, Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Gomes, C. S., 2007. *Viver no Centro da Cidade: Práticas, Discursos e Representações sobre a Baixa de Coimbra*. Oficina nº280, Coimbra: Oficina do CES.

Gomes, C. S., 2008. Imagens e narrativas da Coimbra turística: Entre a cidade real e a cidade (re)imaginada. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 83, pp.55-78.

Guerra, I., 2003. Tensões do Urbanismo Quotidiano. In: Portas, N., Domingues, A., Cabral, J., 2003. *Políticas Urbanas: Tendências, estratégias e oportunidades*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 236-250.

Hall, E. T., 1986. *A Dimensão Oculta*. Traduzido por M. S. Pereira, Lisboa: Relógio D' Água Editores.

Holl, S., 2007. *Anchoring*. Nova Iorque: Princeton Architectural Press.

Holl, S., 2011. *Cuestiones de percepción: Fenomenología de la arquitectura*. Traduzido por M. Puente, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A..

Jencks, C., 1985. Movimentos Modernos em Arquitectura. Traduzido por J. M. Lima, Lisboa: Edições 70.

Joy, R., 2006. A Delicate Refrain. In: Ngo, D., ed., 2006. *Tom Kundig: houses*. New York : Princeton Architectural Press, pp. 131-133.

Kahn, Louis I., 2002. *Conversa com estudantes*. Traduzido por A. D. Penna, Barcelona: Gustavo Gili.

Kahn, Louis I., 2003. *Escritos, conferencias y entrevistas*. Traduzido por J. Sainz, Madrid: El Croquis Editorial.

Kundig, T., 2006. Preface. In: Ngo, D., ed., 2006. *Tom Kundig: houses*. New York : Princeton Architectural Press, pp. 6-7.

Lassus, B., 2003. *Les Temps du paysage*. Canada: Les Presses de L'Université de Montreal.

Leite, R. P., 2008. *Localizando o espaço público: Gentrification e cultura urbana*. Revista Critica de Ciências Sociais, 83, pp.35-54

Lorzing, H., 2001. *The Nature of Landscape: a personal quest*. Roterdão: 010 Publishers.

Lynch, K., 1990. *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70.

Lynch, K., 1999. *A Boa Forma da Cidade*. Traduzido por J. M. C. A. e Pinho, Lisboa: Edições 70.

Machabert, D., Beaudouin, L., 2009. *Álvaro Siza: Uma questão de medida*. Traduzido por V. Cabrita, Casal de Cambra: Caleidoscópio.

Magalhães, M., 2001. *A Arquitectura Paisagista: morfologia e complexidade*. Lisboa: Editorial Estampa.

McLeod, V., 2008. *Detail Contemporary Landscape Architecture*. Londres: Laurence King Publishing, p.118.

Meyer, P., Voormann, J., 2012. Walls and Furniture... The architecture of Wespi & de Meuron. *a.mag international architecture technical magazine*, 2, pp.7-9.

Montaner, J. M., 2001. *A modernidade superada: arquitectura, arte e pensamento do século XX*. Traduzido por E. P. Silva, C. M. Gallego, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A..

Muga, H., 2006. *Psicologia da Arquitectura*. Vila Nova de Gaia: Edições Gailivro.

Ngo, D., ed., 2002. *Louis I. Kahn: Conversa com estudantes*. Traduzido por A. D. Penna, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A..

Norberg-Schulz, C., 1998. *Intenciones en Arquitectura*. Traduzido por J. S. Avia e F. G. F. Valderrama, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A..

Norberg-Schulz, C., 2000. *Architecture: presence, language and place*. Traduzido por A. Shugaar, Milão: Skira.

Pallasmaa, J., 2002. Thought and Experience in Rick Joy's Desert Architecture. In Jacobson, C., ed., 2002. *Rick Joy: Desert Works*. New York : Princeton Architectural Press, pp.10-21.

Pallasmaa, J., 2006. *Los ojos de la piel*. Traduzido por M. Puente, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL.

Pallasmaa, J., 2011. *The Touch of Light: materiality and tactility of light*. Em: Cooper Union School of Architecture. New York, 5 de Abril, 2011.

Pallasmaa, J., 2011. Paisagens de Educação em Arquitectura: Arquitectura, conhecimento e sabedoria existencial. Traduzido por M. Costa, A. Henriques e B. Baldaia. In: Baldaia, B., ed., 2012. *Pensamento em Forma: dez ensaios sobre arquitectura*. Viseu: Centro Regional das Beiras da Universidade Católica Portuguesa, pp.33-41.

Pedro, D., 2011. *João Mendes Ribeiro*. Vila do Conde: Quidnovi.

Peixoto, P., 2000. Gestão estratégica das imagens das cidades: Análise de mensagens promocionais e de estratégias de marketing urbano. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 56, pp.99-122.

Pesavento, S. J., 2007. Cidades Visíveis, Cidades Sensíveis, Cidades Imaginárias. *Revista Brasileira de História*, 27 (53), pp.11-23

Portas, N., Domingues, A., Cabral, J., 2003. *Políticas Urbanas: Tendências, estratégias e oportunidades*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Purini, F., 2009. *Compor a Arquitectura*. Traduzido por M. D. Silva, Lisboa: ACD Editores.

Relph, E., 1987. *A Paisagem Urbana Moderna*. Traduzido por A. Carvalho. Lisboa: Edições 70.

Rémy, J., Voyé, L., 1994. *A Cidade: Rumo a Uma Nova Definição?*. Traduzido por J. D. de Almeida, Porto: Edições Afrontamento.

Ribeiro, O., 1989. *Opúsculos Geográficos: I Volume: Síntese e Método*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Rodrigues, S. F., 2009. *A casa dos sentidos: crónicas de arquitectura*. Lisboa: ARQCOOP – Cooperativa para Inserção Profissional em Arquitectura, CRL.

Rossi, A., 2001. *A Arquitectura da cidade*. Traduzido por J. C. Monteiro, Lisboa: Cosmos.

Rykwert, J., 2004. *A Sedução do Lugar: A História e o Futuro da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes.

Savi, V. E., Montaner, J. M., 2000. *Less is More: Minimalism in architecture and the other arts*. Barcelona: Colegio de Arquitectura de Cataluña y ACTAR.

Simmel, G., 2001. *A metrópole a vida do espírito*. Traduzido por C. Fortuna. In: Simões, J. F. et al., 2009. *Uma casa para a vida: aplicação do design inclusivo à habitação*. Lisboa: Instituto Nacional para a Reabilitação, I. P..

Siza, A., 1998. *Imaginar a Evidência*. Traduzido por S. da Costa, Lisboa: Edições Setenta.

Távora, F., 2006. *Da Organização do Espaço*. Porto: FAUP publicações.

Teles, P., 2009. *Cidades de Desejo entre Desenhos de Cidades – Boas Práticas de Desenho Urbano e Design Inclusivo*. Porto: Instituto de Cidades e Vilas com Mobilidade.

Weilacher, U., 2008. *Syntax of Landscape: The Landscape Architecture of Peter Latz and Partners*. Berlim: Birkhauser.

Wiens, J., Moss, M., 2005. *Issues and Perspectives in Landscape Ecology*. Cambridge: Cambridge University Press.

Williams, T., Tsien, B., 1999. Lentitud. *2G Revista Internacional de Arquitectura*, 9, pp.129-144.

Wirth, L., 2001. O urbanismo como modo de vida. Traduzido por V. C. Figueiredo. In: Fortuna, C., org., 2001. *Cidade, Cultura e Globalização: Ensaios de Sociologia*. Oeiras: Celta Editora, pp.45-65.

Zumthor, P., 2005. *Pensar a arquitectura*. Traduzido por A. Grabow, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A..

Zumthor, P., 2006. *Atmosferas: Entornos arquitectónicos – As coisas que me rodeiam*. Traduzido por A. Grabow, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A..

FONTES ELECTRÓNICAS

Bedoya, F., 2005. *El Hábitat: Mutaciones en la Ciudad y el Territorio*. [online] Disponível em <www.revistatabularasa.org/numero_tres/gordillo.pdf> [consultado em 15 Novembro 2011].

Berger, A., 2008. *Rápidas mudanças de paisagem, suas causas, e como eles afetam a história da humanidade e da cultura*. [online] Disponível em <http://translate.google.com/translate?hl=ptPT&sl=en&tl=pt&u=http%3A%2F%2Ffindarticles.com%2Fp%2Farticles%2Fmi_hb4910%2Fis_28%2Fai_n30910470%2F> [consultado em 15 de Novembro de 2011].

Frearson, A., 2011. *Folly for a Flyover by Assemble*. [online] Disponível em <<http://www.dezeen.com/2011/07/05/folly-for-a-flyover-by-assemble/>> [consultado em 9 de Outubro de 2012].

Guevara, S., 2003. *Paisajes en evolución: La Arquitectura del Ambiente (desde la perspectiva de un ecólogo)*. [online] Disponível em <<http://www.revista-ambiente.com.ar/imagenes/06-08-03/paisajes%20en%20evolucion.pdf>> [consultado em 12 de Novembro de 2011].

Hanson, J., n.d.. *The Inclusive City: what active ageing might mean for urban design*. [online] Disponível em <discovery.ucl.ac.uk/3319/1/3319.pdf> [consultado em 14 Setembro 2012].

Herzog, C., 2008. *Corredores verdes: expansão sustentável através da articulação entre espaços livres, conservação ambiental e aspectos histórico-culturais*. [online] Disponível em <inverde.files.wordpress.com/2010/08/herzog_cecilia_corredores_verdes.pdf> [consultado em 9 Novembro 2011].

Rocha, A., 2007. *Por uma defesa da compreensão da paisagem*. [online] Disponível em <<https://bdigital.ufp.pt/dspace/bitstream/10284/730/1/7-12Pages%20from%20aObraNasce04.pdf>> [consultado em 9 Novembro 2011].

Rosenberg, A., 2011. *Moerkerke Medicare And Neighborhood Facility / Krill Architecture*. [online] Disponível em <<http://www.archdaily.com/102961>> [consultado em 3 de Outubro].

Saieh, N., 2010. *Casa das Caldeiras / João Mendes Ribeiro e Cristina Guedes*. [online] Disponível em <<http://www.archdaily.com/62876>> [consultado em 7 de Outubro de 2012].

Salgueiro, T., 2001. *Paisagem e Geografia*. [online] Disponível em <http://www.ceb.ul.pt/finisterra/numeros/2001-72/72_04.pdf> [consultado em 23 de Novembro de 2011].

Souza, E., 2006. *Arquitetura e Geometria*. [online] Disponível em <http://www.usjt.br/arq.urb/numero_01/artigo_06_180908.pdf> [consultado em 18 Novembro 2011].

Young, A., Carmo, R., 2007. *Transformações na paisagem, mudanças no uso do solo e planejamento: o sensoriamento remoto como instrumento de análise no caso de Curitiba*. [online] Disponível em <<http://marte.dpi.inpe.br/col/dpi.inpe.br/sbsr@80/2006/11.15.18.44/doc/5551-5559.pdf>> [consultado em 12 de Novembro de 2011].

FIGURAS

Assemble, 2011a. *Folly for a Flyover by Assemble*. [fotografia online] Disponível em <http://assemblestudio.co.uk/?page_id=5> [consultado em 9 Outubro de 2012].

Assemble, 2011b. *Folly for a Flyover by Assemble*. [imagem online] Disponível em <http://static.dezeen.com/uploads/2011/07/dezeen_Folly-for-a-Flyover-by-Assemble_22_1000.gif> [consultado em 9 Outubro de 2012].

Balthazar Korab Photography Ltd, n.d.. *Ecliptic*. [fotografia digitalizada] In: McLeod, V., 2008. *Detail Contemporary Landscape Architecture*. Londres: Laurence King Publishing, p.118.

Bing Maps, 2012a. *Berna, 46°94'84.29"N, 7°4'40.46"O, elevação 250m*. [mapa online] Disponível em <<http://binged.it/RCcjj1>> [consultado em 13 de Outubro de 2012].

Bing Maps, 2012b. *Berna, 46°94'84.29"N, 7°4'40.46"O, elevação 50m*. [mapa online] Disponível em <<http://binged.it/RCe7IR>> [consultado em 13 de Outubro de 2012].

Guerra, F., Guerra, S., 2010a. *Casa das Caldeiras / João Mendes Ribeiro e Cristina Guedes*. [fotografia online] Disponível em <<http://ad009cdnb.archdaily.net/wp-content/uploads/2010/06/1275504812-101.jpg>> [consultado em 7 de Outubro de 2012].

Guerra, F., Guerra, S., 2010b. *Casa das Caldeiras / João Mendes Ribeiro e Cristina Guedes*. [fotografia online] Disponível em <<http://ad009cdnb.archdaily.net/wp-content/uploads/2010/06/1275504614-44.jpg>> [consultado em 7 de Outubro de 2012].

Krill Architecture, n.d.a. *Moerkerke Medicare And Neighborhood Facility / Krill Architecture*. [imagem online] Disponível em <<http://ad009cdnb.archdaily.net/wp-content/uploads/2011/01/1294754267-concept.jpg>> [consultado em 3 de Outubro].

Krill Architecture, n.d.b. *Moerkerke Medicare And Neighborhood Facility / Krill Architecture*. [imagem online] Disponível em < <http://ad009cdnb.archdaily.net/wp-content/uploads/2011/01/1294754255-concept-schemes.jpg>> [consultado em 3 de Outubro].

Liedtke, P., n.d.. The Piazza Metallica. [fotografia digitalizada] In: Weilacher, U., 2008. *Syntax of Landscape: The Landscape Architecture of Peter Latz and Partners*. Berlim: Birkhauser, p.127.



Essentially. More with less

Schüler Award 2012
 Best Building
 Best Building
 Best Building
 Best Building
 Best Building

Urban context
 The building is situated in a dense urban environment, characterized by a mix of historical and modern architecture. The site is bounded by a street on the north and a canal on the east. The surrounding area is a mix of residential and commercial buildings, with a high level of urban density. The building's design is a response to this context, aiming to create a modern structure that respects the historical fabric of the neighborhood while providing a high-quality living environment.

Building concept
 The building is designed as a multi-story residential structure with a central courtyard. The facade is made of concrete, providing a modern and minimalist aesthetic. The interior is designed to be flexible and adaptable, with open-plan living areas and a variety of room configurations. The building is designed to be energy-efficient and sustainable, with a focus on natural light and ventilation. The central courtyard provides a green space for residents, enhancing the quality of life and providing a sense of community.

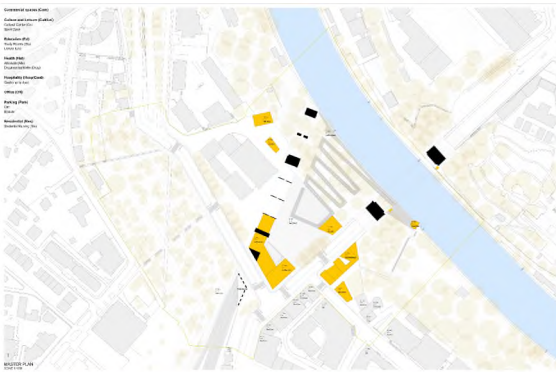
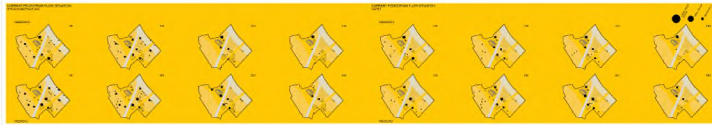
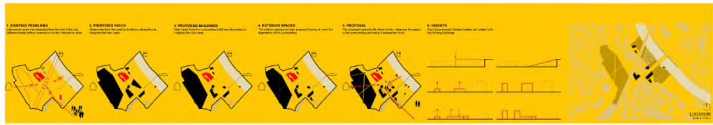


Essentially. More with less

Schüler Award 2012
 Best Building
 Best Building
 Best Building
 Best Building
 Best Building

Distribution of use

Use	Area (m²)
Residential	1000
Commercial	500
Public	200
Green	100
Water	50
Other	50



Essentially. More with less

Schüler Award 2012
 Best Building
 Best Building
 Best Building
 Best Building
 Best Building

Distribution of use

Use	Area (m²)
Residential	1000
Commercial	500
Public	200
Green	100
Water	50
Other	50

Project title: Ein Haus
 The building is designed as a multi-story residential structure with a central courtyard. The facade is made of concrete, providing a modern and minimalist aesthetic. The interior is designed to be flexible and adaptable, with open-plan living areas and a variety of room configurations. The building is designed to be energy-efficient and sustainable, with a focus on natural light and ventilation. The central courtyard provides a green space for residents, enhancing the quality of life and providing a sense of community.



Essentially. More with less

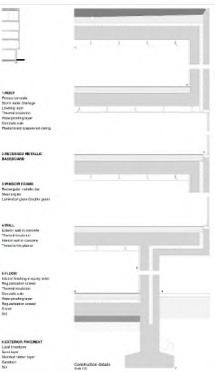
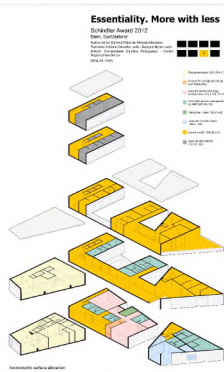
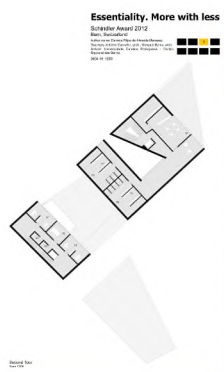
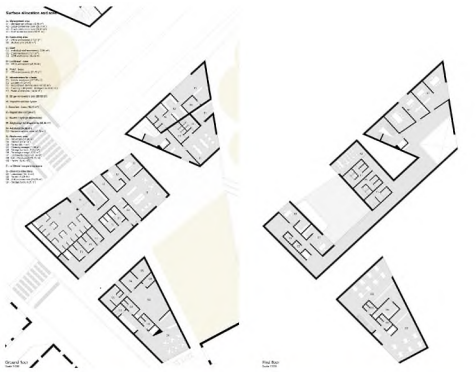
Schüler Award 2012
 Best Building
 Best Building
 Best Building
 Best Building
 Best Building

Distribution of use

Use	Area (m²)
Residential	1000
Commercial	500
Public	200
Green	100
Water	50
Other	50

Project title: Ein Haus
 The building is designed as a multi-story residential structure with a central courtyard. The facade is made of concrete, providing a modern and minimalist aesthetic. The interior is designed to be flexible and adaptable, with open-plan living areas and a variety of room configurations. The building is designed to be energy-efficient and sustainable, with a focus on natural light and ventilation. The central courtyard provides a green space for residents, enhancing the quality of life and providing a sense of community.





Essentiality. More with less

Schindler Award 2012

Beth Shalom
 Beth Shalom
 Alameda de Almeida Meneses
 Teachers, António Carvalho, arch., Gonçalo Byrne, arch.
 School
 Rua do Espírito Santo, 10
 Rossio do Espírito Santo
 0804-01-1555



Urban concept

The intervention is sited in Beiramar, in the northwest area of Beira, more specifically over the Aveiro River and the Beira Litoral. The building is oriented towards the river and the Aveiro Litoral, which is a natural and cultural asset of the city and a source of pride for its inhabitants. From an analysis of the plot and its surroundings, we can assume that the urban fabric is much different around the site, being more compact in the historic centre, which is considered World Heritage by UNESCO, and more dispersed in the surrounding areas.

The site of the intervention seems to be apart from the city and represents a very relevant empty zone, since it is a natural and cultural asset of the city and a source of pride for its inhabitants. The key idea of the proposal was the objective of housing, integrating and making accessible the entire site, creating a new urban fabric that is more compact and integrated with the surrounding urban fabric.

The intervention is a school building, which is a relevant asset (school building). The intervention is a school building, which is a relevant asset (school building). The intervention is a school building, which is a relevant asset (school building). The intervention is a school building, which is a relevant asset (school building).

The proposed intervention is a school building, which is a relevant asset (school building). The intervention is a school building, which is a relevant asset (school building). The intervention is a school building, which is a relevant asset (school building). The intervention is a school building, which is a relevant asset (school building).

The proposed intervention is a school building, which is a relevant asset (school building). The intervention is a school building, which is a relevant asset (school building). The intervention is a school building, which is a relevant asset (school building). The intervention is a school building, which is a relevant asset (school building).

The proposed intervention is a school building, which is a relevant asset (school building). The intervention is a school building, which is a relevant asset (school building). The intervention is a school building, which is a relevant asset (school building). The intervention is a school building, which is a relevant asset (school building).

The proposed intervention is a school building, which is a relevant asset (school building). The intervention is a school building, which is a relevant asset (school building). The intervention is a school building, which is a relevant asset (school building). The intervention is a school building, which is a relevant asset (school building).

Building concept

The new Drogasubstância building develops volumetrically at different levels, embodying the same concept of the intervention. It also seeks to respect the geometric and volumetric alignments of the existing building, which is a relevant asset (school building). The intervention is a school building, which is a relevant asset (school building). The intervention is a school building, which is a relevant asset (school building).

The proposed intervention is a school building, which is a relevant asset (school building). The intervention is a school building, which is a relevant asset (school building). The intervention is a school building, which is a relevant asset (school building). The intervention is a school building, which is a relevant asset (school building).

The proposed intervention is a school building, which is a relevant asset (school building). The intervention is a school building, which is a relevant asset (school building). The intervention is a school building, which is a relevant asset (school building). The intervention is a school building, which is a relevant asset (school building).

The proposed intervention is a school building, which is a relevant asset (school building). The intervention is a school building, which is a relevant asset (school building). The intervention is a school building, which is a relevant asset (school building). The intervention is a school building, which is a relevant asset (school building).



The proposed group of buildings is to create a relation with the pre-existing urban fabric of the site, with the existing fabric, creating a new urban fabric that is more compact and integrated with the surrounding urban fabric.

1. EXISTING PROBLEMS

Dispersed urban fabric, not integrated with the surrounding urban fabric.

Proposed by the client.

2. PROPOSED PATCH

Alignment from the existing building, creating a new urban fabric that is more compact and integrated with the surrounding urban fabric.

Proposed by the client.

3. PROPOSED BUILDINGS

Alignment from the existing building, creating a new urban fabric that is more compact and integrated with the surrounding urban fabric.

Proposed by the client.

4. EXTERIOR SPACES

The exterior spaces are also proposed, creating a new urban fabric that is more compact and integrated with the surrounding urban fabric.

Proposed by the client.

5. PROPOSAL

The proposal consists of the building, the exterior spaces, and the urban fabric that is more compact and integrated with the surrounding urban fabric.

Proposed by the client.

6. HEIGHTS

Also the proposed building heights are related with the existing urban fabric.

Proposed by the client.



LOCATION

SCALE 1:1000

Essentiality. More with less

Schindler Award 2012

Berni, Schindler and
 Architects
 Teachers: Antonio Carralho, arch., Gonçalo Byrne, arch.
 School: Universidade Católica Portuguesa - Centro
 de Estudos Artísticos
 0994-01-1555



Report to Mr Zappa

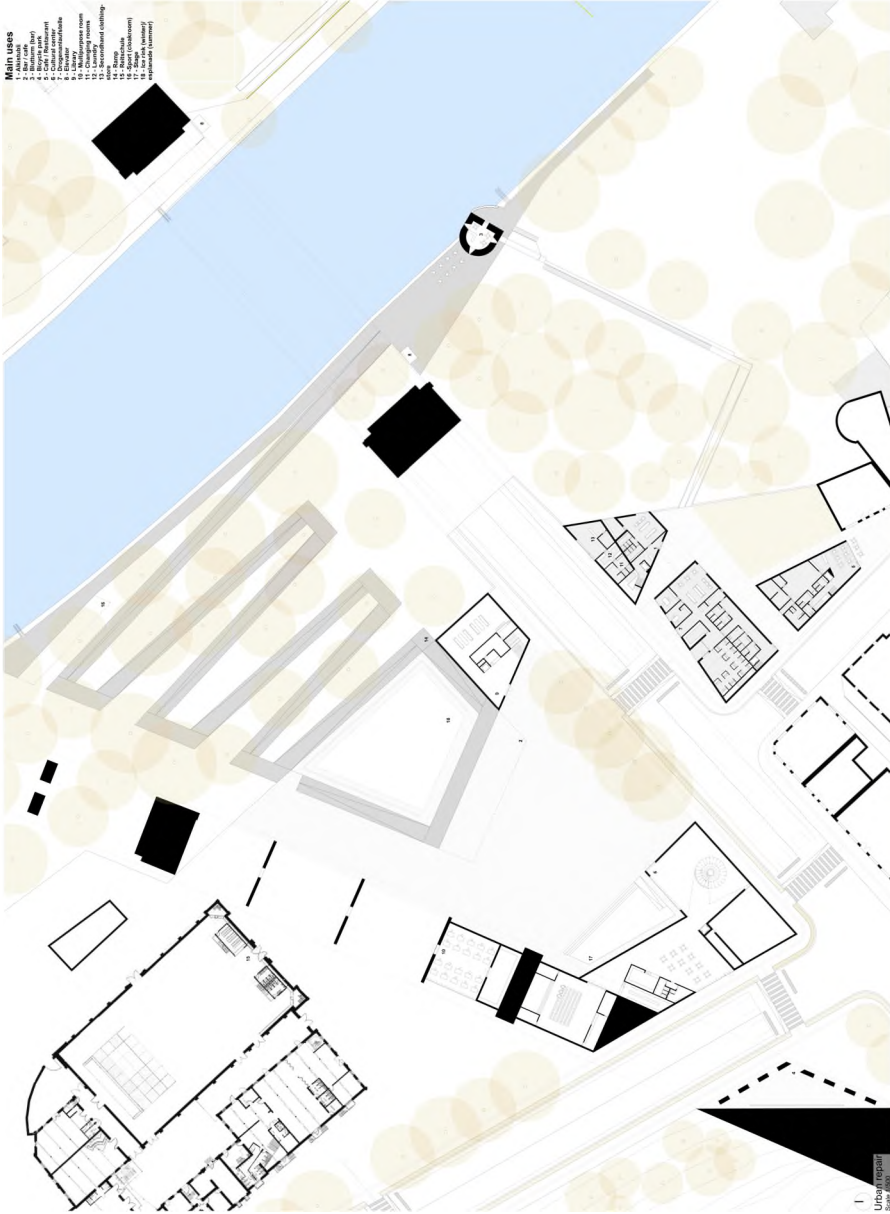
Admitting that Mr. Stalin Zappa is at his apartment at Alerberg quarter and pretends to go to his work in Drogenaustraße at Neustadt quarter, the way he should follow is the following: Mr. Zappa should move towards Lornbachpark to cross to the other side of the river, following a path from his current location (Alerberg). Mr. Zappa should follow the sidewalk, in addition of having a different colour, his tactile paving has also a contrasting colour that will help the orientation.

After crossing the bridge, Mr. Zappa reaches an area that represents an important landmark. The Drogenaustraße building on one side, and on the other side a cultural square, mark the entrance to this part of the city. The aforementioned cultural square has vegetation with contrasting colours that helps identifying the place, and also a characteristic sound of the crowd whistles, steps, and the low noise of the cars engines, that will help the orientation of visual impaired people.

After experiencing all these sensations, Mr. Zappa will continue his way, always following a tactile paving that is present in the entire intervention area. This same tactile paving will guide Mr. Zappa to a place with different colour and texture material, highlighting the location where the Drogenaustraße building is really located.

Afterwards, and following this type of paving, Mr. Zappa reaches a coloured garden area that will give a character to the place, helping a clear identification of the Drogenaustraße entrance.

Lastly, along the entire route there are no physical barriers that hinder Mr. Zappa's movement because the pavement inclination is smooth and continuous. In total, Mr. Zappa travels within the intervention area about 391 meters.



- Main uses**
- 1 - Main park
 - 2 - Main square
 - 3 - Cultural square
 - 4 - Cultural square
 - 5 - Cultural square
 - 6 - Cultural square
 - 7 - Cultural square
 - 8 - Cultural square
 - 9 - Cultural square
 - 10 - Cultural square
 - 11 - Cultural square
 - 12 - Cultural square
 - 13 - Cultural square
 - 14 - Cultural square
 - 15 - Cultural square
 - 16 - Cultural square
 - 17 - Cultural square
 - 18 - Cultural square
 - 19 - Cultural square
 - 20 - Cultural square

Urbanproject
 Scale: 1:500



Schindler
 Scale: 1:500

Essentiality. More with less

Schindler Award 2012

Bern, Switzerland
 Escola de Artes e Artesanato Memens
 Teachers: António Carvalho, arch.; Gonçalo Byrne, arch.
 School: Universidade Católica Portuguesa - Centro
 de Arte e Arquitectura
 09/04.01.1995



- Surface allocation and area**
- A: Main entrance area (14,326 m²)
 - A1: Entrance area (14,326 m²)
 - A2: Entrance area (14,326 m²)
 - A3: Entrance area (14,326 m²)
 - B: Corridor area (18,527 m²)
 - B1: Corridor area (18,527 m²)
 - B2: Corridor area (18,527 m²)
 - B3: Corridor area (18,527 m²)
 - B4: Corridor area (18,527 m²)
 - B5: Corridor area (18,527 m²)
 - B6: Corridor area (18,527 m²)
 - B7: Corridor area (18,527 m²)
 - B8: Corridor area (18,527 m²)
 - B9: Corridor area (18,527 m²)
 - B10: Corridor area (18,527 m²)
 - B11: Corridor area (18,527 m²)
 - B12: Corridor area (18,527 m²)
 - B13: Corridor area (18,527 m²)
 - B14: Corridor area (18,527 m²)
 - B15: Corridor area (18,527 m²)
 - B16: Corridor area (18,527 m²)
 - B17: Corridor area (18,527 m²)
 - B18: Corridor area (18,527 m²)
 - B19: Corridor area (18,527 m²)
 - B20: Corridor area (18,527 m²)
 - B21: Corridor area (18,527 m²)
 - B22: Corridor area (18,527 m²)
 - B23: Corridor area (18,527 m²)
 - B24: Corridor area (18,527 m²)
 - B25: Corridor area (18,527 m²)
 - B26: Corridor area (18,527 m²)
 - B27: Corridor area (18,527 m²)
 - B28: Corridor area (18,527 m²)
 - B29: Corridor area (18,527 m²)
 - B30: Corridor area (18,527 m²)
 - B31: Corridor area (18,527 m²)
 - B32: Corridor area (18,527 m²)
 - B33: Corridor area (18,527 m²)
 - B34: Corridor area (18,527 m²)
 - B35: Corridor area (18,527 m²)
 - B36: Corridor area (18,527 m²)
 - B37: Corridor area (18,527 m²)
 - B38: Corridor area (18,527 m²)
 - B39: Corridor area (18,527 m²)
 - B40: Corridor area (18,527 m²)
 - B41: Corridor area (18,527 m²)
 - B42: Corridor area (18,527 m²)
 - B43: Corridor area (18,527 m²)
 - B44: Corridor area (18,527 m²)
 - B45: Corridor area (18,527 m²)
 - B46: Corridor area (18,527 m²)
 - B47: Corridor area (18,527 m²)
 - B48: Corridor area (18,527 m²)
 - B49: Corridor area (18,527 m²)
 - B50: Corridor area (18,527 m²)
 - B51: Corridor area (18,527 m²)
 - B52: Corridor area (18,527 m²)
 - B53: Corridor area (18,527 m²)
 - B54: Corridor area (18,527 m²)
 - B55: Corridor area (18,527 m²)
 - B56: Corridor area (18,527 m²)
 - B57: Corridor area (18,527 m²)
 - B58: Corridor area (18,527 m²)
 - B59: Corridor area (18,527 m²)
 - B60: Corridor area (18,527 m²)
 - B61: Corridor area (18,527 m²)
 - B62: Corridor area (18,527 m²)
 - B63: Corridor area (18,527 m²)
 - B64: Corridor area (18,527 m²)
 - B65: Corridor area (18,527 m²)
 - B66: Corridor area (18,527 m²)
 - B67: Corridor area (18,527 m²)
 - B68: Corridor area (18,527 m²)
 - B69: Corridor area (18,527 m²)
 - B70: Corridor area (18,527 m²)
 - B71: Corridor area (18,527 m²)
 - B72: Corridor area (18,527 m²)
 - B73: Corridor area (18,527 m²)
 - B74: Corridor area (18,527 m²)
 - B75: Corridor area (18,527 m²)
 - B76: Corridor area (18,527 m²)
 - B77: Corridor area (18,527 m²)
 - B78: Corridor area (18,527 m²)
 - B79: Corridor area (18,527 m²)
 - B80: Corridor area (18,527 m²)
 - B81: Corridor area (18,527 m²)
 - B82: Corridor area (18,527 m²)
 - B83: Corridor area (18,527 m²)
 - B84: Corridor area (18,527 m²)
 - B85: Corridor area (18,527 m²)
 - B86: Corridor area (18,527 m²)
 - B87: Corridor area (18,527 m²)
 - B88: Corridor area (18,527 m²)
 - B89: Corridor area (18,527 m²)
 - B90: Corridor area (18,527 m²)
 - B91: Corridor area (18,527 m²)
 - B92: Corridor area (18,527 m²)
 - B93: Corridor area (18,527 m²)
 - B94: Corridor area (18,527 m²)
 - B95: Corridor area (18,527 m²)
 - B96: Corridor area (18,527 m²)
 - B97: Corridor area (18,527 m²)
 - B98: Corridor area (18,527 m²)
 - B99: Corridor area (18,527 m²)
 - B100: Corridor area (18,527 m²)

Second floor
Scale 1:200

First floor
Scale 1:200

Ground floor
Scale 1:200



Section
Scale 1:200

Schindler Award 2012

Building: Escola Secundária de Almeida Mendes
Location: Vila Verde, Portugal
Architects: António Carvalho, arch.; Gonçalo Byrne, arch.
Client: Associação de Pais e Amadores do Município de Vila Verde
Program: Escola Secundária - Cadelaia - Portugal
Year: 2009
Contact: 0804-01-1555

- 1 2 3 4
- 5 6 7 8



The new Dogaan architectural building develops volumetrically at different levels. It also seeks to respect the parametric and volumetric alignments of the existing buildings with the purpose of achieving a social continuity and a better urban design.



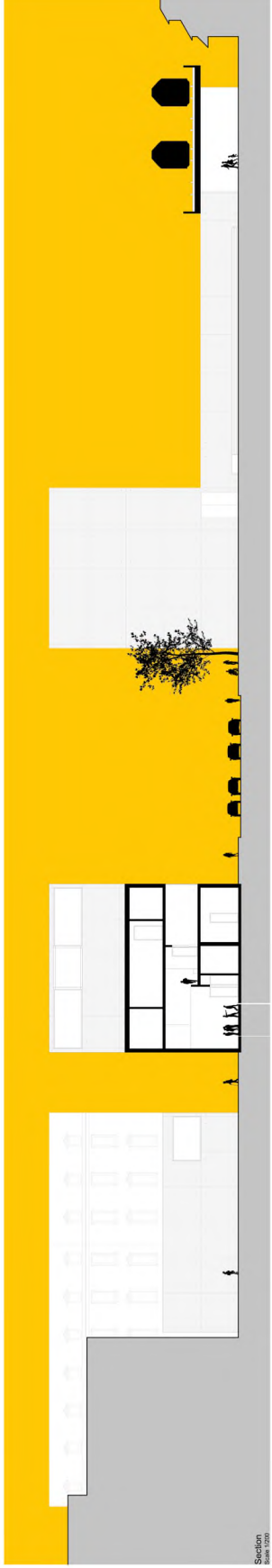
The building seeks a relation with the surrounding landscape and the urban environment of the city.



Different levels of relation (interior-external; between floors).

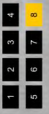


The building seeks not only a relation with the entire surroundings, but also between the interior and exterior.

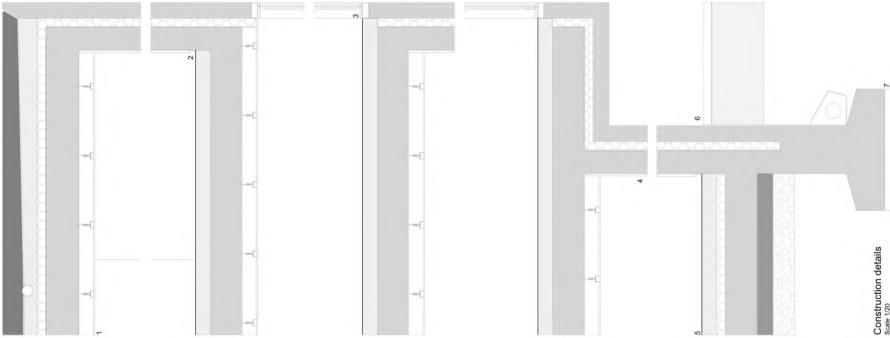


Schindler Award 2012

Bairro da Quinta das Flores
 Avenida da República, 1000-001 Lisboa
 Architects: Duarte Freixo de Almeida Mendes
 Teachers: António Cavaleiro, arch.; Gonçalo Byrne, arch.
 School: Escola Secundária da Quinta das Flores
 Rua da Quinta das Flores, 1000-001 Lisboa
 0934-01-1555



The new Dogmatista building respects the planimetric and volumetric alignments of the existing buildings with the purpose of enhancing a visual continuity and a better urban design.



Construction details
 Scale: 1/20

1. ROOF
 Porous concrete
 Storm water drainage
 Thermal insulation
 Waterproofing layer
 Concrete slab
 Plasterboard suspended ceiling

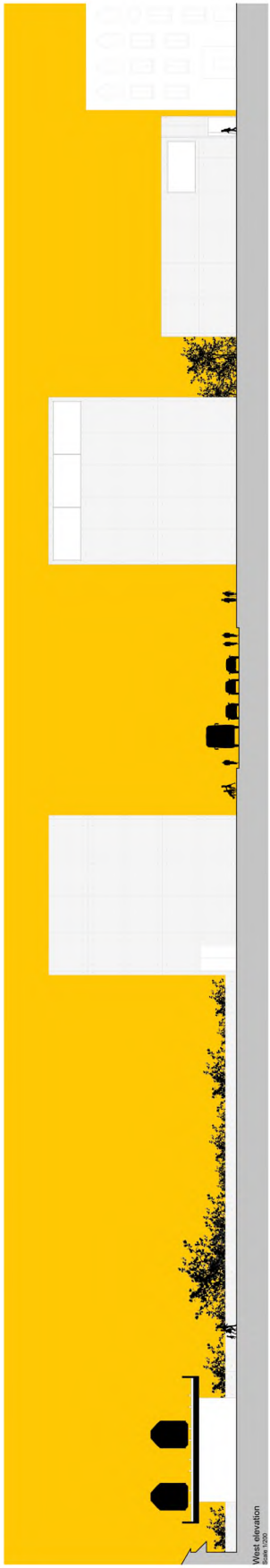
2. RECESSED METALLIC BASEBOARD

3. WINDOW FRAME
 Rectangular metallic bar
 Steel angles
 Laminated glass (double glass)

4. WALL
 Interior wall in concrete
 Thermal insulation
 Interior wall in concrete
 Tinted white plaster

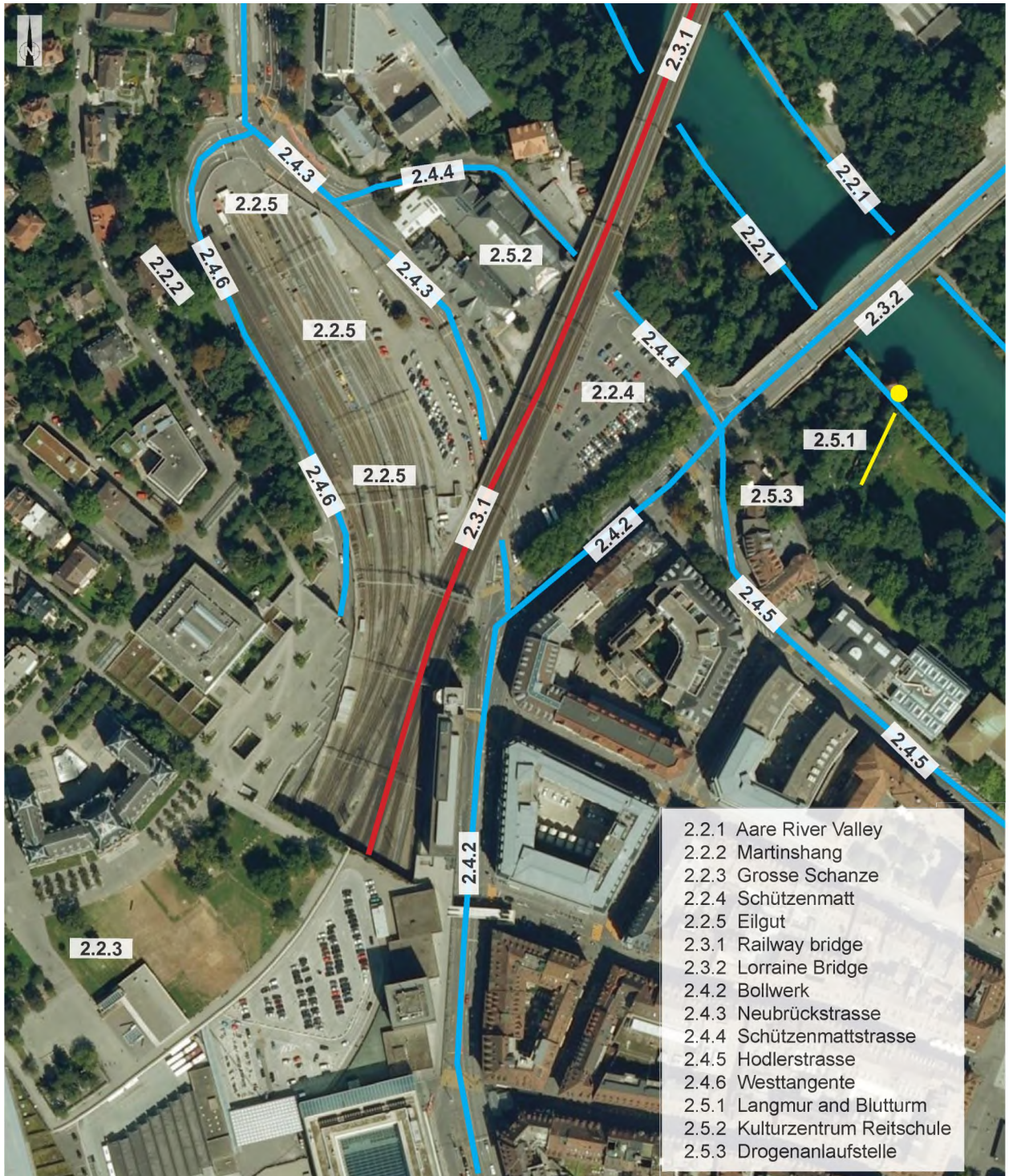
5. FLOOR
 Interior finishing in epoxy resin
 Regularization screed
 Concrete slab
 Waterproofing layer
 Regularization screed
 Interior wall
 Soil

6. EXTERIOR PAVEMENT
 Stone
 Sand layer
 Studed rubber layer
 Gravel
 Soil

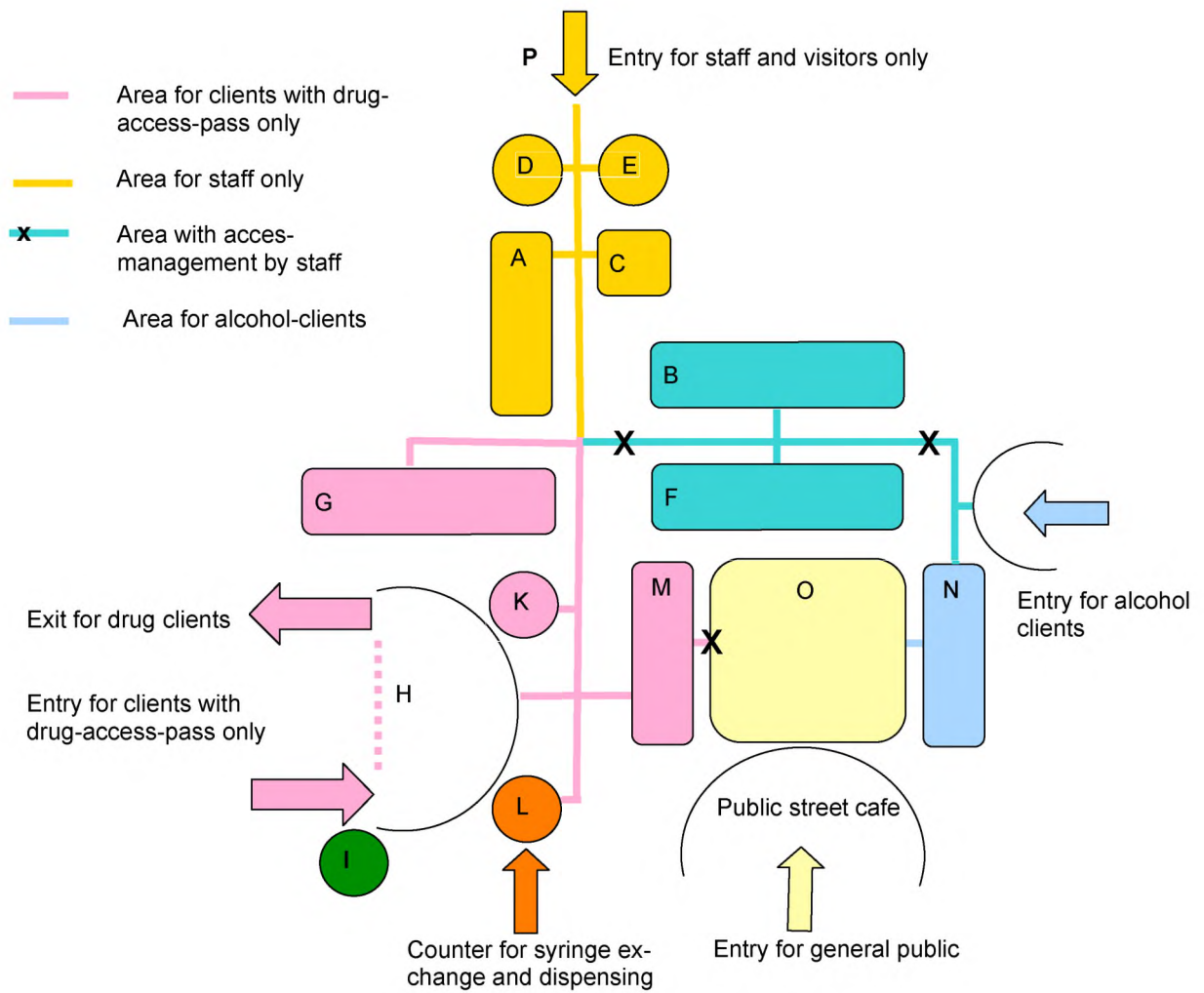


More information
 Scale: 1/200

**ANEXO 2: ELEMENTOS ESTRUTURANTES , ESQUEMA
FUNCIONAL E QUADRO DE ÁREAS MÍNIMAS**



Elementos estruturantes do perímetro de intervenção



- A Management area
- B Consulting area
- C Staff Area
- D ‚La Strada‘ - base
- E ‚Pinto‘ - base
- F Infrastructure for clients
- G Drugs-consumers area
- H Separate outdoor space
- I Securitas - base
- K Registration
- L Access
- M Daylounge for drugclients only
- N ‚Alkistübli‘
- O Restaurant area
- P Parking space for the ‚La Strada‘ bus

Esquema funcional

	function	details	net surface area*
A	Management area	2 management offices, each with 2 office workspaces and meeting tables Large conference room, 16 persons Small conference room 8-10 persons Staff recreation room, Cafeteria (with outdoor area)	15 m2 each 30 m2
B	Consulting area	2 office workspaces with meeting tables Medical care	15 m2 each 15 m2
C	Staff	Individual staff wardrobes Equipmentroom Staff washrooms: (2 ladies-, 1 gentlemen toilets, 1 urinal, 2 showers)	20 m2 12 m2
D	,La Strada' - base	1 office workspace 1 meeting table, store- / equipmentroom	20 m2
E	,Pinto' - base	2 office workspaces, meeting table store- / equipmentroom	25 m2
F	Infrastructure for clients:	2 ladies-, 1 gentlemen toilets, 1 urinal, 2 showers (m/f) Laundry: Tumbler, washing machine, ironing table Secondhand clothing-store Cleaning / utilityroom, storageroom	15 m2 12 m2 12 m2
G	Drugs-consumers area	for registrated clients	80 m2
H	Separate outdoor space	separate entrance and exit, monitored by securitas (private security service)	
I	Securitas - base	counter and equipmentroom	12 m2
K	Registration	Initial contact, registration and initial consultation	12 m2
L	Access	Syringe dispensory, storageroom, separate and direct access from street	
M	Daylounge for drugclients c	including lounge area for women only, connection with restaurant is possible	total 45 m2
N	,Alkistübli'	daylounge for alcohol clients, including lounge area for women only, connection with restaurant is possible Separate outdoor area	total 45 m2
O	Restaurant area	community-center / restaurant / café: 80 seats, separated smoking area streetcafé with 40 seats additional 2 ladies-, 2 gentlemen toilets M, N und O may be connected for special events. Kitchen produces daily 40-60 meals Storage facilities: cold storage + economat beverage storage cleaning storage- and utilityroom	total 90 m2 50 m2 20 m2 10 m2 12 m2
P	Parking space	for the ,La Strada' bus	

* net surface area without circuiation and construction

Quadro de áreas mínimas

ANEXO 3: ÍNDICE DE FIGURAS

52	Fig. 01 Vista aérea da cidade de Berna
66	Fig. 02 Análise da mancha urbana de Berna
68	Fig. 03 Problemas existentes no local de intervenção
70	Fig. 04 Fotografias do local de intervenção
82	Fig. 05 Integração da proposta com a envolvente
89	Fig. 06 Primeiros estudos da proposta
90	Fig. 07 Primeiros estudos da proposta
91	Fig. 08 Primeiros estudos da proposta
92	Fig. 09 Esquemas de evolução da proposta
94	Fig. 10 Planta de implantação
96	Fig. 11 Intervenção Folly for a Flyover em Londres, dos arquitectos Assemble
98	Fig. 12 Piazza Metallica em Duisburg
98	Fig. 13 Intervenção Ecliptic na cidade Gran Rapids em Michigan
102	Fig. 14 Master Plan
104	Fig. 15 Pista de gelo
106	Fig. 16 Novos fluxos que a proposta pode introduzir
106	Fig. 17 Perfis gerais da proposta
108	Fig. 18 Novos fluxos que a proposta pode introduzir
108	Fig. 19 Perfis gerais da proposta
110	Fig. 20 Urban Repair
114	Fig. 21 Primeiros estudos do edifício
116	Fig. 22 Moerkerke Medicare and Neighborhood Facility
118	Fig. 23 Casa das Caldeiras, Coimbra
120	Fig. 24 Volumetria do edifício de apoio aos grupos de risco
122	Fig. 25 Relações interior/exterior do edifício
124	Fig. 26 Relação entre os dois volumes propostos
130	Fig. 27 Relação visual com a paisagem longínqua a partir da sala polivalente
132	Fig. 28 Plantas piso térreo e primeiro piso
134	Fig. 29 Plantas do segundo e terceiro piso
136	Fig.30 Planta do quarto piso

- 137 Fig. 31 Axonometria explodida do edifício proposto
- 138 Fig. 32 Corte transversal onde são visíveis as relações entre alturas e embasamento dos edifícios envolventes (Zona toxicodependentes)
- 140 Fig. 33 Corte transversal onde são visíveis as relações entre alturas e embasamento dos edifícios envolventes (Zona Alcoólicos)
- 142 Fig. 34 Alçado e corte longitudinais onde são visíveis as relações entre altura e embasamento dos edifícios envolventes
- 144 Fig. 35 Alçado Sul onde é visível a relação com a envolvente
- 146 Fig. 36 Relação do jardim e dos edifícios propostos com a envolvente
- 148 Fig. 37 Pormenor construtivo da fachada exterior

